CELACC
Centro de Estudos Latino-americanos de Comunicação e Cultura

CULTURA E COMUNICAÇÃO
PERSPECTIVAS PARA A AMÉRICA LATINA

II Simpósio Internacional
de Comunicação e Cultura – CELACC/ USP

- CELACC -
2007

Copyright c by CELACC
End: CELACC/ECA / USP
Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 - Prédio 8 – sala 27
Cidade Universitária – São Paulo -SP
Tel/fax: 3091 4327
www.eca.usp.br/nucleos/celacc

Organização e Coordenação Geral
Maria Nazareth Ferreira

Edição de textos
Silas Nogueira

Ilustração da Capa
José Maury de Barros – Zémaury

Revisão
Amir Abdala

C968 Cultura e comunicação : perspectivas para a América Latina / Organização e Coordenção Maria Nazareth Ferreira ; Edição de textos Silas Nogueira ; Autores Octávio Ianni ... [et al.]. – São Paulo : CELACC; ECA; USP, 2007.
68 p. ; 21 cm.

ISBN: 978-85-7205-063-0
Trabalhos apresentados no II Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura – CELACC/ USP, 2001.

1. Cultura. 2. Comunicação. 3. América Latina. 4. Mercosul. I. Ferreira, Maria Nazareth. II. Nogueira, Silas. III. Ianni, Octávio. IV. Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura (2. : 2001 : São Paulo, SP). V. Título.

CDU-316.72/.77
CDD-306

SUMÁRIO

Agradecimentos
Maria Nazareth Ferreira 7

Prefácio
Silas Nogueira 9

Conferência de Abertura do II Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura.
Cultura e comunicação no Mercosul: A Unesco, o desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza.
Célio Cunha 23

Mesa Redonda I - Mídia e globalização na América Latina 41

Cultura e comunicação: desafios do Mercosul
Roberto Amaral (mediador), *Muniz Sodré e Luiz Gonzaga Motta* 42

Mesa Redonda II – América Latina: hegemonia, cultura e política 97

Sociedade, Política e Economia no Mercosul
Roberto Amaral (mediador), *Octávio Ianni, Hector* Schmucler, *Emir Sader e Theotônio dos Santos* 98

AGRADECIMENTOS

Este encontro tornou-se possível graças à participação de pessoas e instituições às quais quero agradecer. Primeiramente, aos alunos de pós-graduação, meus orientandos, Elisa Akemi Watanabe, Henrique Alckimin Prudente, Manoela Lopes Lourenço, Moisés dos Santos, Mônica Yukie Kuwahara, Silas Nogueira, Simone Brombay e Soledad Galhardo; ao aluno de pós-doutorado Dennis de Oliveira; aos alunos do curso de pós-graduação, Gerardo Guimarães e Maurício Mello; aos membros do Celacc, Andréia dos Santos, Bruno Fuser, Ricardo Orlando e Shirlene Ribeiro; aos bolsistas do projeto *Identidade cultural e cidadania: o potencial das cidades históricas para o turismo*, Camila Salles de Faria, Fabiana Felix do Amaral e Marcus Rodrigo de Valencia Carvalho; à secretária do Celacc, Gabriela Maria de Carvalho Souza e às funcionárias do setor de serviços da ECA; ao Irineu Fernandes e ao responsável pelo setor de convênios da ECA, Waldeci Soares Lima.

Agradeço ainda às Faculdades Anhembi Morumbi e à UniABC, pela ajuda tanto material quanto humana, na presença de professores e de alunos dos cursos de Hotelaria e de Jornalismo, os quais participaram ativamente, contribuindo ainda com trabalho científicos.

E, principalmente, agradeço ao CNPq que, ao auxiliar este evento, mais uma vez contribuiu para a pesquisa neste país.

A todos, o meu sincero agradecimento.

Prof ª. Dr ª. Maria Nazareth Ferreira

Presidente do CELACC e organizadora do Simpósio

PREFÁCIO

América Latina
História, transformação política e perspectivas no Continente

Texto dedicado a Octávio Ianni.

Silas Nogueira*

A divulgação no Brasil, por um jornal de circulação nacional em 2005, das fotografias de Ernesto Che Guevara, tiradas momentos antes e logo após sua morte, reavivou aspectos da história da América Latina que, como um inquietante rio luminoso, ora cintilam na superfície, ora submergem na terra e na memória, ofuscados pelo delírio dos vencedores, pela ilusão ou pela submissão, equívoco e erro dos vencidos.

Dentre as fotografias, uma supera em significados todas as outras: as mãos do guerrilheiro cortadas e jogadas sobre uma folha de jornal. Na eclosão de sentidos detonada pelo quadro, o que salta como mais revelador é a violência associada à covardia, a estupidez diante do corpo indefeso daquele que, naquele momento, representava, mais que o corpo coletivo dos vencidos, a utopia, a expectativa de transformações e de autonomia.

E esse foi apenas um instante da história que ganhou alguma projeção em função da trajetória, que une mito e ação política, de um dos filhos mais rebeldes do continente. As mãos cortadas do jovem guerrilheiro apenas acrescentam mais sangue em uma história construída sobre cadáveres de índios, de negros, de camponeses, de revolucionários, de mulheres e crianças, enfim, de todos aqueles que, diante da realidade sórdida da exclusão, da fome e das diferentes formas da violência, levantam-se contra o poder e suas diversas facetas e origens.

Uma história que atravessa os séculos e não consegue desvencilhar-se da tortura, dos massacres, das chacinas nem da violência institucionalizada contra os opositores, contra os não-possuidores de bens e força política. Uma história que, a despeito do que se mundializa e globaliza, traz suas particularidades perversas que se manifestam tanto no campo – com a concentração de terras, a morte por exaustão dos trabalhadores nas lavouras do *agronegócio* e a morte de indígenas e de líderes camponeses – quanto nas cidades – com a concentração de riquezas, a violência e o extermínio de pobres, particularmente de adolescentes e jovens negros nas periferias dos grandes centros urbanos.

A divulgação de imagens como as referidas fotografias do Che, considerando-se os sentidos e significados nelas contidos, teria menor significado político se, hipoteticamente, ocorrida há um século e meio ou dois. Isso porque, a despeito

de sua sordidez, estaria revestida de aparente naturalidade em virtude da presença mais comum e freqüente das formas de suplício impostas a negros e índios – sob o estatuto da escravidão – e a rebelados de todos os matizes étnicos e políticos. A prática macabra acompanha a história. Zumbi dos Palmares, Cacique Sepé Tiaraju, Virgulino Lampião e Tupac Amaru, para ficar nos casos mais conhecidos, tiveram seus corpos mutilados após suas mortes.

Já no século XX, as inúmeras ditaduras latino-americanas fizeram da morte e da tortura um importante elemento da política de Estado. As mortes e a dor desse período ainda estão presentes nas mais diferentes qualidades de heranças, lembranças e medos do passado recente. As práticas ainda atingem o chamado cidadão comum, o indivíduo pobre e desguarnecido, quando esse, por algum motivo, cai nas mãos das polícias civis ou militares. Essa essência macabra revigora-se com setores da *mídia* que a alimentam com a exploração dos desejos sádicos, dos sentimentos primários da vingança e da pregação da pena de morte e da redução da maioridade penal para crianças pobres marginalizadas.

Nesses atuais tempos de maquiagem publicitária das realidades e de diversificadas formas de submissão ao liberalismo e à *carnavalesca* e sinistra ciranda do capital financeiro, parece *antimoderno* mostrar esses pilares que sustentam o edifício histórico da América Latina, uma história sobre a qual Octávio Ianni se

debruçou, oferecendo ao mundo uma das mais ricas análises sociológicas do século passado. Mas se, acompanhando Gramsci, entendermos que somos nossa história, não será surpreendente o grito do jovem ou adolescente morto por tiros à queima-roupa na noite das favelas, nem a chacina de presos no Carandiru, nem o massacre de sem-terras em Eldorado dos Carajás ou a morte por exaustão de trabalhadores dos canaviais, que alimenta a política de expansão e mundialização do *biocombustível*.

Surpreendentes são as formas de perpetuação e mesmo de crescimento das desigualdades sociais, da exclusão, do racismo e da violência contra os mais indefesos. Formas que se renovam, travestindo-se e adentrando o que Ianni chamou, em texto publicado aqui, de *novo palco da história*, no qual a *mundialização*, a *globalização*, a *tecnificação* e a *informatização* não trouxeram aos povos latino-americanos e às suas sociedades mais liberdade nem um maior grau de igualdade e autonomia. Ao contrário, a exclusão permanece e cresce junto com a fome e o medo; as carências e as variadas formas de repressão enfraquecem a sociedade civil, inibindo sua efetiva e consciente participação política.

A participação política predominante, afora os redutos marcados pela ação de movimentos sociais, tem-se limitado ao ato de votar e voltar para casa, esperando-se o prometido durante caríssimas e fantasmagóricas campanhas eleitorais e virtuais. Uma

situação que mostra a esgarçadura das frágeis democracias representativas, imersas em farsas, bravatas e corrupção, assim como em engodos, imposturas e discursos distantes das práticas políticas, práticas que reafirmam a submissão ao ideário e às forças que tornaram hegemônicas a cultura e a política denominadas *neoliberais*. Mesmo assim, algumas mudanças – ainda que tímidas, carregadas de defeitos e sem chegar aos alicerces e vigas estruturais da desigualdade – estão processando-se e podem ser aprofundadas ao menos para a criação de novos horizontes, menos frustrantes e decepcionantes do que os atuais.

É nesse contexto, ou melhor, considerando os aspectos mais significativos da história desse continente, que o *II Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura* ganhou importância, tanto pelo momento em que foi realizado, em junho de 2001, quanto pela qualidade do material produzido pelos pensadores ali reunidos.

Ao tomar a iniciativa de publicar os melhores resultados desse simpósio, o Celacc – Centro de Estudos Latino-americanos de Comunicação e Cultura – não apenas leva ao público aspectos significativos do trabalho de um centro de pesquisa e conhecimento, mas também resgata um valioso momento da produção intelectual de pensadores brasileiros e latino-americanos, como Octávio Ianni, Muniz Sodré, Hector Schmucler, Emir Sader, Maria Nazareth Ferreira, Theotônio dos Santos e Roberto Amaral.

A insistência na publicação desta coletânea foi também estimulada pela necessária homenagem póstuma àquele que, por sua vasta obra e por sua trajetória plena de coerência intelectual e política, situa-se entre os principais analistas das sociedades latino-americanas, Octávio Ianni. Sua participação no *II Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura* mostrou, mais uma vez, a profundidade e a clareza de sua crítica.

O tema, que envolve cultura, comunicação e desenvolvimento sustentado no Mercosul, reúne os mais instigantes elementos políticos, ante os quais a compreensão e o enfrentamento têm-se colocado como forte desafio ao pensamento e à ação política na América Latina. Abrange, necessariamente, além da constituição histórica das estruturas de poder no continente, questões como integração e identidade dos povos, as diferentes culturas e etnias basilares das sociedades, as características da sociedade civil em cada país, as estruturas de propriedade dos mecanismos de comunicação e – considerando as relações de dependência – as formas como estão ocorrendo os processos de expansão e concentração de capital na perspectiva da globalização.

Os debates e análises produzidos no *II Simpósio* enfrentaram essa extensa pauta com uma riqueza de elementos diante da qual seria impossível não os divulgar. A clareza na análise das realidades advém do uso, ainda que não explicitado, de uma metodologia com bases críticas e históricas capazes de revelar as

contradições de um continente profundamente marcado pela desigualdade e pela diversidade na formação de suas sociedades.

Importa ressaltar que o *II Simpósio* foi realizado quando alguns fatos históricos de grande importância política ainda não haviam ocorrido ou se concretizado com as características atuais: o governo Chávez na Venezuela, a eleição do petista Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil e a eleição de Evo Morales na Bolívia. Diante disso, as análises aqui publicadas, se não podem ser classificadas como proféticas, mostraram um vigor e uma profundidade que agora puderam ser confirmados pela própria história.

Com algo de pessimismo, sim, como nas análises de Ianni e Schmucler, mas também com fina ironia, como no olhar aguçado de Muniz Sodré sobre a *mídia* e sobre as esquerdas. Emir Sader, além da análise estrutural da capacidade política da sociedade civil, aponta o tamanho dos riscos e desafios para aqueles que se situam no campo das esquerdas, sobretudo no caso de vitória eleitoral sem vínculos mais profundos com os movimentos sociais e demais forças populares. Theotônio dos Santos trabalha a importância da cultura na ação política que levaria a uma real integração latino-americana. Roberto Amaral, além da análise das estruturas de comunicação, aponta a descaracterização das forças de esquerda diante do *marketing* e da ausência de reais compromissos transformadores. Luiz Gonzaga Motta levanta elementos para uma

reflexão sobre o poder da informação controlada pelo grande capital e sua capacidade de criar "verdades" favoráveis ao ideário e às práticas *neoliberais*.

Na análise das relações sociais contemporâneas, é bastante esclarecedora e crítica a constatação de Schmucler de que o Mercosul – Mercado Comum do Sul –, mesmo que possa, uma vez totalmente concretizado, representar algum avanço nas relações propriamente econômicas dos países-membros, não ultrapassa a condição de mercado, de simples instrumento de trocas de mercadorias; inclusive daquelas do campo chamado de cultura, sem rupturas com a mercantilização da vida e da própria cultura. Octávio Ianni acrescenta que a criação do Mercosul atende a interesses de grandes corporações transnacionais e demonstra a fraqueza da ação política dos governos envolvidos diante do poder de expansão do capital no processo de globalização. É diante dessa realidade que Ianni identifica o que chamou de novo palco da história, no qual não é mais possível ignorar a importância dos movimentos sociais, inclusive os de caráter étnico-cultural, para a criação de horizontes, de novas utopias. Essa ausência de horizontes e de utopia, ainda no ano de 2001, tem um caráter de prenúncio das decepções com as formas tradicionais do *fazer político*, inclusive aquelas praticadas pelos governos com rótulo de esquerda que, posteriormente, foram eleitos no continente.

Mas é de Muniz Sodré a crítica mais contundente ao esquema representativo e partidário. Após descrever a ação da *mídia* na criação de cenários ideais com o *espírito* do mercado, Sodré afirma: "Os partidos perderam todo o pudor, são apenas máquinas burocráticas, sem conteúdo nem sentido político."

Emir Sader, que continua com agudo senso crítico diante dos atuais governos latino-americanos, empreende correta análise referente à submissão dos governos aos interesses do capital financeiro. Mostra ainda que nem sempre a vitória eleitoral daqueles que se colocam como esquerda significa de fato uma vitória das forças que almejam a transformação política das estruturas de poder: "Essa esquerda acha que vai ganhar com um bom marketing eleitoral, contratando o candidato mais potável, o Duda Mendonça? Isso está errado. A esquerda só teve um bom desempenho quando mudou a opinião pública, quando fez luta de massa, luta social, luta cultural e mudou os valores. Se ganhar no ano que vem *(2002)* com o clima de hoje, ela será derrotada." Prenúncio?

Na mesma linha, Roberto Amaral afirma que, além da substituição dos valores políticos pelos valores de mercado, pelos valores do *marketing* na sociedade *midiatizada*, "os partidos de esquerda deixaram de ser revolucionários, perdemos a perspectiva da revolução, a perspectiva da ruptura. Os nossos partidos e nossos eventuais candidatos têm a perspectiva de governar um pouquinho melhor a administração neoliberal."

As colocações dos participantes do *II Simpósio Internacional de Comunicação e Cultura*, somadas à análise das experiências e dos processos posteriores que ocorreram e ocorrem na América Latina, mostram que o continente e as forças atuantes que propugnam pela sua transformação não podem prescindir de seus pensadores e analistas. Muito menos podem deixar de renovar e enriquecer as formas do *fazer político*, no sentido de criar e recriar mecanismos capazes de reconhecer e estimular a participação política dos mais amplos setores da sociedade civil de cada país.

O recurso à história de lutas, revoltas, massacres e revoluções, somado à compreensão da inseparabilidade dos conceitos de cultura e política, mostra-se fundamental para o entendimento do que Ianni denominou de novo palco da história. Nesse palco contemporâneo, sustentado pelas velhas mas retocadas estruturas, a pretensa globalização, se almejou a unificação hegemônica das forças e visões de mundo inerentes ao mercado, ao *neoliberalismo*, defrontou-se com a diversidade dos movimentos sociais que são, ao mesmo tempo, políticos e culturais, revelando o quão complexa é a vida político-social da América Latina, mesmo em momentos de fragilidade da sociedade civil no que concerne à atuação e efetiva participação política.

Diante dessa complexidade, não será lendo manuais de Bill Gates, ouvindo conselhos de Delfim Netto nem decorando as cartilhas dos intelectuais do FMI e dos donos do capital financeiro

que se compreenderá a importância histórica de um governo como o de Hugo Chávez para além do que a imprensa comercial denomina de *populismo*. Do mesmo modo, por esses expedientes não se construirá um governo que possa ser chamado de esquerda. Assim como não será com a história contada pela Rede Globo ou pela ex-RTVV e seus analistas que se compreenderá o significado da eleição de Evo Morales na Bolívia.

Sem o conhecimento da história de massacres, de espoliação da prata e do salitre, associada à constante tentativa de extermínio físico e cultural do povo indígena, os incautos podem entender que a nacionalização do gás e das empresas exploradoras do recurso natural é um gesto irresponsável de Morales, um índio que, ao emergir politicamente nas lutas indígenas e, posteriormente, na luta pela derrubada do governo de Sanches Lozada, pela primeira vez colocou um rosto que é espelho dos Andes na direção da política boliviana.

Não, não é irresponsabilidade. O gesto de Morales sinaliza a busca da soberania e a reafirmação das prerrogativas da condição de governante de Estado, posto ao qual ascendeu pela confiança de seus eleitores. Irresponsável é a submissão acrítica à ação hegemônica do capital financeiro que organiza a privatização da vida, das sociedades e dos Estados, orquestrando a acumulação que perpetua a exclusão, como denuncia aqui o sociólogo Emir Sader. O gesto de Morales motiva a ligação da expressão

redescoberta da América com o sentimento de *refundação da Bolívia*, ambos expressos por Eduardo Galeano, o analista que não separa poesia da crítica ferina, nem os rios de água do continente dos rios de sangue que correm no corpo e na terra latino-americanos.

Claro que as reações, tanto a Chávez quanto a Morales e, sobretudo, ao que os dois representam, viriam, na intensidade possível, com a habitual e histórica violência que marca a trajetória do poder na América Latina. Mas o enfrentamento dessa realidade e a manutenção da construção de novos horizontes nesse novo palco da história não serão possíveis sem a consideração da complexidade política e cultural dos povos latino-americanos e da ação dos chamados novos atores sociais que, na realidade, são sujeitos historicamente subjugados, subalternizados e alijados, mediante extrema violência, das decisões e do poder político.

E, se a ação nesse campo político é reconhecida como ação no campo da cultura, a comunicação torna-se um universo por demais importante para permanecer com seus instrumentais coletivos e de grande alcance nas mãos de uns poucos, comprometidos esses apenas com o ideário do mercado, do consumo e do lucro. Se os mecanismos de comunicação, mais do que os partidos, como acentuou aqui Muniz Sodré, assumem na sociedade *midiatizada* a condição de *intelectuais orgânicos coletivos*, devem ser democratizados para que neles passe a existir também o ideário solidário, comunitário e, principalmente, ético e

transformador que alimenta o sentimento dos que elegeram Morales e de todos aqueles que têm a perspectiva de que uma outra sociedade, uma outra América é possível.

E, assim, aqueles que sofrem na pele os ventos e os cortes da exclusão, não serão mais estimulados a sentir vergonha de falar em história e transformação, e as mãos arrancadas do guerrilheiro descansarão em alguma parte do chão dividido da América Latina.

* Mestre em Sociologia, doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, pesquisador do Celacc e membro do Centro Cultural Orùnmilá de Ribeirão Preto –SP.

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Cultura e Comunicação no Mercosul
A Unesco, o Desenvolvimento Sustentável e a Erradicação da Pobreza

Célio Cunha: representante da Unesco no Brasil e assessor para Políticas Educacionais, Educação Básica e Superior da Unesco.

"...defendemos uma indissociabilidade entre cultura e desenvolvimento, afirmando que vários projetos de desenvolvimento fracassaram porque não levaram devidamente em conta as culturas e as histórias culturais que pensam as comunidades, ou seja, não levaram devidamente em conta as identidades. Isso tem uma especial relevância para este debate do Mercosul, bem como para um debate da cultura e comunicação."

Célio Cunha

Agradeço à Prof ª. Nazareth o convite que fez à Unesco. A rigor, deveria estar presente aqui o presidente da Unesco no Brasil, Dr. Jorge Wertheim. Devido a um problema de saúde, ele pediu que viesse representá-lo neste evento, exatamente por sua relevância nas discussões de toda uma sociedade que se *mundializa* hoje num ritmo sem precedentes.

O tema proposto para esta rápida exposição é *cultura e comunicação no Mercosul.* Aliamos a isso a questão do desenvolvimento sustentável. Mas antes de entrar propriamente no tema, eu creio que se torna necessário mostrar de maneira bastante breve algumas das prioridades da Unesco. A Unesco é uma organização das Nações Unidas, agência especializada que atua no campo da educação, da cultura, da ciência e da comunicação. Não é uma agência de financiamento e tem um perfil um pouco diferente de outras agências das Nações Unidas, que atuam em áreas variadas. Mas a Unesco se sente muito à vontade nesta mesa, e o Dr. Jorge me pediu expressamente para fazer essa referência, porque é um ambiente em que a Unesco sempre conviveu, o ambiente da pesquisa, o ambiente universitário, o ambiente crítico.

A Unesco é hoje, graças ao trabalho incansável e à contribuição incansável dos mestres, doutores e pesquisadores das universidades, ou seja, de todos os que tomaram acento nesta mesa logo quando eu cheguei, dos que estão nesse auditório, dos estudantes e da sociedade civil, uma organização que, com mais de cinqüenta anos de existência, surgiu logo após a Segunda Grande Guerra com a missão muito específica de desenvolver uma cultura da paz, mas por intermédio de uma proposição permanente do conhecimento, da cultura e da comunicação, que são, portanto, instrumentos por excelência de sua atuação. A Conferência Geral da Unesco, em sua trigésima sessão realizada em 1999, definiu algumas de suas prioridades, e as mesmas são fundamentais até para demarcar algumas considerações que, ainda que rapidamente, eu terei oportunidade de fazer em seguida.

A Unesco definiu assim sua estratégia global, ou seja, fazer uma forte frente aos problemas da exclusão, orientada à erradicação da pobreza, ao desenvolvimento humano e ao desenvolvimento de uma cultura democrática, a saber, em direção a uma cultura da paz. A rigor, a questão da cultura da paz é aspecto central para a Unesco, porque, conforme insistia seu ex-diretor geral, Frederico Maior, a Unesco tem muitas tarefas, mas tem uma única e grande missão, a saber, ajudar na construção de uma paz duradoura. E a questão da erradicação da pobreza passou a ser um dos principais vetores da organização. Reafirmada agora na trigésima sessão da Conferência Geral da Unesco, essa prioridade surgiu em decorrência das grandes transformações que estão varrendo o cenário internacional nos últimos anos.

Como todos nós sabemos, o fim da dicotomia que marcou a ordem mundial bipolar deixou um panorama desafiador para todas as instituições que nasceram e evoluíram no clima vigente desde a Segunda Guerra Mundial. Esses foros globais deram vida ao que hoje conhecemos como sistema das Nações Unidas, que durante meio século representou a única salvaguarda institucional à potencial ocorrência de uma hecatombe nuclear com o fim da ordem precedente. Durante os últimos dez anos, todas as instituições do sistema foram revisando gradualmente os seus marcos de ação. E foi nesse processo de revisão que a Unesco fixou a erradicação da pobreza como uma das suas principais prioridades, atuando no campo, como já mencionei, da educação, da ciência, da cultura e da comunicação. De forma que, em meio a essas mudanças globais do processo mundial, a Unesco vem mobilizando seu quadro de

especialistas para adaptar-se a esse mundo novo e firmar ainda mais a sua vocação universalista e social nos campos da ciência, dos direitos humanos, da comunicação.

Assim sendo, tornaram-se prioritárias essas questões. Tentamos sintetizar numa única frase , *a erradicação da pobreza e a redução da desigualdade*, os novos marcos de ação da organização. Eu estou fazendo esta introdução para justificar a escolha desse tema que articula cultura, comunicação e desenvolvimento auto-sustentável. Para compreendermos tal tema, na perspectiva da Unesco, tornam-se necessárias algumas considerações breves sobre a própria natureza do desenvolvimento. Algumas reflexões que estão sendo feitas na Unesco, bem como em todo o mundo, procuram colocar hoje a questão do desenvolvimento.

A noção de desenvolvimento atravessou mudanças substanciais no curso das últimas décadas. O escopo dessa reavaliação se restringiu, inicialmente, à arena do debate acadêmico e intelectual, mas contaminou as atitudes daqueles que estão envolvidos na implementação das agendas do desenvolvimento em todo o mundo; responsáveis por decisões governamentais, funcionários internacionais e trabalhadores de organizações da sociedade civil. As mudanças estão patentes nas linguagens utilizadas nas comunidades locais e nas ações de seus representantes para globalizar demandas críticas e sugerir caminhos.

O fenômeno da reavaliação das direções do desenvolvimento reflete crescente desencantamento com os princípios econômicos que dominaram o debate sobre o desenvolvimento no mundo todo, desde o fim das políticas coloniais. A definição dos princípios que guiaram

o fenômeno do desenvolvimento traz à tona, para as próximas décadas, um debate que vai além dos aspectos conjunturais de um dos processos mais significativos da história da América Latina: a construção de um espaço de integração. E, com isso, a ambiciosa agenda dos agentes públicos e privados do Mercosul muito tem a ganhar no debate contemporâneo sobre desenvolvimento, pois a dimensão cultural promete um caminho fértil, até então inexplorado.

O modelo clássico de desenvolvimento é marcado pela noção de que a produção de riqueza é o vetor central de qualquer programa de modificação das condições sociais de uma população determinada. Essa noção, oriunda de um imediato pós-guerra, ganhou uma roupagem contemporânea nas ultimas décadas do século XX, por meio de um receituário fiscal, financeiro e contábil que mostra suas tantas falhas ao ser incapaz de oferecer soluções concretas ao desemprego e ao crescimento, assim como por aumentar a desigualdade em todo o mundo. A busca de alternativas ao modelo predominantemente economicista data dos anos sessenta, quando o sistema das Nações Unidas promoveu um metódico debate sobre o desenvolvimento. O resultado, construído em inúmeras conferências internacionais, foi a evolução do pensamento desenvolvimentista clássico para o conceito de desenvolvimento sustentável, seguido pelo de desenvolvimento humano e, mais recentemente, pelo de desenvolvimento social.

Uma das conclusões mais patentes desse esforço de interpretação é de que não é possível definir um modelo único de desenvolvimento, uma marcha normal para o progresso. Isso ocorre porque os contextos nos quais os programas de desenvolvimento

são implementados não são culturalmente neutros, e os primeiros momentos do século XXI revelam que as prescrições feitas pela comunidade internacional, neste momento de renovação do pensamento, reconhecem o desenvolvimento sustentável como seu maior desafio.

O argumento central sustenta que o crescimento genuíno não deve utilizar recursos mais rapidamente do que possam ser renovados. Se continuar ocorrendo isso, a riqueza de hoje será a causa direta da pobreza de amanhã e, dessa forma, o relatório oferece uma crítica séria à falta de sustentabilidade de certos modelos de desenvolvimento do ocidente. A noção de sustentabilidade é também utilizada para referir-se à capacidade que uma organização ou um conjunto de atividades têm de manter-se no tempo. Desenvolvimento sustentável significa que indivíduos ou grupos tenham capacidade para mantê-lo e melhorar suas oportunidades sociais, políticas e econômicas, sem afetar negativamente as oportunidades terceiras ou de gerações futuras.

O desenvolvimento humano, por sua vez, é um termo que tem sido utilizado por uma metodologia programada das Nações Unidas em seu relatório, que é publicado anualmente desde 1990. O relatório utiliza variáveis quantitativas que não apenas mensuram a riqueza econômica, mas também incluem fatores como discriminação social, saúde, educação, treinamento, liberdade política, etc. O desenvolvimento humano é um processo para expandir as opções de cada indivíduo em seu meio. Os três níveis essenciais dessa concepção são a conduta de uma vida longa e saudável, a aquisição de conhecimento e o acesso aos recursos necessários para garantir

um padrão de vida decente. Se essas opções essenciais não estão disponíveis para os cidadãos, muitas outras oportunidades parecem inacessíveis. A renda é, portanto, uma dimensão no conceito de desenvolvimento.

O desenvolvimento social é um conceito que oferece especificidades às formas em que o desenvolvimento deve definir-se. Seu nascimento, como conceito, ocorreu na Cúpula para o Desenvolvimento Social de Copenhague, em 1995, quando se estabeleceram três prioridades: a erradicação da pobreza, a implementação do pleno emprego e a busca de integração social. Diferentemente do desenvolvimento humano, que focaliza os seres humanos sobretudo como indivíduos, o desenvolvimento social reconhece que a coesão e a integridade da comunidade são condições essenciais para fazer uma transição eficaz da riqueza para a felicidade humana.

Hoje, parece que o mundo ainda não soube encontrar um guia geral e eficaz para a melhoria radical da qualidade de vida de seus cidadãos. No ano passado, a Unesco participou em Brasília de uma tentativa que vem ocorrendo em vários países, conforme vocês têm acompanhado. Na Inglaterra chama-se Terceira Via e nos outros países costuma ter outra denominação. Então, a Unesco se envolveu nesse debate em busca das alternativas de desenvolvimento. Especialistas de várias partes do mundo estiveram em Brasília apresentando as suas reflexões, suas propostas.

Mas, a rigor, ainda não há consenso em relação a uma série de pontos fundamentais. Pontos fundamentais referentes ao aspecto em que um dos diretores da Unesco sempre insistia, ou seja, nós

precisamos encontrar cada vez mais formas de governar a globalização, partindo sempre daquela provocação que a Unesco fez em várias oportunidades, que poucos globalizam e milhões, bilhões são globalizados. A pobreza do mundo, ao invés de se reduzir, tem-se ampliado de forma considerável, o que também explica porque a Unesco se envolveu, continuando empenhada, no debate que procura elaborar modelos alternativos de desenvolvimento.

O desenvolvimento é um processo complexo, prolixo e multidirecional, que vai além do mero crescimento econômico e integra todas as dimensões da vida e todas as energias das comunidades. Os princípios que guiam o desenvolvimento, portanto, devem ser formulados com o rastro dos anseios de cada sociedade, porque somente podem expressar a sua profunda identidade. E a respeito da identidade, é importante chamar a atenção para o *Relatório Mundial de Cultura e Desenvolvimento*, um relatório que a Unesco concluiu há uns quatro ou cinco anos. Nós publicamos esse relatório com o título de *Nossa diversidade criadora*. Em suas teses, defendemos uma indissociabilidade entre cultura e desenvolvimento, afirmando, com bastante contundência, que vários projetos de desenvolvimento fracassaram porque não levaram devidamente em conta as culturas e as histórias culturais que pensam as comunidades, ou seja, não levaram devidamente em conta as identidades. Isso tem uma especial relevância para este debate do Mercosul, bem como para um debate da cultura e da comunicação no âmbito do Mercosul.

Cada um dos modelos de desenvolvimento experimentados qualificou a perspectiva economicista clássica. Cada um deles manteve uma fé indiscutível de que o crescimento dos índices de

produtividade constitui a base do processo de desenvolvimento. Cada um desses modelos propôs, essencialmente, a gestação das condições essenciais para viabilizar o crescimento econômico de longo prazo e proteger a sociedade de seus efeitos negativos. Esses modelos são governados por dois motivos essenciais. O primeiro, a busca do desenvolvimento educativo com base numa forma de desenvolvimento que seria sustentável não apenas em relação ao ambiente natural, mas também em relação aos recursos humanos da sociedade em questão, o que, por sua vez, justifica a utilização dos métodos participativos que fazem escola em todo o mundo. Segundo, a busca de uma certa idéia de justiça representada por uma concepção de bem-estar humano, inclusive por salvaguardas que buscam corrigir a distribuição historicamente desigual da riqueza e das oportunidades.

"A própria invenção do conceito geográfico é recente. O desconhecimento profundo que a sociedade desta região tem de seus vizinhos apenas agrava e dificulta a elaboração de políticas públicas ou privadas que tenham por base um padrão homogêneo de interação."

A busca de um desenvolvimento simultaneamente sustentável e justo levou a consolidar a noção de que as estruturas sociais jogam um papel essencial na garantia de padrões eqüitativos e duradouros no desenvolvimento. Essa percepção fez com que, crescentemente, os responsáveis pela implementação dessas políticas de desenvolvimento percebam o impacto que a cultura

pode ter sobre o resultado final de suas estratégias e seus projetos. Contudo, o corpo teórico e metodológico que alimentou o pensamento sobre desenvolvimento entendia a dimensão cultural de desenvolvimento em termos declaradamente restritos. Tratava-se da cultura como se fosse apenas uma reserva morta de valores, atitudes, crenças e práticas que poderiam eventualmente interferir ou interagir com a concepção e execução dos projetos em desenvolvimento.

A cultura não pode ser reduzida a uma série de elementos discretos que possam ser integrados, quando necessário, em projetos existentes. Ao contrário, a cultura é, isto sim, a perspectiva que imprime valores interativos próprios para a ação. Se incluirmos essa verdade antropológica no quadro de desenvolvimento, certamente teremos que nos preparar para repensar a nossa aproximação com o desenvolvimento em todos os seus aspectos. É, então, plausível pensar que essa é a razão pela qual a dimensão cultural do desenvolvimento, conseqüência lógica de uma nova compreensão da cultura, ainda não tenha sido aplicada sistematicamente.

As principais instituições têm por objetivo promover o desenvolvimento, seja no sistema das Nações Unidas ou no âmbito dos próprios países. Portanto, a cultura é uma noção que não se limita a um conjunto de atividades pontuais vinculadas ao patrimônio e às artes, mas inclui todas as atividades que definem a identidade de uma sociedade ou de um grupo humano específico, ou seja, a cultura é um laço social que define a forma em que um ser se relaciona com os outros. A cultura é o quadro em que as atividades dos grupos são vistas e valorizadas.

Em decorrência, portanto, dessas ponderações, a Unesco, nesse relatório sobre cultura e desenvolvimento, passou a defender uma visão mais holística como condição para se chegar a uma situação adequada, uma visão mais abrangente de cultura e desenvolvimento, do próprio desenvolvimento. Passou a colocar uma condição – e isso é extremamente importante –, a construção de uma ética universal. Essa idéia também é muito cara para a Unesco. Não uma ética a ser buscada nas elites dos países, mas a ética que deverá ser buscada na cultura do povo. A cultura do povo passa a ser, desse modo, uma das principais fontes de construção dessa nova ética. E a construção dessa nova ética é que deve abrir caminhos para um novo modelo de desenvolvimento, certamente também pautado por uma nova consideração, um novo entendimento.

Em outras palavras, talvez aqui a gente possa agregar um novo paradigma. Não mais esse paradigma da modernidade que se engendrou no passado e que deu sustentação a inúmeras direções, sobretudo no Ocidente, a este estado de coisas no qual vivemos hoje. Assim, talvez já estejamos vivendo uma transição paradigmática, dentro da qual temos que pensar um nova ética universal. Isso é tão difícil, talvez uma utopia, e esse talvez seja o motivo pelo qual a maior nação do mundo se negou, recentemente, a assinar o Protocolo de Kyoto.

Então, veja a dificuldade que a própria Unesco enfrenta. Porque toda a história da Unesco foi construída no dia-a-dia de uma luta pelas mais diferentes situações do mundo todo. Uma luta pela dignidade humana. Por isso, ao longo de sua história, sempre participou – liderando, em certo sentido – de uma luta sem tréguas,

para que os diferentes países que lhe pertencem – são 136 os países-membros – pudessem, em suas políticas públicas, incorporar grandes princípios. Diretrizes que foram também publicamente debatidas no âmbito dos países e no âmbito daquelas grandes conferências de cúpula, conferências de especialistas, que a Unesco sempre fez no mundo, seja em relação à erradicação do analfabetismo ou ao papel da ciência no desenvolvimento.

Ainda há dois anos, a Unesco promoveu uma grande reunião em Budapeste, na qual os países se comprometeram a atingir metas importantes nas áreas de ciência e desenvolvimento na educação superior. A Unesco angariou, ao longo de sua história, um patrimônio admirável de conhecimentos, de conhecimentos pela dignidade humana, produzidos publicamente com a participação das universidades, da sociedade civil, dos estudantes e dos mais diferentes segmentos. A Unesco sempre precede qualquer reunião de cúpula, qualquer reunião para discutir um desses assuntos, inúmeras reuniões setoriais e regionais envolvendo os mais diferentes segmentos no mundo todo. A Unesco proclama a necessidade de uma nova ética. Ela angariou, ao longo de sua história, alguns conhecimentos fundamentais para embasar essa nova ética. É claro que essa nova ética depende de várias outras coisas. Eu acho que quanto mais a Unesco tem avançado nessa atribuição, mais o seu espaço está aberto à sociedade civil, porque ela está profundamente consciente de que é preciso avançar, fazer sempre o movimento universal em prol dos direitos humanos, em prol da dignidade humana.

É lógico argumentar então que, se a cultura constitui uma enorme força para o desenvolvimento e para o êxito dos projetos de

desenvolvimento, os fatores culturais precisam ser cada vez mais considerados. E eu me lembro de uma passagem que me chamou a atenção, daquela fase do socialismo ainda romântico, quando Saint-Simon, concebendo uma câmara, alguma coisa semelhante à Câmara dos Comuns, relacionou engenheiros, advogados, vários profissionais que deveriam integrar essa câmara, não se esquecendo de incluir os poetas, detalhe importante que remete à visão global. Então, por esse aspecto, é um pensador com alguma atualidade.

Daí porque a Unesco iniciou uma série de projetos e já tem uma bibliografia muito rica relacionando cultura com as diferentes áreas: cultura e meio ambiente, cultura e agricultura, cultura e educação. Enfim, ela deu início, em Paris, a uma série de reflexões que gradativamente estão sendo publicadas e que nós pretendemos também editar no Brasil, tentando mostrar a importância do *fator cultura* nos projetos de desenvolvimento, de forma a entender que o conceito de desenvolvimento em si é uma cultura e, como qualquer cultura, terá que mudar em seu próprio ritmo.

Não podemos falar ainda de alicerces culturais no Mercosul, porque nós realmente não conhecemos a cultura dos seus países. Nós permanecemos estranhos, somos estranhos na Argentina e os argentinos são estranhos aqui. A própria invenção do conceito geográfico é recente. O desconhecimento profundo que a sociedade desta região tem de seus vizinhos apenas agrava e dificulta a elaboração de políticas públicas ou privadas que tenham por base um padrão homogêneo de interação. Nesta altura dos acontecimentos já era para ser comum, pelo menos no âmbito do Mercosul, a discussão de textos de Graciliano Ramos na Argentina, de Borges

no Brasil e assim por diante. Isso não custa dinheiro e é extremamente fácil.

Embora seja verdade que a globalização, sob a influência de modelos de consumo, provocou certa uniformidade nos modos, comportamentos e estilos de vida, isso não vale para todas as sociedades, nem para todos os grupos dentro de uma sociedade. As formas de interação social em cada um dos países, isto é, a cultura nacional em cada país, dita as bases do seu desenvolvimento porque oferece uma visão de mundo e um mapa para a ação. Essa mesma cultura é a fonte de recursos e materiais que englobam as formas pelas quais as sociedades interpretam os seus problemas e encontram possíveis soluções. A possibilidade histórica de pensar no desenvolvimento dos países da região de forma concertada tem enorme potencial criador.

O estudo comparado das estruturas sociais, econômicas e culturais dos países que compõem o Mercosul poderá, certamente, descobrir eixos de semelhanças e diferenças centrais à garantia do desenvolvimento. Isso porque há necessidade premente de mobilizar os recursos materiais e intelectuais, até para aprofundar os conhecimentos. Desse modo, surge uma pergunta que nós fizemos no âmbito da Unesco e que repetimos aqui, ou seja, qual é o papel da comunicação nessa história? Talvez um dos grandes papéis da comunicação seja o de colocar em circulação esses conhecimentos culturais produzidos pela pesquisa. Colocar em circulação esses pontos de vista diferentes. Acho que é isso que pode inclusive evitar ou, pelo menos, limitar essa padronização, revelando uma das grandes teses da Unesco, igualmente presente nesse relatório: o respeito às diferenças culturais.

E por que esse respeito às diferenças culturais? Nós estamos falando aqui do Mercosul, mas no mundo todo são nada mais, nada menos que 10 mil comunidades diferentes, cada uma com suas maneiras de ser, de pensar e de viver o mundo. É daí que a Unesco, em vários documentos, valoriza essa diversidade cultural criadora, algo extremamente importante. Apenas para dar um exemplo, no Brasil atual existe uma separação entre educação e cultura. Nós não conseguimos pensar ainda numa escola que também seja uma agência de promoção cultural, uma agência de cidadania e uma agência de cultura. Nós não podemos pensar numa política de educação sem, simultaneamente, pensar a cultura. Veja, por exemplo, a questão da repetência no Brasil. Boa parte da repetência no Brasil é o consentimento de uma cultura autoritária e discriminatória. Diante disso, ressaltamos a importância da comunicação como o grande veículo para colocar as culturas do Mercosul em circulação.

Manifesta-se, portanto, outro objetivo, talvez até outra missão da comunicação, ou seja, ter uma forte atuação na produção do diálogo intercultural. Se avançarmos um pouco mais na promoção do diálogo intercultural entre as civilizações, o que é extremamente rico, contribuiremos, em concordância com os propósitos da Unesco, com a construção de uma nova ética, de uma ética universal, de uma nova ética do desenvolvimento vista por essa perspectiva abrangente, visando mesmo à felicidade da pessoa, visando mesmo à plenitude. Daí que o próprio título desse relatório, *Diversidade criadora*, é um título muito feliz, porque a Unesco acredita na criatividade dessas culturas e na relevância desse conhecimento.

Nós estamos, é certo, muito longe disso, até em termos de educação, porque hoje temos um paradigma na educação muito voltado para a competitividade, que esquece os fatores culturais, esquece o ser das pessoas, esquece que as pessoas só têm sentido na vida enquanto sujeito de um processo. Então, hoje nós temos uma educação que acelera a competitividade, e isso está provocando uma enorme alteração de currículo da escola básica à universidade. E nós não estamos prestando a devida atenção nessas alterações que estão surgindo em função de alguns paradigmas extremamente competitivos que, muitas vezes, estão desviando a educação de seu verdadeiro sentido, aquele sentido de acabamento humano que desenvolve a criatividade da pessoa, um desenvolvimento integral da personalidade humana. Isso é educação. Muitas vezes algumas coisas que são confundidas com educação, não são educação, são processos de treinamentos, de instrução, ou até de *encucação* de conhecimento nas crianças e nos jovens.

Certamente até aqui, no âmbito da América Latina, nós temos assistido a uma saudável reação em relação a essas direções. A Unesco representa, no conjunto das instituições internacionais, um dos poucos espaços nos quais esses problemas ainda podem democraticamente ser discutidos, abertamente discutidos. Esse é um espaço importante para ser aproveitado.

Portanto, encerrando essas breves colocações, vejo o Mercosul como um grande laboratório de cultura, desenvolvimento e comunicação. O Mercosul poderia ser esse grande laboratório das novas idéias, um confronto livre de idéias democráticas. Certamente nós temos consciência que, para chegarmos a isso, há a necessidade,

premente no mundo de hoje, de se fazer alguns novos contratos. Certamente não vai ser apenas o contrato social do Rousseau, mas um novo contrato ético, um contrato em relação ao desfrute dos bens produzidos pela humanidade, por essa sociedade do conhecimento. A sociedade do conhecimento só tem sentido se o conhecimento for efetivamente democratizado. E, para que esse conhecimento seja democratizado, nós precisaremos percorrer um longo caminho, ou seja, em termos de educação para todos, de erradicação do analfabetismo. Nós precisamos munir todas as pessoas dos instrumentos para se apropriar também desse conhecimento.

Precisamos, portanto, de um novo contrato em relação à eqüidade. Um contrato ético em relação à eqüidade e um contrato em relação ao máximo de respeito a toda essa diversidade criadora que existe no mundo e também no âmbito do Mercosul. É nesse contexto que vejo o grande papel da universidade. Por quê? Porque a universidade, apesar de todas as justas críticas que possamos fazer-lhe, talvez tenha sido a maior conquista da cultura humana. A universidade, portanto, com todos os defeitos que possa ter, é a instituição mais ética que a sociedade tem. Muito Obrigado!

MESA REDONDA I

MÍDIA, GLOBALIZAÇÃO E AMÉRICA LATINA

CULTURA E COMUNICAÇÃO: DESAFIOS DO MERCOSUL

Participantes da Mesa
Roberto Amaral (mediador): advogado, cientista político, presidente do Cebela (Centro Brasileiro de Estudos Latino-americanos), editor da revista *Comunicação e Política* e professor da PUC- Rio de Janeiro.
Muniz Sodré: escritor, jornalista e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Luiz Gonzaga Motta: escritor, jornalista e professor da Universidade Nacional de Brasília (UNB).

Roberto Amaral – Boa tarde. Retomando os nossos trabalhos, nesta mesa que hoje vou coordenar, vamos discutir *cultura e comunicação no Mercosul*. É um tema muito amplo, e teremos a participação, como expositores, dos professores Luiz Gonzaga Motta, que é autor, pesquisador e professor da Universidade de Brasília, e do professor Muniz Sodré, que é um autor conhecido, pesquisador e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Cada um fará sua exposição sem que haja, em princípio, uma limitação de tempo. Em seguida, nós abriremos os debates na ordem de inscrição que será feita durante a apresentação dos expositores. Antes de passarmos a palavra ao companheiro Luis Gonzaga Motta, em meu nome e a pedido da companheira Nazareth Ferreira, nós precisamos registrar algumas ausências nesta mesa.

Alguns convidados não puderam estar presentes, entre eles o professor Armand Mattelart, que vinha participar deste encontro e

do encontro que faremos no Rio. Há cerca de cinco dias, recebemos uma longa mensagem pedindo desculpas porque compromissos políticos e compromissos com o governo francês, assumidos recentemente, impediam seu deslocamento ao Brasil. O professor Mattelart foi o primeiro a confirmar sua presença e dos primeiros a enviar, atendendo à exigência da Fapesp, o resumo da sua intervenção. Outra ausência que, em face de todos os nossos esforços para evitá-la, só se confirmou como tal ontem é a do companheiro Rafael Roncagliolo. Como eu lembrava ontem à noite, o Rafael faz parte de uma linhagem dos intelectuais de esquerda latino-americanos, dos intelectuais orgânicos. Mais do que um teórico, ele é um militante da política peruana intervindo no processo que o Peru acaba de viver. Podemos dizer que essa ausência foi devido aos seus compromissos no processo democrático peruano, que impediram o seu deslocamento. Nós todos registramos e lamentamos essas ausências. Sabemos que elas vão provocar um desfalque, mas esse desfalque não será maior porque, por sorte nossa, esta mesa contará com as contribuições de Luis Gonzaga e Muniz Sodré. Feitas essas ressalvas, eu passo a palavra ao professor Luis Gonzaga Motta.

"A questão da visibilidade é exatamente aquilo que a mídia negocia, enquanto papel da sua função nessa negociação. É claro que a singularidade da mídia lhe confere também alguma autoridade nessa negociação. Essa autoridade é que vai fazer com que a mídia seja, no fundo, quem define aquilo que pode, aquilo que não pode, aquilo que deve e aquilo que não deve ser colocado no seu próprio discurso, no discurso da mídia. E, assim, é a mídia que, na verdade, embora num processo que não se dá sem intenção, nomeia, é a mídia que aquece, é a mídia que tematiza, é a mídia que arrefece, enfim, é a mídia que cadencia o debate cultural"

Luis Gonzaga Motta

Luis Gonzaga Motta – Inicialmente, eu quero agradecer aos organizadores deste encontro, especialmente ao Celacc, na pessoa da professora Maria Nazareth Ferreira, nossa velha amiga e companheira de muitos anos, e também aos demais organizadores do encontro. É para nós uma honra e um prazer muito grande estar aqui com vocês na tarde de hoje.

Para nossa exposição – dentro do amplo tema do encontro, *Comunicação e Cultura no Mercosul e na América Latina* –, fizemos algumas opções e, naturalmente, não apenas para que a minha intervenção tivesse um rumo mais específico, mas também para que

atendesse um pouco às nossas preocupações mais específicas nesse momento. E, assim, tentarei discutir e trazer para essa discussão algumas preocupações que são muito minhas, que são muito individuais, embora eu tenha um objetivo e não tenha nenhuma pretensão que essas colocações sejam minhas exclusivamente, embora sejam pessoais. Se eu tivesse que dar um título a essa intervenção, daria o título de *Alguns paradoxos* ou *A mídia e alguns paradoxos da dinâmica cultural na América Latina*, ampliando um pouco do Mercosul para a América Latina, num conjunto mais amplo da questão, conforme deixarei mais claro à medida em que for discorrendo sobre o tema.

Talvez eu devesse, antes de tudo, esclarecer alguns pressupostos das questões que vou abordar, alguns pressupostos que sustentam os argumentos que desenvolverei. O primeiro deles, em relação à questão da mídia, é a mídia na contemporaneidade, não apenas na América Latina. Trata-se da centralidade da mídia na questão da cultura contemporânea. Não apenas na cultura, mas a centralidade da mídia na própria dinâmica política e cultural na contemporaneidade e, obviamente, também nos nossos países, cada vez mais. Nesse sentido, eu gostaria de dizer que não vejo, no entanto, a mídia como apenas um espaço das contradições contemporâneas, mas um espaço em que nós assistimos a uma produção de sentidos que, na verdade, é diversificada. Embora, adotando o rótulo colocado pelo Octávio Ianni, nós possamos dizer que, no conjunto de seu desempenho atual, a mídia seja identificada como intelectual orgânico da globalização, eu vou acrescentar a minha questão ao processo de globalização.

Talvez a gente possa sustentar a afirmação de que a mídia, de fato, é o intelectual orgânico do processo de globalização. Intelectual orgânico à medida em que a mídia sustenta, a mídia apóia, a mídia subsidia, a mídia é o veículo da globalização, é o veículo, por excelência, do processo de globalização a que nós estamos assistindo. No entanto, eu acho que é importante que se diga que isso não se faz sem contradições e sem alguns conflitos, os quais são bem interessantes do ponto de vista de uma análise desse processo. Contradições essas que estão no dia-a-dia da mídia, no dia-a-dia daquilo que é reportado, daquilo que é *publicitado* pela mídia.

A mídia não é apenas o lugar em que se produz o sentido do grupo ou dos segmentos hegemônicos da sociedade, mas é também o lugar de confronto. Até porque esse desenvolvimento contemporâneo, essa globalização contemporânea, enfim, essa expansão do capital financeiro internacional, que nós chamamos hoje de globalização, não se faz sem uma série de contradições e, obviamente, essas contradições se refletem naquilo que são os nossos meios de comunicação.

Então, eu acho que é na mídia, mais do que em qualquer outro espaço – embora a mídia não seja um espaço exclusivo dessas contradições –, que se enfrentam as ideologias; é na mídia que se enfrentam os diversos imaginários dos vários segmentos da nossa sociedade; é na mídia que essas oposições se confrontam. A mídia joga, possivelmente, como se tivesse um papel de intermediação desses conflitos. E, nessa expansão do processo hegemônico, que é o processo de globalização – entendido como um processo histórico, como um processo no qual o capital financeiro internacional se estende

para praticamente todos os países do mundo, fazendo com que a sociedade hoje esteja bastante interligada –, as contradições, obviamente, muitas vezes se refletem numa força, numa intensidade muito grande nos meios de comunicação.

Entendida a mídia como um espaço desses confrontos, os grupos, os segmentos que aparecem regularmente na mídia, às vezes com mais intensidade, às vezes com menos intensidade, dependendo da conjuntura de cada momento, estão atuando aí de uma forma estratégica, ou seja, nenhum destes grupos está simplesmente aparecendo na mídia, quer dizer, nenhum divulga ou *publicita* os seus pontos de vista, sua visão de mundo, de uma forma espontânea, puramente espontânea, puramente natural. O que eu quero dizer é que, hoje, todos esses segmentos, de uma forma ou de outra, percebem essa centralidade da mídia e utilizam esse espaço, espaço *midiático*, como um espaço no qual vão fazer seus confrontos, enfim, suas guerras semânticas, seus enfrentamentos eletrônicos.

Portanto, a primeira coisa que eu gostaria de enfatizar é que os conteúdos da mídia são sempre relacionais, ou seja, há sempre alguma coisa que tem a ver com aquilo que está na mídia, não apenas na intencionalidade de quem usa, mas também na relação que esses conteúdos tem com outros conteúdos, com outros pensamentos, com outros imaginários, com outras ideologias que estão em confronto na mídia. Claro que a mídia, por si própria, também tem a sua relação com outros grupos sociais, tem a sua própria singularidade: ela também cobra certos pressupostos dos grupos com os quais se articula, certas concessões, numa negociação que é contínua, embora não muitas vezes explícita.

É claro que a mídia, por si própria, tem também as suas estratégias. Estratégias que ela cobra, que ela impõe na sua relação com esses segmentos sociais, às vezes de uma forma mais clara, mais evidente, mais formalizada, na maior parte das vezes, porém, de uma forma mais implícita e mais sutil. E essas cobranças, claro, são feitas com esses segmentos sociais. É claro que isso não é feito também sem as tensões que são próprias dessa relação de singularidade da mídia com os segmentos sociais.

Quando nós falamos nessa articulação, nessa negociação entre a mídia e esses segmentos sociais, nós estamos falando de uma série de conflitos que, às vezes, são abertos, mas na maior parte das vezes são implícitos, conflitos entre a mídia e os segmentos sociais, que geram uma série de tensões no interior da articulação.

A principal singularidade da mídia talvez seja a sua proposta na questão do jornalismo, mas não apenas na questão do jornalismo, na veiculação da informação. Talvez a singularidade principal da mídia seja o seu papel, a defesa de seu lugar de neutralidade, do seu lugar de intermediação neutra, ou seja, a mídia advoga-se como um lugar, um espaço de neutralidade. Ela defende e reivindica esse papel de neutralidade, até porque é o aparente caráter de neutralidade que confere à mídia a possibilidade de fazer essa mediação entre os conflitos sociais.

O que a mídia oferece, aquilo que a mídia tem em particular, que garante essa aparência, é exatamente a questão da visibilidade. Esse conceito de visibilidade é um conceito que eu gostaria de elaborar um pouco mais. Embora não seja nada novo, é um conceito que, do ponto de vista da análise, merece maior reflexão. Nós precisamos refletir um pouco mais sobre ele. Essa questão da visibilidade é

exatamente aquilo que a mídia negocia, e é claro que a singularidade da mídia lhe confere também alguma autoridade nessa negociação. Essa autoridade é que vai fazer com que a mídia seja, no fundo, quem define aquilo que pode, aquilo que não pode, aquilo que deve e aquilo que não deve ser colocado no seu próprio discurso, no discurso da mídia.

E, assim, é a mídia que, na verdade, embora num processo que não se dá sem intenção, nomeia, é a mídia que aquece, é a mídia que tematiza, é a mídia que arrefece, enfim, é a mídia que cadencia o debate cultural, cultural aqui entendido no sentido mais antropológico da palavra, no sentido em que aquilo que está em negociação são diversas visões de mundo, são diversas colocações de lugares, diversos posicionamentos que se impõem na sociedade e que estão articulados pela mídia, com essa singularidade que eu já mencionei. Então, na negociação dos diversos conflitos sociais, entra a mídia com sua intermediação e suas próprias singularidades, criando com isso a tensão em sua articulação com esses grupos sociais.

Bem, feito então esse preâmbulo, eu entrarei na questão da globalização porque acho que é difícil hoje nós conversarmos sobre qualquer coisa, qualquer produção cultural, qualquer enfrentamento político, sem considerarmos esse processo. Processo que, como todos sabemos, é hegemônico e, na verdade, afeta não só as articulações político-partidárias, as articulações político-formais, mas também a política cultural do ponto de vista do nosso cotidiano, da nossa vida diária, naquilo que cada um de nós faz a cada dia. Vários economistas, sociólogos e intelectuais em geral já se debruçaram, já contaram, escreveram, já fizeram seus relatos sobre o tema da

globalização, mas sempre é bom recordar que a globalização é um processo em que se dá uma expansão do capital financeiro internacional, uma expansão do mercado global, do mercado mundial, afetando definitivamente os Estados Nacionais, a soberania dos mesmos, provocando uma série de mudanças em cada um dos Estados e em cada uma das nações envolvidas.

"Bem, o que ocorre na América Latina? Enquanto se dá essa expansão do capitalismo financeiro – esse individualismo, essa ideologia do individualismo, do consumismo, essa modernidade ou pós-modernidade, como preferem muitos intelectuais –, enquanto se dá esse processo de globalização cosmopolita, dá-se, do lado outro, um processo de exclusão muito acentuado de vários segmentos sociais, um processo de empobrecimento da população."

Por outro lado, a globalização afeta também uma série de outras questões como, por exemplo, a do trabalho, definitivamente marcada e afetada pelo processo no sentido em que quem está empregado, está permanentemente com medo de perder o trabalho; quem perdeu o trabalho e quer voltar ao mercado, tem sempre a dúvida se vai encontrar nova oportunidade; quem está fora, por sua vez, está sempre procurando trabalho. Ou seja, o que eu quero dizer é que, na verdade, a globalização, esse processo de expansão do

capital, afeta definitivamente as relações de trabalho e destrói em grande parte as conquistas trabalhistas, que são conquistas que exigiram anos, décadas e, eu diria, até séculos de lutas, muitas vezes com perdas de vidas ou perdas de todo tipo, enfim, conquistas que custaram grandes sacrifícios para a humanidade. Todas essas conquistas sociais, trabalhistas e, às vezes, corporativas são afetadas por esse processo de globalização que vai transformar a vida de todos nós, nessas relações que nós temos, relações de trabalho.

Há uma desregulamentação generalizada, desregulamentação essa que não apenas atinge a questão do Estado como um todo, a desestatização, o império absoluto do mercado, ou quase absoluto, mas também essas relações trabalhistas que, no fundo, vão afetar a cada um de nós. Mas aqui, de novo, eu gostaria de dizer que isso, claro, não se faz também sem uma série de contradições, para as quais chamo a atenção porque, quando entrar propriamente na questão da mídia, vou desenvolver a argumentação a partir dessas condições que estou procurando realçar na minha fala.

Embora esse seja um processo historicamente inexorável, porque é um processo que hoje é tão abarcador e ao qual não há segmento de uma cidade que, de uma forma ou de outra, consiga escapar, isso se dá de uma forma extremamente contraditória nos países latino-americanos, talvez em todo o mundo, mas especialmente no caso dos países latino-americanos. Na América Latina não somente se passam os fenômenos expostos, sendo talvez a região em que o processo de globalização tem conseqüências perversas

mais profundas, como no que concerne à concentração de renda – nesse sentido, o caso brasileiro é exemplar. Esse é um processo que está ocorrendo em várias partes do mundo, a renda *per capita* média de um país médio do terceiro mundo é de mil dólares enquanto em um país, apenas um único país, a Suíça, é de trinta e seis mil dólares. Então, essa diferença é bastante acentuada mas, pior ainda, essa diferença faz com que esses países, nos quais a renda *per capita* é alta, acabem por ser países que reinvestem cada vez mais, quantias cada vez maiores de investimento produtivo *per capita*. Enquanto o que ocorre nos países periféricos é um investimento cada vez menor em termos de população, investimento *per capita*.

Bem, o que ocorre na América Latina? Ocorre, a meu ver, um processo extremamente avassalador e que não deixa de trazer em seu âmago uma série de contradições. Enquanto se dá essa expansão do capitalismo financeiro – esse individualismo, essa ideologia do individualismo, do consumismo, essa modernidade ou pós-modernidade, como preferem muitos grupos intelectuais –, enquanto se dá esse processo de globalização cosmopolita, dá-se, do lado outro, um processo de exclusão muito acentuado de vários segmentos sociais, um processo de empobrecimento da população. Com isso, nós temos uma série de contradições na sociedade, contradições dinâmicas do ponto de vista cultural e político, que obviamente não podem ser ignoradas em qualquer análise, ainda que superficial, contradições, por exemplo, como a da convivência da modernidade com expressões arcaicas, convivência desse cosmopolitismo com o atraso, uma série de expressões que são

expressões de culturas pré-capitalistas ou, pelo menos, culturas muito pouco afetadas, do ponto de vista de sua organização, pelo capitalismo.

Na América Latina convivem essas dualidades, essas inclusão e exclusão simultâneas, esse processo de incorporação cada vez maior de indivíduos na sociedade consumista, na sociedade individualista, hedonista, enfim, em situações que são próprias do capitalismo avançado, do capitalismo de consumo, do capitalismo de mercado, sem, no entanto, conseguir a eliminação daquilo que alguns autores chamaram de barbárie e que talvez possamos chamar mais apropriadamente de expressões arcaicas, de expressões de ruralidades, daqueles que não só estão propriamente excluídos, mas estão em outros estágios, em outras situações em relação aos seus modos de vida, às suas organizações sociais.

É importante dizer que esse processo ocorre de forma que aquilo que não é próprio da cultura moderna, ou até da cultura pós-moderna, é permanentemente desqualificado pela cultura moderna, especialmente pelo que aparece como a cultura de vanguarda, a cultura midiática, desqualificando-o como ultrapassado, como o não-moderno, como aquilo que seria o indesejável. Isso não é errôneo, mas tem uma força muito grande, uma presença muito grande no atual debate cultural e político latino-americano. Expressões desse tipo são, por exemplo, o que nós qualificamos hoje como cafona. Não há dúvida nenhuma daquilo que é o cafona ou que, contemporaneamente, não é mais chamado de cafona, mas de brega. É verdadeira a expressão desse choque cultural.

É claro que tudo isso, no Brasil, aconteceu nos últimos quarenta ou cinqüenta anos, quando se dá o processo de urbanização, de migração de segmentos importantes da sociedade para o meio urbano, meio urbano este que é um meio de exercício e de prática do mercado por excelência, no qual ocorre a inserção desses segmentos sociais que chegam, que migram para a cidade, que migram com suas concepções estéticas, culturais, que não são aquelas do capitalismo avançado. Concepções inicialmente denominadas de jeca, depois, cafona e que, hoje, chama-se de brega.

Esse brega é, na verdade, um exemplo desse choque cultural, da absorção atabalhoada e parcial que se generaliza no nível do desejo, mas não se concretiza no nível do consumo. Esse consumo, é claro, moderno, feito porém com padrões ainda rurais, ou pré-capitalistas, realiza a inserção e absorção muito rápida dessas culturas ou desses contingentes de imigrantes, produzindo uma cultura híbrida, permanentemente desqualificada como cultura brega, fora de moda, a cultura *country*, ou qualquer outro nome que a gente queira dar. Uma expressão, a mais moderna dessa cultura brega, desse confronto, dessa contradição, é aquilo que hoje já começou a se chamar não mais de brega, mas de cultura *country*. *Country* que já virou uma forma de absorção do brega num processo global, porque o country na verdade é a cultura do *cowboy* americano absorvendo o brega brasileiro, entrando na cultura pré-capitalista urbana brasileira que, a partir de então, é incorporada à modernidade, passando a ser aceita, contudo sem deixar de expressar-se como contradição cultural nesse processo de globalização.

"A mídia tem uma maneira de encarar as coisas, bem como de absorver e de incorporar essas coisas, que é aquilo que alguns teóricos têm chamado de cultura performática, ou seja, é preciso que as pessoas entrem na mídia a partir de uma ação deliberada para ganhar aquilo ao qual me referi antes, a visibilidade."

Retornando à mídia como questão central, pensada como espaço de confrontos, o que eu gostaria de dizer é que a mídia, na sua singularidade, cobra alguns comportamentos, cobra algumas expressões, enfim, algumas representações que são próprias daquilo que é a cultura *midiática*. E, cada vez mais, nós assistimos a uma performance mais permanente, mais constante desses vários segmentos sociais, que assim procedem para que possam, de uma forma ou de outra, entrar nesta modernidade *midiática* e fazer uso do espaço *midiático*. A mídia tem uma maneira de encarar as coisas, bem como de absorver e de incorporar essas coisas, que é aquilo que alguns teóricos têm chamado de cultura performática, ou seja, é preciso que as pessoas entrem na mídia a partir de uma ação deliberada para ganhar aquilo ao qual me referi antes, a visibilidade.

A visibilidade, como eu disse antes, talvez seja um conceito que precisemos recuperar ou elaborar um pouco mais porque, na minha maneira de ver, ele é muito importante para a reflexão desses problemas. A performance, hoje, não é própria apenas daqueles

segmentos que, de uma maneira ou de outra, tenham uma capacidade maior de articulação e de preparação para atuação a partir dessa centralidade da mídia. Essa questão da performance, da atitude performática, é tão forte que o que nós estamos assistindo é a quase todos os segmentos sociais, às individualidades e às coletividades se organizando e se preparando para essa grande performance e, consequentemente, para o ganho de visibilidade que a mídia pode ou não fornecer.

Hoje, é comum que cada um de nós, individualmente, tenha seu próprio marketing. Não é preciso ir muito longe. Eu acredito que, dentro dessa sala, vários de nós poderemos identificar, em nossas vidas cotidianas, diversos momentos nos quais o que na verdade fazemos nada é senão uma preparação para a nossa aparição pública, para o nosso papel público, para nossa performance pública. Hoje é muito comum vários de nós terem, por exemplo, os próprios *personal trainers*, ou seja, muitos de nós temos as pessoas que nos preparam para ter um corpo, uma atuação, uma presença pública que é a presença cobrada por essa cultura *midiática*. Nós nos submetemos a uma preparação individualizada para esse papel público, que é um papel que deve adequar-se às aparências exigidas pela mídia.

E, obviamente, não é só o *personal trainer*, existindo, por exemplo, profissionais altamente especializados em nos proporcionar uma dieta específica. Então nós temos os *personal dieters*, aqueles que preparam para nós, individualmente, uma dieta própria; nós temos aqueles que nos dizem como devemos aparecer, que roupa devemos usar em cada momento; temos ainda outros especializados em orientar

aqueles que precisam escrever ou falar em público; enfim, uma série de *personal helpers*, pessoas que nos ajudam, que nos preparam, fazem com que nós possamos ter uma presença pública de acordo com esse papel performático. Portanto, um papel que é muito mais de atores do que propriamente de pessoas espontâneas entrando nas coletividades.

Essa cultura, essa força, esse papel performático faz com que, na verdade, a vida humana seja um grande palco, um palco em que não estamos mais vivendo, estamos atuando. Nós estamos desempenhando os nossos papéis de atores, e eu estou chamando a atenção para isto, para esta necessidade de uma atuação performática, porque há nisso uma imbricação muito grande com a postura e a singularidade da mídia na sua linguagem, que é, cada vez mais, uma linguagem de entretenimento, expressão que uso na falta de outra melhor.

Todos nós passamos – estou falando aqui das individualidades – a ser produzidos para uma cultura *midiática*. Mas também os grupos sociais, os diversos segmentos, sejam organizações não governamentais, sindicatos, partidos políticos, a Igreja e assim por diante, todos os segmentos sociais estão cada vez mais se imbuindo dessa necessidade, digamos, mercadológica, dessa necessidade de uma presença mercadológica na sociedade, necessidade de produção. E a mídia, é óbvio, é o cenário típico dessa performance, constatação essa que não se restringe à observação dos grandes atores, que são as celebridades e que, evidentemente, têm um papel nesse grande cenário, nessa grande peça, nessa grande performance que é a sociedade hoje. Bastaria lembrar personalidades como

Jacqueline Kennedy, a princesa Diana e a relação que todas as personalidades tiveram com a mídia até nas suas tragédias.

Recentemente nós tivemos o regresso do Ronald Biggs à Inglaterra, e o regresso dele, na verdade, foi uma grande performance, uma performance, inclusive, patrocinada por um jornal londrino que trouxe um avião para levá-lo de volta a Londres, quer dizer, é bastante significativa a construção, a geração de notícias, a construção de sentidos submetidos a essa singularidade da mídia.

Não é só a notícia; tudo hoje é produzido, tudo hoje tem uma produção, é exatamente como uma grande peça teatral ou um grande filme. Portanto, essas coisas acontecem de maneira performática, ou seja, com técnicas teatrais tudo é convertido nessa indústria de entretenimento; do ponto de vista da ação dos grupos sociais, sem dúvida nenhuma, há uma estratégia, no sentido não só político, mas lingüístico do termo, uma estratégia para ganhar visibilidade e, do ponto de vista da mídia, para conquistar audiência.

Bom, com isso eu vou chegando ao fim da minha exposição, mas não quero deixar de citar algumas ocorrências da mídia sobre as quais temos nos debruçado nos últimos meses, e que começam a compor uma pesquisa que estamos desenvolvendo na Universidade de Brasília, que eu pretendo compartilhar com vocês a partir destas questões que estou apresentado.

Essa pesquisa procura tratar de alguns casos, como os publicitários gostam de dizer, de alguns casos que exatamente nos permitem, numa linguagem mais objetivista, mais funcionalista, fazer o nosso teste de hipóteses. Esses casos são os casos em que nós procuramos localizar o confronto entre o global e o local, ou entre o

global e o nacional, ou entre o moderno e o arcaico na América Latina. São casos, por exemplo, como o naufrágio e o salvamento do menino Elián na Costa da Flórida, nos Estados Unidos, que nós acompanhamos e, agora, estamos analisando. Consideramos como um caso exemplar de uso e, se alguém quiser acrescentar, abuso desses conflitos por parte da mídia, desses confrontos que ocorrem na sociedade. Eu vou citar outros e voltarei depois, se for o caso, para falar um pouquinho mais de cada um. Um outro caso que estamos examinando especialmente, com mais cuidado, é o noticiário que ocorreu este ano, no início de 2001, sobre a Marcha dos Zapatistas desde a província de Chiapas até a Cidade do México, analisando a cobertura e o desenvolvimento desse fato pela mídia. Porque, na verdade, ele é um fato *midiático* à medida em que nos chega através da mídia, mas também porque existe uma performance sobre a qual mencionarei alguns detalhes. Enfim, nós estamos examinando o caso do Elián, a cobertura do Movimento Zapatista no México, a cobertura da *Guerra da Vaca Louca*, aqui no Brasil, e a cobertura dos dois fóruns que se realizaram simultaneamente em Porto Alegre.

Por que esses quatro casos? Porque são quatro fatos recentes, quatro ocorrências, quatro acontecimentos recentes que, ao nosso ver, são, exatamente, momentos de enfrentamento, momentos de tensão que assinalam o processo de globalização, processo de expansão, processo de americanização, como talvez seja explícito no enfrentamento entre Cuba e Estados Unidos, no caso do menino Elián. Mas não apenas isso, não vamos reduzi-lo a isso, um caso de expansão capitalista, da ideologia capitalista, da ideologia do grande capital, enfim, da ideologia da globalização e da

Jacqueline Kennedy, a princesa Diana e a relação que todas as personalidades tiveram com a mídia até nas suas tragédias.

Recentemente nós tivemos o regresso do Ronald Biggs à Inglaterra, e o regresso dele, na verdade, foi uma grande performance, uma performance, inclusive, patrocinada por um jornal londrino que trouxe um avião para levá-lo de volta a Londres, quer dizer, é bastante significativa a construção, a geração de notícias, a construção de sentidos submetidos a essa singularidade da mídia.

Não é só a notícia; tudo hoje é produzido, tudo hoje tem uma produção, é exatamente como uma grande peça teatral ou um grande filme. Portanto, essas coisas acontecem de maneira performática, ou seja, com técnicas teatrais tudo é convertido nessa indústria de entretenimento; do ponto de vista da ação dos grupos sociais, sem dúvida nenhuma, há uma estratégia, no sentido não só político, mas lingüístico do termo, uma estratégia para ganhar visibilidade e, do ponto de vista da mídia, para conquistar audiência.

Bom, com isso eu vou chegando ao fim da minha exposição, mas não quero deixar de citar algumas ocorrências da mídia sobre as quais temos nos debruçado nos últimos meses, e que começam a compor uma pesquisa que estamos desenvolvendo na Universidade de Brasília, que eu pretendo compartilhar com vocês a partir destas questões que estou apresentado.

Essa pesquisa procura tratar de alguns casos, como os publicitários gostam de dizer, de alguns casos que exatamente nos permitem, numa linguagem mais objetivista, mais funcionalista, fazer o nosso teste de hipóteses. Esses casos são os casos em que nós procuramos localizar o confronto entre o global e o local, ou entre o

global e o nacional, ou entre o moderno e o arcaico na América Latina. São casos, por exemplo, como o naufrágio e o salvamento do menino Elián na Costa da Flórida, nos Estados Unidos, que nós acompanhamos e, agora, estamos analisando. Consideramos como um caso exemplar de uso e, se alguém quiser acrescentar, abuso desses conflitos por parte da mídia, desses confrontos que ocorrem na sociedade. Eu vou citar outros e voltarei depois, se for o caso, para falar um pouquinho mais de cada um. Um outro caso que estamos examinando especialmente, com mais cuidado, é o noticiário que ocorreu este ano, no início de 2001, sobre a Marcha dos Zapatistas desde a província de Chiapas até a Cidade do México, analisando a cobertura e o desenvolvimento desse fato pela mídia. Porque, na verdade, ele é um fato *midiático* à medida em que nos chega através da mídia, mas também porque existe uma performance sobre a qual mencionarei alguns detalhes. Enfim, nós estamos examinando o caso do Elián, a cobertura do Movimento Zapatista no México, a cobertura da *Guerra da Vaca Louca*, aqui no Brasil, e a cobertura dos dois fóruns que se realizaram simultaneamente em Porto Alegre.

Por que esses quatro casos? Porque são quatro fatos recentes, quatro ocorrências, quatro acontecimentos recentes que, ao nosso ver, são, exatamente, momentos de enfrentamento, momentos de tensão que assinalam o processo de globalização, processo de expansão, processo de americanização, como talvez seja explícito no enfrentamento entre Cuba e Estados Unidos, no caso do menino Elián. Mas não apenas isso, não vamos reduzi-lo a isso, um caso de expansão capitalista, da ideologia capitalista, da ideologia do grande capital, enfim, da ideologia da globalização e da

reação a essa globalização, a partir, obviamente, da visão de que a expansão capitalista, a globalização, não se realiza sem uma série de contradições. Contradições essas que nós podemos localizar, por exemplo, em alguns confrontos entre Estados Unidos e o grande capital; eu acredito que a *Guerra da Vaca Louca* seja um exemplo dessa contradição, é um exemplo de enfrentamento entre um país do Teceiro Mundo, o Brasil, e um país central, o Canadá.

Talvez essa *Guerra da Vaca Louca* tenha a ver com alguns outros momentos desse enfrentamento, como foi, por exemplo, a Guerra das Malvinas, há poucos anos, e a *Guerra da Lagosta*, entre Brasil e França, também há alguns anos. Mas o que eu não quero perder de vista, não quero deixar de comentar aqui, é como se dá a apropriação pela mídia desses casos e, muitas vezes, a própria geração de fatos pela mídia. No caso do menino Elián, talvez valha a pena recordar rapidamente a história.

O menino vivia em Havana, Cuba, com seu pai e passava o fim de semana com a mãe. A mãe tinha um namorado que era balseiro, ou seja, aquele que faz transporte de cubanos que procuram exílio nos Estados Unidos. Esse namorado arma a viagem na qual a mãe pretendia levar o filho para Miami. Na viagem o barco naufraga, melhor dizendo, há primeiro um acidente e, por tal motivo, eles voltam para Cuba. Eram vinte e cinco passageiros. No dia seguinte, dez passageiros desistiram por causa dos problemas do barco. Quinze embarcam de novo, a mãe e o menino entre eles. No meio do caminho, há um problema com o motor, há um problema com o tempo, o barco vira, e as pessoas, contudo, conseguem agarrar-se à embarcação, mantendo-se assim até o limite de suas forças. É bom

recapitular, porque isso estava muito presente na mídia. Pouco a pouco, cada uma dessas pessoas vai largando o barco porque, claro, suas forças se esvaem, e, conseqüentemente, elas morrem afogadas.

O menino é amarrado pela mãe numa bóia junto com outra mulher; essa mulher morre e é parcialmente devorada por tubarões. O menino passa dois dias e meio amarrado à bóia; por razões que nem os médicos sabem explicar devidamente, ele fica apenas meio desidratado, conseguindo sobreviver a esses dois dias e meio amarrado na bóia. Deveria estar inteiramente desidratado pelo sacrifício que viveu, sem comer, sem beber. Enfim, é encontrado por pescadores que o entregam à guarda costeira. A guarda costeira americana, inicialmente, não consegue encontrar ninguém que se responsabilize por aquela criança. Um dos pescadores diz que vai adotá-lo, mas aparecem os parentes do menino Elián, que moram em Miami, e esses parentes levam o menino para o seu convívio.

Pois é! Eu estou contando a história porque ela foi primeira página de todos os jornais. E contando assim, como história mesmo, porque eu acho importante, porque é justamente essa história, ou melhor, a sua composição pela mídia que lhe confere o caráter quase literário ou pseudoliterário. É a construção de uma narrativa pela mídia, de acordo com aquilo que a mídia gosta de fazer. Naturalmente, esse noticiário chega até nós como um conflito internacional, sob a forma, porém, de um romance em capítulos. A mídia romanceia, cria uma estrutura narrativa; é aquilo que eu dizia antes, a singularidade da mídia. Para resumir, há todo um confronto dos parentes em Miami, que já não querem devolver o menino porque acreditam que nos Estados Unidos ele teria uma vida melhor, uma vida mais livre do que

em Cuba. E o assunto vai para o Congresso Nacional Americano. Os senadores se envolvem no conflito. Al Gore[1] era o único senador favorável a que o menino não ficasse nos Estados Unidos, porque, obviamente, o assunto já se transformara em questão política, e Al Gore era pré-candidato naquele momento.

O naufrágio foi em novembro de 99 e esse assunto ficou nas páginas de jornais até julho de 2000, sempre como manchete, sempre como assunto de primeira página, não só pelo episódio que se desenvolvia, mas também pela conotação interna aos Estados Unidos, transformando-se em motivo de disputa entre o Partido Democrata e o Partido Republicano.

Os republicanos, obviamente, defendendo a permanência dele nos Estados Unidos e os democratas assumindo uma posição mais liberal, correspondente à sentença da Secretária da Justiça nos Estados Unidos. Esta, por sua vez, apoiava-se no Serviço de Migração e Naturalização, que mandou um emissário a Cuba, conversar com o pai de Elián, convencendo-se por esse expediente de que o pai tinha uma relação fraternal, paternal, uma relação verdadeiramente afetiva com o filho e, por isso, deveriam devolvê-lo ao mesmo, o que é prescrito pela lei americana na qual, ausente a mãe, o pai biológico tem direito de ficar com a criança.

Há todo um episódio, há toda uma narrativa que é típica da mídia, na qual, obviamente, os conflitos políticos inerentes ao problema não estão ausentes, mas, isto sim, redimensionados na configuração

[1] **N. do E.** Albert Arnold Gore Jr., político norte-americano pertencente ao Partido Democrata, foi vice-presidente da administração Clinton. Em 2000, concorreu à presidência dos EUA e perdeu para George W. Bush.

narrativa e relacionados a outras questões, envolvendo subjetividades sobre as quais talvez seja pertinente dizer algo.

Em Miami, o menino passa a ser considerado o novo Moisés, já que ele foi encontrado e retirado das águas, sendo tratado portanto como aquele que veio para salvar, o condutor da nova sociedade cubana na América. Essas subjetividades também não ficam ausentes em Cuba, onde um "pai de santo", da *santeria* – que é a religião dos negros cubanos, penso que mais ou menos correspondente à nossa umbanda –, jogou seus búzios e disse que, se o menino não voltasse, Fidel Castro cairia. A partir de então, começa um enfrentamento legal e jurídico do governo cubano com os Estados Unidos.

Bom, é nesse sentido que se constrói a trama. As avós não vão encontrar-se com o menino, mas vão primeiramente ao congresso, porque era lá que se travava o duelo; depois elas ficam com as crianças. E o pai, que inicialmente não queria ir lá, posteriormente vai e acaba voltando com o menino para Cuba. Sem dizer, é claro, que o resgate dele na casa dos parentes residentes nos Estados Unidos ocorreu com todo aquele trauma, havendo aquela foto famosa sobre o episódio, que ganhou o prêmio Pulitzer nos Estados Unidos, do soldado entrando com uma arma e arrancando o menino da mão do tio, ou da tia, ou da prima, eu não me lembro agora. Enfim, há nesse episódio uma série de armações, uma composição de fatos, uma construção de fatos enquanto narrativa, uma forma midiática de narrar as coisas, contendo em si uma série de subjetividades.

Eu vou passar rapidamente para a questão dos zapatistas. Sobre os zapatistas, nós vamos encontrar de novo uma série de episódios que estão na mídia e que compõem uma relação simbólica.

Eu estou me referindo, em um primeiro momento, à própria marcha zapatista. É, em si, um ato simbólico, não é preciso muito esforço para recordar que essas marchas têm papel fundamental como ato simbólico. É o caso, por exemplo, da Grande Marcha de Mao Tse-Tung na China. Aqui no Brasil, podemos recordar a Coluna Prestes, a própria *Marcha dos Sem-Terra*, há pouco tempo, sobre Brasília.

Há várias marchas, e eu acho, na verdade, que a Marcha dos Zapatistas também está carregada de simbolismo; a máscara do sub-comandante Marcos, por exemplo, é uma máscara de esqui, sendo que não faz frio em todos os lugares que ele percorre, tampouco ele estaria preso, porque o Fox[2], quando assume a presidência, libera a guerrilha, retira as tropas parcialmente de Chiapas e assina o ato de anistia dos presos políticos, embora nem todos sejam libertados. Há nuances em que não vou entrar, mas ele assina um ato de anistia e alguns rebeldes zapatistas são liberados. E o Marcos, o sub-comandante, continua com sua máscara, mas não só com a máscara: com seu gorro, com seu lenço rasgado e com uma série de símbolos que constroem, em torno dele, uma mística. A mística do guerrilheiro, talvez do guerrilheiro pós-moderno ou do guerrilheiro eletrônico, porque não só há todas essas nuances, mas há também o uso que ele faz da *internet*. Mas eu quero deter-me na figura do comandante.

Por que há tantas fotos do sub-comandante Marcos na mídia? Por que os jornais publicam tanto as fotos dele? Porque, na verdade, ele construiu em torno de si uma mística que é muito própria da cultura *midiática*. Então, por exemplo, numa entrevista a Gabriel García

[2] **N. do E.** Vicente Fox Quesada, presidente do México eleito em 2 de julho de 2000. Pertence ao Partido Acción Nacional (PAN).

Márquez, que pergunta acerca das razões de sua indumentária, dos aparelhos de comunicação e do uso simultâneo de dois relógios, ele respondeu, particularmente a essa última questão, que um deles marcava o tempo desde sua chegada a Chiapas e o outro conta o tempo desde que Fox concedeu anistia e afirmou que aprovaria a Lei dos Direitos Indígenas. Concluiu afirmando que quando não mais houvesse necessidade de calcular tais tempos, chegaria ao fim o seu trabalho.

Na verdade, não há necessidade objetiva que possa justificar a utilização de dois relógios, mas ali está o comandante Marcos carregado de um simbolismo. Enfim, o dado para o qual eu queria chamar a atenção é que importa não apenas que se considere, na análise desses episódios, o conflito ideológico em si, o conflito político e as objetividades históricas desses conflitos, mas um aspecto que tem sido negligenciado e que eu acho significativo, o das subjetividades.

Nós, que estamos no papel de analistas, de pesquisadores, de investigadores, devemos começar a considerar que as subjetividades são um componente importante para o exame dessas questões. Eu não saberia dizer até que ponto isso decorre dessa presença, dessa onipresença, dessa centralidade da mídia, ou se, levando em consideração a questão da performance, é uma coisa que vai além da mídia em si.

O que eu gostaria de enfatizar, portanto, é essa necessidade de ampliar os termos da análise. Nas últimas décadas, as nossas reflexões centraram-se muito na denúncia ideológica, no empenho de desmistificar a mídia enquanto instrumento de segmentos dominantes, mas prestamos muito pouca atenção nessas subjetividades, nesses imaginários coletivos que são tão fortes na América Latina, que são tão presentes na nossa cultura. Uma cultura que muitas vezes é

neobarroca. Não é à toa que na América, na América Latina especialmente, desenvolveram-se formas musicais como os chamados boleröes, o samba-canção brasileiro, o tango argentino, que, em síntese, são histórias de dramalhões. E o dramalhão, aliás, é um nome próprio, apropriado para a definição de um cinema latino-americano que agora saiu um pouco de moda, como o cinema de autor, que foi tão presente na nossa cultura; de uma literatura que é tida como surrealista, mas que não é exatamente surrealista, estando muito mais próxima do realismo fantástico, ou seja, comportando uma característica que é muito propriamente nossa e que, talvez, esteja exprimindo-se agora na mídia. Por tudo isso é que penso ser necessário prestar um pouco mais de atenção nessa questão do imaginário e das subjetividades. Muito obrigado.

"A mídia, em si mesma, já é uma forma de consciência [...] É um tipo de intelectual coletivo, de consciência própria. E os efeitos políticos? Eu diria que ninguém vota num político televisivo, um político que a televisão escolha, porque a TV manda à maneira manipuladora do "grande irmão" do George Orwell, em 1984, mas vota, sim, porque escolhe a partir de um cenário. A TV cria um cenário com notícias convenientemente editadas, com dramas, com espetáculos, com entrevistas, com documentários."

Muniz Sodré

Muniz Sodré – Começo ressaltando a existência de campos, de esferas, diferenciando o que chamo de real tradicional, oposto a esse espaço e a essa realidade que é construída por esta esfera que é propriamente *midiática* ou virtual. Eu tenho procurado desenvolver essa posição de uma maneira mais extensa, que não cabe aqui. Vou pegar apenas um aspecto, de um recente trabalho meu, que deve sair pela editora Vozes até o final do ano e que se chama *A antropológica do espelho*. É um estudo sobre comunicação linear e em rede. Para poder introduzir o assunto de que tratarei aqui, vou antes apresentar minha visão em linhas gerais. Apenas para introduzir.

Na ética de Aristóteles, quando fala dos modos de sociabilização, quando fala das formas de vida, ele se refere a três formas de vida, três modos de existência dentro da pólis, em qualquer sociedade organizada. Primeiramente ele define o *bios theoretikos*, a esfera do conhecimento, depois ele fala de *bios politikos*, que é a esfera da sociabilidade política e, finalmente, a terceira esfera, o terceiro *bios*, chamada de *bios apoloaustikos*, que é a esfera do prazer, dos sentidos, da sensualidade, da sensibilidade. Aristóteles afirma que a existência humana se passa dentro dessas três esferas, dentro desses três *bios*, e eu me dei conta de que há uma quarta esfera contemporânea, quer dizer, que o capitalismo internacional e seu mercado correspondente produziram uma quarta esfera em especial, que chamarei de *bios virtual* ou de *bios midiático*.

O que significa? Significa uma outra esfera de vida, uma outra esfera de existência, um modo de existência com regras próprias, com códigos próprios e que se caracteriza, com relação aos outros

bios, por uma certa atrofia social, usando a expressão de Matellart[3]. Trata-se de uma certa flutuação, por cima das querelas, das contradições, dos confrontos reais, reais no sentido de históricos, marcados pela política e pela economia tradicionais. Tudo indica que é um *bios* parasitário, de alguma forma também real, mas com regras próprias, um código próprio, que flutua sobre os modos contraditórios que caracterizam a representação tradicional.

Portanto, este outro *bios*, o *bios virtual*, acompanha e define, no meu modo de ver, os meios de comunicação, define a mídia. Afinal, o que nós chamamos de mídia ou meios de comunicação não é tecnologia, quer dizer, não se define pela técnica, não é também o conteúdo contraditório. Então, como definir?

Por exemplo, o que é *Rock'n'Roll*? O que é *rock*? O *rock* não é música. É o *swing wistener blues*, tecnicamente. Musicalmente é o *wistener blues* transformado em *swing*, que os negros americanos dançavam vinte anos antes de o rock fazer sucesso. Litle Richard, Check Berry e muitos outros dançavam o ritmo que nunca explodiu na sociedade americana, ficando restrito aos negros. Quando o disco parecia condenado, porque aquele de 78 rotações era anacrônico, quebrava-se, já não prestava, parecia que, no mínimo, desapareceria, inventaram o disco de 33 rotações, mais o *disc jóquei*; isto significa, *rock in roll* é *wistener blues* mais mercado.

Para definir a mídia, nós temos que considerar o suporte técnico, considerar suas regras técnicas, considerar o seu mercado e

[3] **N. do E.** Armand Mattelart, autor belga radicado na França. Viveu muitos anos na América Latina. Organizou e produziu vasta obra na qual se destacam *A ideologia da dominação em uma sociedade dependente* (1970), *Pato Donald, Comunicação de massa e colonialismo* (1971) e *História das teorias da comunicação* (1997).

o capitalismo transnacional. Então, mídia é o suporte técnico – seja qual for, jornal, televisão, rádio, qualquer que seja o específico – mais mercado, mais capitalismo transnacional. Então significa que *midium* é isso e, caso se queira, pode-se chamar de meio circundante, porque a mídia é uma outra esfera especial. A mídia é uma outra esfera, é uma mediação *tecnologizada* com regras próprias. Nesse sentido, eu não a vejo tanto como um lugar de confronto, a não ser de interpretações já combinadas pela forma. Ao contrário, ela própria, enquanto esfera virtual, confronta-se com outras esferas, estas, sim, definidas em geral pela política, pela economia. Portanto, os estudos de comunicação pecaram e pecam por uma perspectiva metodológica dependente das ciências tradicionais, da sociologia, da política.

Eu diria: a mídia não tem nada a ver com isso. Ela rigorosamente não tem nada a ver com a sociologia, com a psicologia, com a antropologia, embora beba de todas essas ciências. Ora, é colocando essa primeira perspectiva dos estudos metodológicos que eu quero examinar a questão dos efeitos dessa esfera virtual, dos modos de interferência da mídia, pensados na questão da sociedade brasileira no Mercosul. Sem dúvida nenhuma, há intersecções com o real, o tradicional, com a cotidianidade que atravessamos.

"Na verdade, a TV cria uma espécie de agenda subreptícia do que deve ser o político ou do que o político deve fazer para o eleitor se tornar compatível com a modernidade, apregoada pela economia de mercado que, por sua vez, sustenta a televisão."

Eu quero discutir a questão dos efeitos políticos, a questão da política com a mídia na sociedade brasileira. A primeira coisa a se notar é que não há linearidade entre a mídia e a sociedade global, porque a própria mídia – hoje, com a internet, plenamente configurada como realidade virtual – já é uma forma de consciência coletiva, é um modo específico de produzir efeitos. A hipótese de manipulação, como argumenta Enzensberger[4], para mim não se sustenta em política. Pode-se manipular, como a Globo manipulou em relação ao Brizola, em relação ao Lula, mas não é esse o ponto fundamental. A mídia, em si mesma, já é uma forma de consciência, uma manipuladora de consciência, ela é uma consciência entre outras. É um tipo de intelectual coletivo, de consciência própria. E os efeitos políticos? Eu diria que ninguém vota num político televisivo, um político que a televisão escolha, porque a TV manda à maneira manipuladora do *grande irmão* do George Orwell, em 1984, mas vota, sim, porque escolhe a partir de um cenário. E eu repito: um cenário. Sobre isso, há um excelente estudo do senhor Marcos Vinícius. Eu acredito que o senhor Gonzaga também participou de estudos desse tipo.

A TV cria um cenário com notícias convenientemente editadas, com dramas, com espetáculos, com entrevistas, com documentários. Na verdade, cria uma espécie de agenda sub-reptícia do que deve ser o político ou do que o político deve fazer para o eleitor se tornar compatível com a modernidade, apregoada pela economia de mercado que, por sua vez, sustenta a televisão. Ora, mas alguém pode votar num determinado político simplesmente

[4] **N. do E.** Hans Magnus Enzensberger, pensador alemão, autor de, entre outros, *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação.*

porque ele apareceu no modo presente da imagem, ocupando espaço publicitário que foi reservado pelas legislações eleitorais? Ou seja, vota num político porque ele simplesmente existe? Quer dizer, existir é de algum modo estar na imagem, o que pode realizar-se em um santinho que se distribui na esquina – se o político não fizer aquele santinho, ele é visto como pobre e, tradicionalmente no Brasil, pobre não vota em pobre. Você tem que mostrar algum poder. Melhor se ele existe em algum espaço valorizado, que é o espaço da mídia, o que o torna ritmado por um novo regime de visibilidade, que implica essa nova ambiência, um regime de visibilidade pública. Eu concordo com Luiz Gonzaga, quando afirma que essa é uma visibilidade central para definir esse novo regime de visibilidade pública que é hegemônico.

> *"Os partidos já perderam o pudor, não precisam mais de programas. Não precisam porque não significam nada. Significa que não há mais sentido político, o partido é máquina burocrática que gira em torno de seus próprios interesses, sem nada além disso, mas é um caminho de acesso à mídia."*

Então, a mídia é essa ambiência, esse *bios*, é o novo regime de visibilidade pública que luta por hegemonia, que briga por hegemonia. Este *slogan* da *internet* – "o que não está na *internet* simplesmente não existe" – aplica-se inteiramente à mídia tradicional. Vem daí a disputa acirrada dos partidos por um horário a mais, um minuto a mais na televisão. Por exemplo, quando o PTB (Partido

Trabalhista Brasileiro), recentemente, apoiou o Ciro Gomes, não houve nenhuma argumentação partidária ou programática no apoio. O que se saudou foi o acréscimo de minutos na televisão, pois o PTB não significa nada partidariamente, em termos de idéias, de causa, de *performação* do programa. Os partidos já perderam o pudor, não precisam mais de programas. Não precisam porque não significam nada. Significa que não há mais sentido político, o partido é máquina burocrática que gira em torno de seus próprios interesses, sem nada além disso, mas é um caminho de acesso à mídia. O PTB apoiou o Ciro Gomes, aplausos para Ciro Gomes que terá minutos a mais na televisão. Foi tão só isso o que a mídia nos trouxe.

A análise de processos eleitorais concretos pode contribuir nesse ponto. Tomemos, por exemplo, a eleição de Collor em 1989. Nós sabemos que Collor detinha o apoio de setores conservadores da sociedade, de empresários, de setores financeiros que queriam aumentar a flexibilidade econômica e manter a organização tradicional do Estado, da rede hegemônica da televisão que estava assustada com a plataforma do PT, da classe média urbana carioca. Restava conquistar o quê? Uma massa de eleitores flutuantes, de eleitores indecisos que são, em geral, os mais influenciáveis nas últimas horas pelos meios de comunicação, os mais influenciáveis também pelas pesquisas que constituem, no Brasil, um turno eleitoral antecipado.

Nós temos três turnos eleitorais no Brasil, o primeiro, o segundo e as pesquisas, que são o tempo voltando sempre, influenciando o efeito, caracterizando o que conhecemos como *Maria-vai-com-as-outras*. Você não vota em cavalo que perde, você só vota em cavalo vencedor. No azarão não se vota, dele não se compra

pule, só se compra pule do que está forte, aposta-se no que está ganhando. Então você vai ver qual é o azarão, qual está ganhando, e aposta em quem está na frente. O terceiro turno, portanto, origina-se dessa massa de eleitores socialmente desarreada, são os votos dos descamisados do Collor.

Se você avalia o papel da televisão, em termos estritamente políticos, nesse processo eleitoral, se você faz uma avaliação a partir das ciências políticas, da antropologia política ou da sociologia política, tem que atribuir um grande peso ao viés que a rede hegemônica de televisão, que era favorável a Collor, deu à manipulação das imagens do debate. No cerne da história houve essa manipulação, sem dúvida nenhuma, mas é preciso redefinir a natureza desse peso, do peso que a rede de TV tem, porque, antes das imagens favoráveis, houve primeiro o fato muito importante: captação de recursos e de influências, junto a lideranças de empresas privadas, a favor do Collor pelo conglomerado Globo que, portanto, funcionou empresarialmente. Esse foi um fato importante. Segundo: imagens televisivas. Você não tenha dúvida de que elas tiveram importância especial. Onde? Nas regiões mais remotas do país, onde a TV é o único canal de acesso à moderna realidade nacional. Moderna entre aspas porque isto aqui, a modernidade brasileira, está despencando como despencou a modernidade no Irã quando o Xá caiu, acabando de um dia para o outro a sociedade de consumo.

Ainda quanto às eleições de 1989, eu me recordo de um relato de uma repórter paraibana que dizia assim: "Quando eu perguntava aos índios, em um reduto indígena no interior da Paraíba, em quem iam votar na penúltima eleição para presidente, qual era o

candidato deles, eles diziam que era Fernando Collor." Ela pedia a razão de tal escolha e eles diziam que todo mundo estava falando que era o melhor. Mas quem era esse mundo todo que estava falando? Era a Rede Globo, eles só viam a Rede Globo, que chegava lá. Então, todo o mundo era a Rede Globo. Ora, mas a afirmação da influência televisiva como causa determinante, como última instância, é absolutamente decisiva? São dois planos diferentes, a eleição se dá no *bios politikos* e a campanha televisiva se dá no *bios virtual*, não há linearidade, não há relação de causa e efeito entre um e outro, não é possível fazer prova sociológica do fato.

"O povo está cansado do discurso iluminista. É preciso que as esquerdas botem isso na cabeça. O discurso do progresso, o discurso da iluminação, o discurso da grande causa, o discurso de chamar o outro de alienado porque tem crenças próprias; ninguém suporta mais isso. O povo não suporta, o povo tem outra lógica."

Veja, por exemplo, o caso da eleição presidencial do Peru, em abril de 2000[5]. Eu acompanhei, pois ia sempre ao Peru dar aulas na Faculdade de Lima, na Universidade de Lima, da burguesia

[5] **N. do E.** Refere-se à eleição de na qual Alberto Fujimori, então presidente já em segundo mandato, e Alejandro Toledo foram para o segundo turno. Após denúncias de fraudes eleitorais, Toledo se recusa a disputar o segundo turno. Fujimori se reelege, mas contundentes provas de corrupção derivaram em sua fuga para o Japão. Novas eleições são marcadas e Alejandro Toledo vence em disputa com Alan García.

peruana, em que as moças são mais bonitas. A burguesia peruana é bem tratada, o povo é que é maltratado demais. A mídia dominante, controlada pelo presidente Fujimori, desfavorecia o candidato Toledo – que depois se elegeu, favorecido por sua origem indígena e mobilizando essa variável da etnicidade junto às massas, as mesmas que antes tinham elegido Fujimori (em 1990 e 1995).

Eu achava que Fujimori havia sido eleito por causa da cara, porque ele, japonês, parece índio quíchua. Na primeira eleição, a de 1990[6], Fujimori, eu me lembro, gastou apenas cem mil dólares, enquanto Vargas Llosa gastou doze milhões de dólares. Fujimori não dizia nada, ele ia para as favelas e ficava sentado, ouvindo as mulheres se queixarem dos maridos, coisas para as quais nenhum líder político nunca dera atenção, e ele era um líder. Já Vargas Llosa tinha um imenso discurso intelectualista, progressista, iluminista, aquela direita que às vezes parecia esquerda, um Fernando Henrique Cardoso mais brilhante, se mais bonito não sei, mais competente, certamente. Enfim, não seduzia porque ninguém entendia aquele discurso, o peruano fala mal espanhol e o povo está cansado do discurso iluminista. É preciso que as esquerdas botem isso na cabeça. O discurso do progresso, o discurso da iluminação, o discurso da grande causa, o discurso de chamar o outro de alienado porque tem crenças próprias; ninguém suporta mais isso. O povo não suporta, o povo tem outra lógica. E o discurso do Vargas Llosa era esse. O Fujimori teve aquela sabedoria de não dizer nada.

[6] **N. do E.** Refere-se à primeira eleição disputada e vencida por Fujimori em 1990. Na ocasião, o concorrente mais forte de Fujimori foi o escritor e liberal peruano Mario Vargas Llosa autor de, entre outros, *A guerra do fim do mundo.*

Todos nós sabemos que os signos mais sedutores são os signos vazios, um enigma. No Brasil isso é muito comum. Freqüentemente, por exemplo, cultiva-se um grande economista no Brasil, alguém que jamais escreveu um artigo sobre economia, jamais diz nada, mas os assessores dizem que é um grande líder economista, com o silêncio da economia. Então, voltando às eleições do Peru, nós sabemos que Toledo conseguiu ir para o segundo turno, apesar da fraude evidente na contagem. Pode-se dizer que, nesse primeiro caso, apesar de o resultado manter inicialmente Fujimori no poder, a mídia saiu derrotada.

A mídia no Peru saiu derrotada porque, caso fosse seu peso determinante, Toledo sequer iria para o segundo turno. Não havia nada de mídia, nenhum jornalzinho a favor de Toledo. Então, no caso brasileiro referente às eleições de 1989, não existia qualquer variável independente dessa ou daquela natureza. Dois anos antes, a televisão construiu – através das novelas, por reflexões doutrinárias contidas no noticiário, em programas de entrevistas – uma agenda de quem deveria ser o chefe da nação. E nessa agenda, que era ratificada pela imprensa escrita, perdia crédito a imagem do político tradicional. Vocês se lembram das novelas *Que rei sou eu?* e *O Salvador da pátria*? Então, o político era figurado como corrupto, se não fosse corrupto era ideológico sectário. Ideológico lembrava Lula, era sectário, ninguém queria. Se fosse político tradicional, era corrupto. Isso iluminava, pois é esse o mecanismo, ilumina-se um aspecto real e se obscurece um outro. Iluminava-se a imagem de um tipo ideal, afim à mitologia do mercado, que significava aspecto jovial, considerado bonito, sem bigode, como deve ser de acordo com o

que diz o *marketing*. O homem moderno, o homem bonito não deve ter bigode. Cara limpa. Então, aspecto jovial, descomprometido com a classe política, investido como sujeito das aparências, da moral pública e com toda a cosmética de apresentador de televisão. Que cosmética é essa? Pose, roupa, expressões faciais, gestos.

A minha secretária na época, hoje aposentada, uma grande figura, uma grande funcionária, confessou francamente que o que mais a impressionava, determinando o voto dela, não era tanto o que ele dizia, era o fato de que, quando acabava de falar, ele fazia um gesto com a mão pelo qual ela se arrepiava toda.

> *"E, nesse jogo, a maioria fica culturalmente excluída do jogo partidário, essa maioria que vota. O partido político? Intelectual coletivo é a mídia. E o que é o partido? O partido é só a base, a necessária base jurídico-constitucional para a continuidade do formalismo democrático representativo, é só questão de forma."*

De maneira que a ausência de um programa político definido pode concorrer para estimular o imaginário nacional. Quanto menos definido for o programa político, maior o estímulo ao imaginário. Na direção do quê? Na direção de um imaginário qualquer que não é necessariamente sustentado pela suposta racionalidade do processo democrático. Esse imaginário do qual falou o Gonzaga. Então, nós

tínhamos uma população constituída por quase 2/3 de analfabetos e de semi-alfabetizados, porque a eleição de 89 foi a primeira a permitir o voto dos analfabetos e dos jovens entre 16 e 18 anos. Foi a primeira. E, nesse jogo, a maioria fica culturalmente excluída do jogo partidário, essa maioria que vota. O partido político? Intelectual coletivo é a mídia. E o que é o partido? O partido é só a base, a necessária base jurídico-constitucional para a continuidade do formalismo democrático representativo, é só questão de forma.

Esse modelo, com alguma variação, pode ser observado em Fernando Henrique Cardoso, que foi o primeiro presidente depois de Collor, que se amparou na estabilização monetária que não foi dele, da qual ele fez parte. Ele capitalizou a força do neopopulismo, que se caracterizava por um topo de pirâmide tecnocrático, uma base socialmente desarraigada, mas angulada pela ligeira elevação de consumo que houve, sem dúvida, no Plano Real. E a ação do Fernando Henrique estava apoiada na mídia. Tanto Collor quanto FHC, para usar um termo que os semiólogos gostam, eram interpretantes, interpretantes vivos de uma conjuntura *tecnopopulista*.

Talvez o pessoal dos cultos afro-brasileiros entenda melhor disso do que o cientista político tradicional, porque é a questão de receber, de *baixar a entidade*; hoje a conjuntura *baixa* nas pessoas através da mídia. Você *recebe* os espíritos via mídia, *baixa*. Exatamente como, na Idade Média, o diabo solicitava o corpo da possuída, o corpo da pessoa para *baixar* nela. Esse é o termo em Direito Canônico. Hegel usa isso na *Fenomenologia do Espírito*. A mídia e a conjuntura solicitam o corpo do candidato, ele próprio é *médium*. Ele vira *médium*.

Collor não precisava estar na Globo, ele era imagem de televisão andando. Com essa aparência, com essa história, tão azul quanto a imagem de televisão, o ópio sedutor. Assim, nas eleições de 1989 ficou melhor definido o lugar estratégico da televisão nesse jogo político eleitoral. Por quê? É preciso considerar que mesmo que a TV pertença a esse *bios* específico – chamo de *bios* essa esfera específica –, ela não é um ator social isolado. Ela está sempre inserida em contextualizações de ordem sócio-histórica. A televisão brasileira se situa dentro de uma tradição sociocultural patrimonialista, num país fortemente patrimonialista e, apesar do transnacionalismo da forma, uma forma transnacional, ela produz efeito específicos, que são efeitos regionais. Levando-se em conta os casos das federações brasileiras, as emissoras de TV e de rádio de maiores audiências são totalmente controladas pelo peso das oligarquias, completamente. As oligarquias controlam regionalmente a comunicação nos Estados, seja na Bahia ou em Alagoas. Isso obriga as candidaturas políticas a passarem pelo crivo dos interesses dominantes e da imagem compatível com a mídia.

Portanto, isso é mais da comunicação eletrônica do que da imprensa em geral, embora a imprensa escrita entre no jogo. Por quê? Porque a velocidade e a praticidade da mídia eletrônica ajudam a televisão e a própria mídia eletrônica como um todo a se adequar mais facilmente às conjunturas institucionais e à conjuntura política. Por quê? Sem a fixação por escrito de uma linha ideologicamente coerente, sem memória, excessivamente dependente do mercado, com os dispositivos legais do Estado, a televisão é um instrumento de controle fácil.

A mídia eletrônica é um instrumento de controle fácil. Do ponto de vista da identidade cultural, da identidade jornalística, a televisão oscila entre o diário oficial de consumo e o diário oficial do governo. Ela oscila entre um e outro. A identidade dela é isso aí. A televisão brasileira é pertinente à frase de Médici[7] anunciada na Globo. O que o Médici disse? "É como tomar um calmante depois de um dia de trabalho. Não tem problema. Tem dificuldade? Muda o clima, vejo a TV Globo e fico calmo."

Ora, então vejam só, os exemplos disso se multiplicam nos países latino-americanos. No Peru também era assim. Numa dessas minhas idas ao Peru, os guerrilheiros atacaram imediatamente à chegada do Fujimori ao poder. Seqüestraram o diretor, dono de uma das maiores redes de emissoras do Peru. Ele ficou preso 8 meses. Vocês sabem disso, como é o pessoal do Sendero Luminoso... Prenderam o diretor durante 8 meses, tomaram dinheiro da família e sabe qual foi o principal castigo? Não tocaram em nenhum fio de cabelo dele; obrigavam-no a ouvir a sua programação durante 8 horas. Ele já não agüentava mais. Se ele não visse, apanhava, tomava uns tapas. Ele tinha que ver a programação...

[7] **N. do E.** Emílio **Garrastazu Médici**, general que ocupou a presidência da República do Brasil entre 1969 e 1974. Esse período foi o mais violento da ditadura militar, com forte presença da tortura e da morte dos opositores, assim como de intensa censura aos meios de comunicação.

"É essa coisa da qual eu morro de medo, o império das comunicações na mídia evangélica e de católicos aqui no Brasil. Isso me dá medo, eu confesso ter medo dessas coisas. Uma das poucas de que eu tenho medo, redundando num novo tipo de caciquismo político e ideológico; é por isso que o coronelismo não desaparece."

Então, só em casos dessa ordem é que a manipulação é categoria pertinente à explicação. Porque essa categoria *manipulação* que Chomski[8] usa, que Hans Magnus Enzensberguer usa... Eu disse para ele que essa categoria não serve, isso é do tempo... Isso é coisa do pessoal de uma certa ala do PT, que precisa acordar para entender a mídia, porque pensa que isso funciona. Mas não é de natureza manipuladora. Por quê? Só nesses casos, nos estados, porque no âmbito regional o controle dos conteúdos *midiáticos*... Os políticos terminam produzindo um foco semiótico que, assim, é sistematicamente favorável a esses disfarces, aos interesses dos ordenamentos particulares. Na Bahia, por exemplo, um velho amigo meu, que vocês conhecem, o Joca... Nós fizemos juntos o Jornal da Bahia. O Joca escreveu um livro contra o Antonio Carlos Magalhães e foi lá em casa desesperado, paranóico também, porque o *shopping*

[8] **N. do E.** Noam Chomski, lingüista e ativista político norte-americano. Autor de, entre outros, *Consenso fabricado, Poder e Terrorismo* e *Império e os dilemas da humanidade.*

center da Bahia não deixou lançar o livro. O *shopping center* não é a televisão, não. Claro, na Bahia não tem vez. Olha que o pessoal gosta de briga, vocês viram os estudantes saírem às ruas. Mas é inteiramente dominada no sentido de como os meios de comunicação se encontram.

Então, é por isso que a posse dos meios de comunicação está dominada por elites regionais, por facções orientadas por doutrinários específicos, religiosos, morais. É essa coisa da qual eu morro de medo, o império das comunicações na mídia evangélica e na de católicos aqui no Brasil. Isso me dá medo, eu confesso ter medo dessas coisas. Uma das poucas de que eu tenho medo, redundando num novo tipo de caciquismo político e ideológico; é por isso que o coronelismo não desaparece. Não desapareceu! Isso é uma mentira. E é por isso que, em grande parte do mundo, governos autoritários manipulam o fluxo da informação e preservam o controle dos aparatos repressivos do Estado.

Então, pode-se reduzir a força universalista e a força modernizante do mercado em variáveis conjunturais parcialmente administradas por elites locais, constituindo-se, portanto, em um dispositivo de infravigilância a serviço do Estado. É por isso que os meios de comunicação podem, eventualmente, perder algumas das características que predominam na mídia mercadológica em caráter nacional e se converter, temporariamente, em mecanismos de oligarquias regionais. Para quê? Para a consolidação do projeto de poder subordinado a essa nova ordem mundial, a globalização.

Em termos partidários, trata-se de uma coalizão de centro-direita. Isso tem uma correspondência no plano da programação da

televisão, que é uma exacerbação de conteúdos *populares*cos, conforme se observa na televisão de circuito aberto. É essa programação que, num texto antigo[9], chamei de *grotesca*, de esteticamente grotesca, e que aqui traduz uma espécie de pacto simbólico. O pessoal da análise do discurso gosta de falar em contrato de leitura. Eu falo em pacto simbólico porque contrato, para mim, se eu estudei direito, é uma situação mais reduzida, mais restrita. Mas pode ser o contrato de leitura. A mídia televisiva atua com mais força de influência onde são altas as taxas de analfabetismo ou então onde ocorre uma redução das formas organizadas de mediação do conflito social, ou seja, nos locais em que se verifica uma redução de sindicatos, de partidos políticos e de outras instituições da sociedade civil, lugares em que se dá o aumento da atomização do comportamento eleitoral.

Isso significa eleitores flutuantes, eleitores partidariamente confusos e eleitores institucionalmente indiferentes, uma nova categoria. E isso é mais marcante onde há convergência dos velhos eixos ideológicos, esquerda e direita, para um centro político gerencial. É o que se constata em relação à "Terceira Via" européia, por exemplo, que está mais preocupada com telecomunicações, com transportes, com ecologia, do que com grandes teses reformistas ou grandes teses desenvolvimentistas do pensamento político tradicional. É o que eu chamo de cultura central. Centro. É uma palavra bonita. Nós sabemos que em política, partidariamente, politicamente, o centro equivale a um ser de nada. Centro, exatamente como o umbigo, fica

[9] **N. do E.** SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco*. Petrópolis: Vozes, 1972.

no meio, não serve para coisa nenhuma. Até hoje eu não descobri para que serve o umbigo. A não ser para botar *piercing*. E o centro é a mesma coisa, está no meio, mas gera uma cultura de convergência, essa cultural central.

> *"...as coalizões e as táticas programáticas abrem caminho para um novo tipo de política, para uma nova forma de política que acaba de tornar contínua a erosão de identidade dos grandes partidos doutrinariamente centralizados. A desidentificação, a erosão da identidade do partido político no Brasil, ou seja, como estamos vendo, tudo isso tem relação com a mídia, com a televisão. Não é relação direta, mas digamos que o bios acompanha a mutação dos bios tradicionais."*

Pode-se dizer que mesmo nessa cultura centrista gerencial é possível haver uma ideologização. Pode haver a ideologização de centro. A direita se disfarça de centro. Mas não existe uma polarização de posições. Não existe polarização antagônica porque todas as posições tendem a convergir para um ponto comum.

Esse ponto está afinado com as novas exigências da tecnologia, do mercado e do *status quo societal*. Isso, a meu ver, tem grandes conseqüências políticas, principalmente em planejamento. Veja, por exemplo, esse sujeito que quer ser candidato a presidente

da República, o Paulo Renato[10], o pior ministro da Educação do Brasil nos últimos anos, com seu programa *TV Escola*, que é um fracasso – para mim, é uma mentira estatística, inteiramente alicerçada nessa ideologia da técnica – distribuindo antenas parabólicas e televisores para professor do interior do nordeste, em Sergipe, ficando tudo acumulado no canto. Há o computador e a professora tentando obter dinheiro para o transporte, para chegar à escola, com salário de R$ 36,00 por mês, com fome e tentando chegar à escola. Com todos aqueles equipamentos supostamente modernos lá no fundo, com antenas parabólicas analógicas – compradas de uma firma que se livrou daquilo –, enquanto as antenas parabólicas hoje são digitais. Uma vergonha.

Então, as coalizões e as táticas programáticas abrem caminho para um novo tipo de política, para uma nova forma de política que acaba de tornar contínua a erosão de identidade dos grandes partidos doutrinariamente centralizados. A *desidentificação*, a erosão da identidade do partido político no Brasil, ou seja, como nós estamos vendo, tudo isso tem relação com a mídia, com a televisão. Não é relação direta, mas digamos que o *bios* acompanha a mutação dos *bios* tradicionais. Então, esse fenômeno se generaliza nas sociedades contemporâneas, embora em graus e intensidades diferentes, como parte de um processo *desconstrutivo* que vem abalando os modos clássicos de identificação e os modos clássicos de organização das demandas sociais.

[10] **N. do E.** Na época, ministro da Educação do governo Fernando Henrique Cardoso.

Então, ao lado de outras mediações, os partidos vão sendo progressivamente esvaziados do seu papel histórico de canalização dos interesses coletivos, de institucionalização representativa de acesso ao poder. Portanto, a expressão *novas formas de política* comporta a idéia de uma reelaboração generalizada das mediações tradicionais, com conseqüências que apontam uma mutação identitária em outras entidades da sociedade. Uma pesquisa[11] feita pelo Werneck, Luiz Werneck Viana[12] sobre o judiciário do Rio de Janeiro, por exemplo, mostrava que o poder judiciário no Brasil, de repente, passou a ser foco de uma sociabilização inusitada. Eu conheço vários juízes, tenho alunos juízes. Os magistrados estão cada vez mais julgando o quê? São convocados a julgar ações que não têm necessariamente a ver com assuntos jurídicos, de natureza jurídica, mas assuntos com pleitos sociais, com pleitos existenciais, éticos, que não estão mais subsumidos nas formas habituais, já como elemento do conflito humano. Há uma concorrência de outros efeitos, de outros problemas de natureza social, que vão para o judiciário, daí algumas ações que se tornam moda. Ação de danos morais, por exemplo, entrou na moda.

No Rio de Janeiro, eu chamei um sujeito de direitista, o que ele é. Ele me processou por danos morais. Não levou, mas me processou por danos morais simplesmente porque eu disse a verdade

[11] **N. do E.** Pesquisa divulgada em 1999 com o título *A judicialização da política no Brasil.*

[12] **N. do E.** Luiz Werneck Viana, professor pesquisador do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj) e autor de, entre outros, A *Democracia e o três poderes no Brasil (2002).*

sobre ele; a verdade não era agradável. Então, a chamada despolitização *midiática* tecnológica resulta do enfraquecimento ético e político das antigas mediações e do fortalecimento da *midiatização.*

Quanto mais a sociedade se *midiatiza,* mais ela se *despolitiza* em termos de representatividade. Então, nós temos uma produção informal da realidade sob a égide dessa produção. Quer dizer, o relacionamento por mídia toma o lugar da mediação tradicional e desvia os atores políticos da prática representativa concreta, que está marcada por conteúdos valorativos, que está marcada por conteúdos doutrinários. Para quê? Para a performance *magística.*

> *"...vão constar, no imaginário midiático, motivações que caracterizam o modo de funcionamento das instituições tradicionais, como preocupação com segurança, com a questão existencial, com religião, família, etc. E eu acho que são elementos, que são valores ressignificados, remitologizados pelos dispositivos tecnoculturais em função da imagem pública que se deseja construir. Portanto, tudo tende a confluir para a imagem publicitária como valor coletivo."*

Eleitoralmente, os candidatos soam como que solicitados – naquele sentido demoníaco de solicitação – por uma conjuntura político-social na qual predomina uma esfera de valores *midiática,* que tenta acionar as forças plebiscitárias das massas e inovar os

valores democráticos representativos, na força de plebiscito, sim ou não. Então, a absorção implica notar o quê? A conversão da identidade político-partidária do indivíduo em pura imagem pública, quer dizer, em aparência, e aparência se constitui por traços publicitariamente convenientes, mas experimentados como entidade original, como entidade virtualizada.

Ora, então essa esfera *midiática* é ambivalente, não atua sozinha, não basta visibilidade pura e simples do indivíduo na mídia para que ele seja aceito. É preciso que se apele para um arsenal de identificações, com a imagem e a audiência, a fim de obter efeitos que não são mais projetivos, como o caso do entretenimento clássico, mas efeitos que, eu diria, são de reconhecimento narcísico, de si mesmo no espelho da tecnocultura. É por isso que vão constar, no imaginário *midiático*, motivações que caracterizam o modo de funcionamento das instituições tradicionais, como preocupação com segurança, com a questão existencial, com religião, família, etc. E eu acho que são elementos, que são valores *ressignificados*, *remitologizados* pelos dispositivos tecnoculturais em função da imagem pública que se deseja construir. Portanto, tudo tende a confluir para a imagem publicitária como valor coletivo. Isso pode tornar a interpretação cênica da realidade mais importante do que qualquer modo tradicional de representação.

Hoje, um grande teórico da política é, de algum modo, um grande teórico do teatro. Então, publicamente importa mais a capacidade pessoal de gerar espetáculo, contam mais a telegenia, o histrionismo e a agressividade dosada; importa mais a *performatividade midiática* do que o conteúdo programático. Esse

é o modelo tipicamente norte-americano, modelo que amadureceu ao longo do século XX. Leiam *Minha formação* de Joaquim Nabuco. Vocês verão que Joaquim Nabuco fala de uma campanha eleitoral americana por volta de 1797, semelhante à de hoje, e coloca isso como um fato estranho para ele. Quer dizer, é uma coisa da cultura americana esse fenômeno que culmina nos atuais presidentes americanos, chefes de governo e profissionais do ramo como Reagan, que acabam tentando bancar os atores.

Diante da progressiva despolitização substantiva da democracia americana, o modelo só tem-se intensificado. Sobre a campanha eleitoral do ano passado nos Estados Unidos, bastava você consultar eventualmente a imprensa para se dar conta de um jogo intersimulatório entre realidade política eleitoral, portanto *bios politikos*, e o imaginário *hollywoodiano*, o *bios virtual*. Havia gente de cinema assumindo o discurso político, políticos fazendo as vezes de atores. Bruce Newman, que era o homem da campanha do Clinton, o especialista político de Clinton, grande figura do *marketing* americano, disse que – é textual o que segue – *a televisão se tornou tão importante para a política, que os políticos precisam ter as mesmas habilidades que os atores*. E ele diz que para muitos americanos a Casa Branca é apenas mais uma estação de TV.

Isso ficou evidente também no final de 2000, depois deste embate de Al Gore com Bush, em que a batalha judicial entre os dois passou em tempo real televisivo, com pessoal contra, como a telenovela, com os vilões, clímax, doses razoáveis de surpresa. Esse embate pós-judicial, pós-eleitoral nos Estados Unidos foi tanto judiciário como televisivo. A televisão foi ator político claro no

processo. Ora, o que estou mostrando é que todo esse processo é adaptado pela americanização generalizada das campanhas eleitorais nas peculiaridades de cada região, de cada país.

Em 99, discutia-se a viabilidade de Ciro Gomes como presidente da República, e o que a imprensa inteira sublinhava nele era o namoro com a Patrícia Pillar. A grande vantagem dele era a Patrícia Pillar. Mas houve um jornalista da Folha de São Paulo, o Marcelo Coelho, que disse que o Ciro Gomes, pela cor da pele, poderia tornar-se aceitável, e que Lula sofria as reações do preconceito da classe média, ou seja, disse que o Lula é preto. É pobre, quase a mesma coisa. No fundo eles votarão em Ciro, os que não acreditam no que ele diz, isso é interessante. Fingem que acreditam. Por quê? Porque o que está em jogo na verdade é a mera adesão por simpatia ou imagem consoladora, é a mera adesão.

Na mídia e na intercessão do bios *midiático* no uso tradicional, essa adesão é sensorial, ela é plástica, ela não é da ordem do conteúdo ideológico. Então, o que se vê realmente é o epifenômeno de um padrão politicamente associado e culturalmente analógico televisivo, que é um centro que irradia discurso modernista e discurso moralista, que foi o que elegeu Fernando Henrique Cardoso: a inserção do país na economia mundial, a estabilização monetária e campanhas contra bodes expiatórios – funcionário públicos, por exemplo. Esse discurso *modernizante* entra num espaço de maioria populacional tendencialmente excluída da nova ordem socioeconômica.

Peguem o *Mais*, o suplemento cultural da Folha de São Paulo, de domingo passado e observem o Orlando Turin, um exemplo magnífico da indistinção do discurso jornalístico e do discurso das

ciências sociais. O Orlando Turin – se eu fosse chefe de redação de jornal, empregaria-o como foca, porque é um artigo muito mal escrito, tosco e com pouca argumentação – diz praticamente isto: FHC é o melhor presidente da República que a América Latina tem, porque é o presidente da República capaz de falar inglês, francês, espanhol com os chefes de estados estrangeiros; esse é o argumento inteiro. Ora, como se fosse grande vantagem falar ... As pessoas que me conhecem, sabem que eu falo várias línguas como baiano, mas se fosse vantagem falar... Eu falo de 7 para 8. Se isso credenciasse alguém para a presidência da República... Não me credencia nem para aumentar o meu salário, imagine credenciar para presidente da República. Eu já conheci gente ignorante, bruta em 14 idiomas. Havia um belga que falava fluentemente que o Fernando Henrique era um imbecil em 14 idiomas. Isso não privilegia ninguém, é apenas um instrumento que você pode usar...

Em que ponto eu estava? Então, quando um político converte a imagem em produto, ele é investido pela lógica da circulação dos signos no mercado, ou seja, o político é definido pela moda, que é sempre arbitrária nas imposições do real, ora tem uma posição conservadora, ora inovadora, isso é típico.

"O sujeito humano pode vestir-se semioticamente na televisão, não precisa ter um aparelho na cabeça; ele se veste do código da televisão, ele incorpora o código televisivo e ele passa a reger-se pelas regras da televisão, quanto a aparências, quanto a atitudes, quanto a opiniões. Não tenho duvida que o próximo candidato a presidente da República, adversário do PT, vai vestir-se de televisão, de algum modo. Vão ter que pintar melhor o Serra, porque ... É... maquiar."

Basta olhar para a sociedade norte-americana. Ora temos o democrata, ora temos o republicano, não muda muito, é uma questão de estilo. Depende do grau de desgaste da imagem em questão. Portanto, nem sempre é publicitariamente desejável a excessiva visibilidade do candidato da televisão, para evitar a vulgarização da imagem. Eu acho que, do ponto de vista da imagem, o Lula fez muito bem em dizer que não aparecia em público e até em reagir pouco em oposição ao governo. Não deve ter sido voluntário, mas foi sábio, porque ele não está com a imagem muito gasta da televisão. Então, ainda que eventualmente o homem público esteja fora do dispositivo material, porque ele é a reprodução técnica da mídia, pode-se definir pela cosmética personalista que implica a performance *midiática* e, desse modo, ele se torna imagem *técnico-semiótica* e funciona como uma espécie de signo, que resulta na *midiatização*.

O que eu quero dizer é que da mesma forma que, num dispositivo da realidade virtual, o usuário pode fazer do computador a pele dele – isso é o que se chama em inglês de *haribol computer*; o cara veste o computador, entra e mexe na realidade com o computador na cabeça –, o sujeito humano pode vestir-se semioticamente na televisão, não precisa ter um aparelho na cabeça; ele se veste do código da televisão, ele incorpora o código televisivo e ele passa a reger-se pelas regras da televisão, quanto a aparências, quanto a atitudes, quanto a opiniões. Não tenho dúvida que o próximo candidato a presidente da República, adversário do PT, vai vestir-se de televisão, de algum modo. Vão ter que pintar melhor o Serra, porque ... É... Maquiar.

Eu quero, a partir disso, fazer uma distinção entre *midium* e imprensa; pode-se diferenciar porque *midium* é uma coisa e imprensa de *midium*, ou corporação de *midium*, é outra coisa; o *midium* pode estar simplesmente no indivíduo, ser imagem pública ambulante, andando. Porque a corporação de *midium* ou empresa de *midium* implica uma linha de montagem industrial, uma linha de montagem comercial de produtos tecnoculturais. A empresa de *midium* implica ter no jornalismo um produto, o entretenimento, a diversão, o que seja, enquanto que o *midium* pode construir-se a partir da impregnação de esferas de particularização da sociedade nacional, da sociedade mundial.

É pela terminologia da comunicação predominantemente eletrônica e cibernética que se trata da impregnação semiótica no nível do sujeito e na ação do sujeito. Por isso que o próprio indivíduo é suscetível de converter-se em realidade *midiática*, como se fosse

um núcleo de várias interações tecnológicas. O indivíduo se torna imagem e *midium*, amarrado a isso que em realidade virtual se chama de *self-midium*. Isso investe por uma espécie de imersão virtual na esfera cênica, investe-se, portanto, das regras do código de visibilidade pública vigentes no momento, torna-se uma boa cara de vitrine, por assim dizer.

Portanto, imagem pública não é a representação técnica do visual de alguém. Imagem pública não é o retrato, não é o fio, imagem pública é um simulacro, um verossímil, é um simulacro crível, é uma simulação crível, isso é a imagem pública. Portanto, é como se a imagem pública fosse a realidade tecnocultural de uma aparência, é a realidade de uma sombra; uma imagem pública é uma sombra feita realidade, convertida em realidade.

Nós sabemos o poder que tem o simulacro *midiático*, que tem a sombra quando assistimos aos jogos da internet. Milhões de pessoas nos Estados Unidos viram um homem transando pela internet, e isso significa que a sombra produz efeitos físicos. Depois esse homem escreveu um livro. Não só nos Estados Unidos, mas aqui também conheci pessoas que disseram que é ótimo. Então, isso significa que a sombra, a aparência, o simulacro produz efeitos inclusive sexuais. Essa concepção não é nada estranha à teoria pragmatista dos signos de Peirce[13]. Ele quer ultrapassar a dicotomia entre signo – signo, vocês sabem, é uma convenção social, a palavra para indicar

[13] **N. do E.** Charles Sanders Peirce (1839-1914), cientista, matemático, historiador, filósofo e lógico norte-americano, é considerado o fundador da moderna semiótica. Contribuiu para a ampliação do conceito de signo e, ao mesmo tempo, do conceito de linguagem.

ou analisar o referente. Quando quer ultrapassar essa distinção de signo e pensamento, Peirce diz o seguinte: o significado é dado por um interpretante que atribui o valor ao signo; o interpretante está na própria língua. Ora, o interpretante é também um signo, só que esse interpretante pode-se impostar, pode-se atualizar, pode-se encarnar num indivíduo, num sujeito, portanto, ser imagem pública. Significa tornar-se interpretante vivo, tornar-se núcleo, politópico de uma determinada conjuntura de valores, significa tornar-se *midium*.

E se eu elevar a palavra, significa tornar-se *médium*, *médium* no sentido de *aparelho*, *aparelho* no sentido de *entidade*, que recebe a mídia. Esse fenômeno, repito, não é estranho, não é invenção minha. Para quem conhece os cultos afro-brasileiros, não é estranho, é conhecido. Há um famoso filme de Jean Rush sobre os cultos na África, no qual mostra que no confronto da sociedade local com o colonizador, nessa interpenetração, nessa interferência, alguns elementos do processo modernizador europeu eram tão poderosos para o povo da África que, para ele, não era possível simplesmente incorporar aquilo industrialmente. Então, incorporava no transe. No filme havia um sujeito que recebia a locomotiva, a locomotiva era a entidade, o avião. Claro, é a maneira de se incorporar o outro, transformá-lo pela divindade, pelo sagrado, em alguma coisa produtiva. Não quer dizer que seja falsa a entidade, não. Mas o aparelho foi esse, a locomotiva.

Então, é possível *receber* a mídia. Significa também ser imagem, e ser imagem significa realizar-se como forma acabada e como forma abstrata da relação humana mediada pelo mercado. Ou seja, ser imagem pode significar existir como irreal, como puro suporte

para signos que se dispõe a representar uma realidade instituída exclusivamente como mercadoria.

Não tenho dúvida, o Fernando Henrique é uma mercadoria má, é uma má mercadoria. Dessa forma ele se elegeu como imagem e está provando desse poder que saiu de um governo inteiramente abstrato em relação à realidade nacional. Ora, eu acho que já falei demais. Eu prosseguiria a fala para mostrar o fio do raciocínio, mas é que tudo isso foi previsto por Schumpeter[14], que foi um doce economista precursor das teorias sobre a racionalidade econômica. Ele já via traços da analogia entre democracia e mercado. Levantava suspeitas de que essa analogia teria conseqüências profundas para o tipo de democracia no Ocidente, e eu diria que essas mudanças estão levando a uma espécie de crescente desligamento entre as dimensões do espaço público e as dimensões do espaço político. O espaço público vai para um lado e o político vai para outro, e há uma crescente instabilidade, uma crescente fraqueza, uma crescente fragilidade dos valores socialmente partilhados a respeito do caráter necessário da estreita sociedade.

[14] **N. do E.** Joseph Alois Schumpeter, economista austríaco nascido em 1883 e falecido em 1950, é autor de obras fundamentais do pensamento econômico, como *Teoria do desenvolvimento* (1911) e *Capitalismo, socialismo e democracia* (1942).

MESA REDONDA II

AMÉRICA LATINA: HEGEMONIA, CULTURA E POLÍTICA

SOCIEDADE, POLÍTICA E ECONOMIA NO MERCOSUL

Participantes da Mesa:

Roberto Amaral (mediador): advogado, cientista político, presidente do Cebela (Centro Brasileiro de Estudos Latino-americanos), editor da revista *Comunicação e Política* e professor da PUC- Rio de Janeiro.

Hector Schmucler: escritor, ensaísta e professor da Universidade de Córdoba, Argentina.

Octávio Ianni: escritor, professor da Unicamp e da ECA/USP.

Theotônio dos Santos: escritor, professor da Universidade Federal Fluminense.

Emir Sader: escritor, membro da organização do Fórum Social Mundial no Brasil e professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Roberto Amaral – Para abrir a mesa de hoje, daremos a palavra ao Prof. Dr. Hector Schmucler, da Universidade de Córdoba.

"O Mercosul está assumido como mercado e o Mercosul Cultural, também assumido como mercado. E quero enfatizar esse aspecto: a cultura contra o mercado. O Mercosul existe dentro de um modelo universal – a chamada globalização, que não é outra coisa senão um grande mercado, a concepção do mundo como um mercado. Já não há um mundo no qual se universaliza um mercado, mas um mercado em que existe isso que até agora se chamava de mundo. A idéia de mercado dominando todo esse projeto de integração não é mais que a concretização dessa circunstância."

Hector Schmucler

Hector Schmucler – Eu lamento não falar e não entender português como deveria, porém entendo um pouco e vocês também devem entender um pouco o espanhol. Espero que as confusões não sejam grandes; assim, tentarei responder do melhor modo ao que vocês me perguntarem. Eu sempre digo que os encontros como este têm êxito se as pessoas sabem formular perguntas – aliás, uma forma de clareza que seria bonito ver nos âmbitos acadêmicos –, pois é melhor ajudar a formular perguntas do que ter respostas acabadas. Bom, algo disso quero tratar em minha exposição, cujo tema, embora referenciado nas questões sociais e econômicas, inclina-se para o aspecto cultural do Mercosul. Esse aspecto está intimamente ligado a outros temas como o sociológico, o econômico e o político.

Eu gostaria de refletir sobre alguns pontos centrais. O primeiro está vinculado ao fato de que os chamados processos de integração, como o caso do Mercosul, exigem ter presentes os fatores culturais que em nossa época se articulam com o chamado fenômeno da globalização. Para ser claro, quero dizer que sem ter noção dos fatores culturais é muito difícil se pensar em integração; só é possível entender o fator cultural se considerarmos que vivemos uma cultura no marco da globalização. Outro ponto que quero assinalar é que as tecnologias de comunicação constituem um fator decisivo para pôr em prática as propostas transnacionais ou supranacionais Porém, o que temos que saber é que a presença dominante dessas tecnologias modifica substancialmente o âmbito imaginário em que as transformações econômicas e políticas se realizam nesses processos de integração. Quero dizer que sem essas novas tecnologias, seria difícil se pensar hoje nesse processo de integração vinculado estritamente à globalização. É preciso assumir a presença dessas tecnologias, pois essa presença é uma marca não só no tipo de integração, como também no tipo de imaginário cultural que se desenvolve nas regiões.

Gostaria de apresentar algumas interrogações. A primeira interrogação é: se um processo de integração, como o Mercosul, é processo que necessariamente ocorreria ou é parte de um processo muito mais amplo, que tem a ver com a forma do capitalismo contemporâneo, a globalização? Para mim é uma pergunta fundamental, não para dizer que podemos opor-nos a esse processo de integração, como o Mercosul, porém para termos claro que não é um processo que naturalmente teria que se dar, mas que decorre de um projeto de funcionamento econômico e social característico

de nessa época. E quando falamos de proposta para esse projeto de integração, relacionado à cultura, surge outra pergunta: temos um ponto de chegada? Há um ponto de chegada? Já sabemos aonde queremos chegar e, portanto, teríamos que propor caminhos determinados para chegar a esse ponto? Na realidade, não só não temos um ponto de chegada, como também não temos nem um acordo básico acerca do que queremos nas perspectivas culturais para um processo como o Mercosul.

Apesar dessas perguntas, muito se tem falado sobre o tema. E em três línguas distintas. Uma delas é a estatística, talvez a que mais esteja ao nosso alcance. Trata-se de estatística sobre os estados de cultura em cada um dos países. Há estatísticas sobre as relações acadêmicas entre esses países e as relações entre as universidades. Há estatísticas sobre, por exemplo, quantos cantores brasileiros são conhecidos no Uruguai ou na Argentina e quantos jogadores argentinos de futebol são conhecidos no Brasil. É uma linguagem que se refere aos números que marcam aspectos culturais.

Há outra linguagem muito freqüente, a linguagem dos embaixadores, dos diplomatas que pressupõem, sem reservas, que somente temos que avançar a algo que seja possível de se realizar, que é necessário avançar a integração do Mercosul. Os embaixadores são um tanto otimistas, mesmo porque se questionassem o processo, sua própria função ficaria entre parênteses. O problema é que a linguagem dos embaixadores contagia boa parte da linguagem dos acadêmicos. Então, no âmbito de encontros acadêmicos como este, é muito freqüente essa declaração de bons desejos dos embaixadores – teremos que conhecer a paz, a harmonia, as grandezas dos povos,

a felicidade do povos – com um discurso paralelo à realidade que traz pouca harmonia, pouca paz e muito menos de felicidade. Do ponto de vista acadêmico, temos que refletir sobre essas coisas ao invés de nos reduzirmos à parte ativa nas políticas concretas de compulsão dos países.

E, por fim, a terceira linguagem, que eu chamaria da linguagem crítica. Às vezes estamos no amplo campo das ciências sociais e nos exigem soluções, exigem-nos não apenas delinear os problemas, como também resolvê-los.

Julgo que nunca foi fácil para o mundo acadêmico influenciar os rumos da política concreta desses países. Já direi o porquê dessa afirmação. Quando falamos Mercosul, isso significa Mercado Comum do Sul, e julgo ser do conhecimento de todos que o Mercosul tem como data de nascimento 26 de março de 1991; já faz dez anos. Firmou-se no Tratado de Assunção, no Paraguai, e a informação que temos através da imprensa – que nunca mostra notícias otimistas – é que foi um nascimento muito sacrificado, segundo a metáfora de um nascimento. Quero dizer que tenho que reconhecer que o Mercosul nunca teve uma saúde muito vigorosa. Ao contrário, nesses dez anos são constantes as noticias alarmantes de que essa criatura está sempre a ponto de terminar sua existência.

"...o que intercambiaríamos? O que nós intercambiaríamos, senão a produção de objetos chamados culturais e geralmente vinculados aos meios massivos de comunicação e que, na realidade, não refletem as identidades nacionais, senão níveis de produção de cada um dos países, porém quase homogêneos".

Em um sistema como o nosso, é difícil ver que terapia poderíamos fazer para que essa criatura se salve. Eu gostaria de assinalar alguns aspectos que levo em consideração na perspectiva da cultura. Os objetivos do Mercado Comum do Sul foram claramente delineados; trata-se de estimular as economias dos paises membros, fazendo-as mais eficientes e competitivas, ampliando os mercados. Na realidade, o enfoque principal é econômico, o que aparece, por exemplo, na própria declaração de criação do Mercosul, quando se estabelece que a participação do Uruguai e do Paraguai vai ser crescente e não plena, devido às diferentes condições econômicas desses países. Se eu perguntar hoje para um argentino o que é Mercosul, ele dirá isto: a possibilidade que temos de vender nossos produtos não só para 35 milhões de argentinos, mas para os 800 milhões de habitantes dos quatro países do Mercosul. O que quero dizer com isso é que aumentamos a clientela. Estou convencido que se fizermos essa pergunta para um brasileiro, a resposta não vai ser muito diferente. E, na prática, o que ocorreu durante esses dez anos foi a ampliação do mercado. E, às vezes, é uma busca impiedosa

por mercado, e o que mais importa são os clientes determinados pelo país com o qual se estabelece o acordo.

Então, como dizia, um dos objetivos do Mercosul é ampliar o mercado. Um dos objetivos também assinalados é fazer uso mais eficiente dos recursos disponíveis e de preservar o meio ambiente. Sobre isso peço um pouco de atenção. Recorrer à comunicação sob esse aspecto, coordenar as políticas macroeconômicas e harmonizar os diferentes setores da economia dos países do Mercosul, parece-me um pouco pretensioso, pois significa aperfeiçoar o funcionamento econômico depois de quatro anos de sua fundação, no ano de 1995.

Quanto a 1995, há outro aspecto que quero registrar, o do nascimento do chamado *Mercosul Cultural*, sobre o qual pretendo deter-me mais. Foi uma reunião que ocorreu em março de 1995 e se realizou em Buenos Aires, com a participação de autoridades culturais, ministros, entre outros representantes dos quatro países. Fizeram várias reuniões até que se concretizou um quadro de referência para definir o que seria esse *Mercosul Cultural*. Finalmente, em 1996, aprovou-se o que se chamou *Protocolo de Integração Cultural do Mercosul*. E quais eram os objetivos? Os objetivos do Mercosul relacionados ao mercado e à economia estão muito bem alicerçados, os objetivos do *Mercosul Cultural*, porém, são vagos, genéricos. Assinala-se, por exemplo, que o substancial é promover a difusão da cultura, a divulgação do conhecimento, dos valores e tradições de cada um dos países e, num segundo ponto, sublinha-se o estímulo aos empreendimentos e atividades culturais regionais.

O estímulo à circulação de bens culturais, nesse contexto, considera o lugar importante que ocupa a cultura como bem industrial.

Quer dizer, o que se pensava e se pensa é como circula a cultura construída com viés industrial. Por isso se falava e se fala sobre a circulação em estímulo à produção industrial da cultura em cada um dos países; quer dizer que, em última instância, a cultura é concebida como uma outra forma de mercado, como uma outra forma de desenvolvimento mercantil dentro do Mercosul.

Há um estudioso argentino sobre o tema que assinalou que em todos os casos, qualquer que seja a forma definitiva que assume o Mercosul, presenciou-se a uma formidável transformação na redefinição das identidades culturais dos países membros e, por extensão, à construção de uma nova identidade cultural supranacional. Esse seria um aspecto final do fator cultural do Mercosul, a construção de uma nova identidade cultural. A realidade freqüente cultiva essa idéia. Teremos que estimular essa vinculação porque é a forma em que conseguiremos uma nova identidade. Palavras de boa intenção, porque é difícil concretizá-las num projeto preciso. O que isso quer dizer? O que será uma nova identidade do Mercosul? Até agora enfatizamos que a cultura está sendo vista como um novo produto estratégico dentro da economia; e as identidades que se vinculam, é claro, aos fatores econômicos são, entretanto, geridas por processos que têm mais a ver com as tradições de cada um dos países do que com a maior circulação de bens já estruturados.

Está claro que cada vez esses bens são mais parecidos em todos os países, e isso se refere à variável da globalização que nos invadiu a todos. Quer dizer: o que intercambiaríamos? O que nós intercambiaríamos, senão a produção de objetos chamados culturais e geralmente vinculados aos meios massivos de comunicação e que,

na realidade, não refletem as identidades nacionais, senão níveis de produção de cada um dos países, porém quase homogêneos. É certo que se fala de um traço de uma telenovela brasileira diferente da telenovela Argentina. Entretanto, o central é um produto de exportação que adquire matizes locais, porque não se diferencia a função cultural que está cumprindo. Quero dizer, com isso, que o fato de que se aumente a circulação de telenovelas e outros produtos similares, entre Brasil e Argentina ou, em outros casos, entre Argentina e Paraguai não significa a gestação de uma nova identidade, mas apenas um maior mercado para os produtos industriais culturais de cada um desses países.

A identidade é uma grande construção na qual o povo – os diferentes setores da população – reconhece a si mesmo e é reconhecido pelos outros. Não é uma luta de hegemonia, pois as identidades não só se definem contra o outro mas pelo reconhecimento do outro. Mas sem esse reconhecimento, que é a forma do próprio reconhecimento de um povo, de uma população, não há possibilidades de se pensar a identidade. Podemos dizer que é certo que cada vez mais há identidades efêmeras, momentâneas. Por exemplo, fala-se muito em identidades de minorias. São identidades fugazes, que têm muito a ver com a maneira como se utiliza a publicidade nesses produtos, e que não perduram no tempo. Sem uma memória que vá-se acumulando, construindo e fundamentando uma forma de ser de uma população, a identidade passa a ser artificial e efêmera.

A identidade, então, não é facilmente construída por um ato de vontade, mas pela acumulação de vivências e experiências comuns. Em resumo, o Mercosul está assumido como mercado e o Mercosul

Cultural, também assumido como mercado. E quero enfatizar esse aspecto: a cultura contra o mercado. O Mercosul existe dentro de um modelo universal – a chamada globalização, que não é outra coisa senão um grande mercado, a concepção do mundo como um mercado. Já não há um mundo onde se universaliza um mercado, mas um mercado em que existe isto que até agora se chamava de mundo. A idéia de mercado dominando todo esse projeto de integração não é mais que a concretização dessa circunstância. E sem que saibamos até quando, porque seguramente o Mercosul dará lugar a mercados muito mais amplos, até chegar ao máximo, sendo que, para o momento, o máximo tão desonrado politicamente é a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas). Quando chegarmos à ALCA, seremos um mercado infinitamente mais amplo. É a ilusão das forças econômicas dos nossos países, pois já não seremos 200 milhões, seremos 1 bilhão de clientes. E, na fantasia, nossos clientes serão também os norte-americanos.

Essas são nossas fantasias. Porque tendo o mercado como guia, como eixo no qual se articula todo o pensamento do Mercosul – e do Mercosul Cultural –, não há espaço para pensar a cultura de outra forma. Ocorria-me pensar de outra forma, que esta vontade de mercado é assim como uma espécie de paródia das grandes frases ditas na história. Uma das frases que marcaram o começo do século XX, na segunda década, uma frase que iluminou simbolicamente a política durante muitas décadas, uma frase que se pronunciou na Rússia quando se criou pela primeira vez o mundo socialista, declarava *todo poder aos sovietes* e serviu, naquele momento, para a conquista do poder pelos *bolcheviques*. De todas as maneiras, a frase ressoou e

serviu simbolicamente para milhões e milhões de pessoas entregarem suas vontades e seus ideais em função da formação de tal sociedade. Com relação a todo esse poder que está formando-se agora, diríamos que o mercado está substancializando-se, ou seja, *todo poder ao mercado.*

Há uma frase muito mais antiga, que tem a ver com toda a nossa cultura do cristianismo, aquela famosa frase contida no diálogo entre Deus e Moisés, o único homem com quem ele falou diretamente. Moisés perguntou: "Que digo a meu povo?" Indagou também: "Quem és tu?" E Deus diz: "Eu sou o sol." E isso é o fundamento do cristianismo, algo absoluto ora incorporado no mercado, a idéia do *deus-mercado*. Não existe outra explicação: "Sou o sol."

A terceira frase, também assumida pelo mercado como sua, é outra que sacudiu a política, sobretudo da América, a ação política da esquerda da América Latina. Foi aquela frase que inspirou grande parte da ação política de esquerda na América Latina; era a expressão dita por Fidel Castro: "Dentro da revolução tudo, fora da revolução nada". *Dentro do mercado tudo, fora do mercado nada.* Todos se excluem do mercado, porém, tudo pode entrar no mercado, a cultura, a Universidade. Não funciona só como transação econômica, vai além, estabelecendo-se como ideologia fundante da relação acadêmica. Parece-me que isso é um dos problemas de muitas culturas contemporâneas.

"Quero dizer que, sem o Mercosul, houve épocas em que nossas linguagens eram comuns, porque havia um sistema de pensamento comum; não para todos, mas muito comum na época da ação política. Na época em que se aspirava às grandes transformações das sociedades de quase todos os países da América Latina, havia algo em comum, havia uma identidade."

Para terminar, quero dizer que quando se firmou o acordo do Mercosul Cultural em Buenos Aires, em 1995, realizava-se uma importante reunião da União Internacional de Telecomunicações, da qual participou o vice-presidente dos Estados Unidos, Al Gore. Nesse momento Al Gore assinou o destino manifesto do mundo, e esse destino manifesto foi o que se chamou de utopia da informação.

O fenômeno – possível graças às novas tecnologias da comunicação – passou a ser como o horizonte no qual o mundo deveria marchar, e deveria marchar, entre outras coisas, porque os Estados Unidos estavam marchando nesse sentido. A economia, a política e a cultura teriam agora um ponto de referência substancial que eram as utopias da informação. Na realidade, essa expressão serviria para realizar as indicações de estudiosos norte-americanos, como aquela que trinta anos antes havia diagnosticado o mundo tecnoburocrático, o mundo tecnoeletrônico, um modelo de mundo que já propunha um mundo global, um mundo único. O projeto de funcionamento mercantil estava na mesma linha do que seria uma

produção de uma economia capitalista. Naturalmente foi uma forma inventada e propícia para a construção do mundo como um grande mercado.

É o que agora encontramos: um mundo como um grande mercado em que alguns dos países – no caso do Mercosul, quatro dos países da América do Sul – querem formar um outro mercado para nele assegurar seu ingresso. Não resta dúvida de que sem o processo de globalização, eu não saberia o que seria do Mercosul. Por fim, cumpre destacar a idéia de que a integração americana não tem um único trajeto. Alguns crêem que estamos diante da possibilidade de realizar o sonho da União Americana, através do *Mercado Latino-americano*. Às vezes, extrapola-se a coisa e, assim, repete-se a linguagem dos embaixadores, linguagem que quase nunca cita o sonho bolivariano. Como vocês sabem, esse sonho fracassou. O único congresso que existiu, no Panamá, não teve êxito. Foi um visionário que, com idéias iluministas, queria reforçar uma realidade que não existia.

Queria assinalar, como um dado, a novela de García Márquez[15]. A novela se chama *O general e seu labirinto*, uma das últimas que escreveu. A história é interessante pois mostrou a Bolívia dos últimos dias, a Bolívia do fracasso, a Bolívia trágica. Pensou a unidade do país da América Latina como uma maneira de enfrentar a realidade nos domínios do mundo. Hoje estamos diante do desafio de nos incluirmos nesse mundo, inclusão que requer algo que tenhamos

[15] **N. do E.** Escritor colombiano, prêmio Nobel de Literatura e autor de, entre outros clássicos, *Cem anos de solidão*.

a oferecer. Talvez não tenhamos outra solução, talvez nossa economia, para ser viável, tenha que se inserir nesse mercado mundial.

Será que pode? O que nós teríamos que preservar? Esse seria nosso aspecto crítico para pensar se a cultura é só mais um elemento de mercantilização de nossas relações ou se poderíamos aspirar a outras formas de relações entre os países e o povo latino-americano. Quero dizer que, sem o Mercosul, houve épocas em que nossas linguagens eram comuns, porque havia um sistema de pensamento comum; não para todos, mas muito comum na época da ação política. Na época em que se aspirava às grandes transformações das sociedades de quase todos os países da América Latina, havia algo em comum, havia uma identidade.

Penso que existia um outro elemento fundamental de identidade, que é a religião; essa nunca necessitou de um mercado para que seu lugar de reconhecimento da realidade fosse possível. Não faziam falta os benefícios aduaneiros para que os livros circulassem. Recordo de ter lido Monteiro Lobato na minha infância. Quero dizer, havia um pensamento, uma identidade. Não é o Mercosul que vai estimular o conhecimento maior ou menor de Borges[16] em toda a América Latina. É preciso não confundir os planos de elaboração cultural, que são os lugares de reconhecimento dos próprios seres humanos como tais. Caso contrário, é reconhecer a cultura como fenômeno mercantil cuja única meta é consagrar a idéia hegemônica de mercado. Muito obrigado.

[16] **N. do E.** Jorge Luis Borges (Buenos Aires, 1899 - Genebra, 1986) Escritor, poeta e ensaísta argentino. Autor de, entre outros, *Luna de enfrente* (1925), *Historia de la noche* (1976) e *El libro de los seres imaginarios* (1968).

"...mas na verdade eu estou convencido que o Mercosul é, fundamentalmente, uma cons-piração das corporações transnacionais. Aliás, a primeira vez que eu ouvi falar na integração Argentina, Brasil e Uruguai foi quando Roberto Campos, no tempo da ditadura militar no Brasil e na Argentina, iniciou as negociações – Roberto Campos e Alceu Agras – para uma operação nitidamente orquestrada segundo os interesses das corporações."

Octávio Ianni

Octávio Ianni – Obrigado pelo convite para participar desta Mesa, pois é muito bom saber que teremos uma oportunidade de trocar idéias com vocês sobre um tema tão interessante e complicado, como o são a América Latina e o Mercosul. Eu queria colocar duas ou três questões que têm a ver com o que o Hector já falou, mas especificando alguns aspectos. Porque nós falamos de Mercosul, Nafta (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio) e União Européia? Será que isso é tão evidente e tão natural? Será que realmente os franceses e os alemães estão entendendo-se para valer, a ponto de construir uma União Européia? Os ingleses se mantém com muita ironia nesse esquema e os espanhóis, os portugueses e os italianos, com certo senso de humor, aproveitam a integração. Na verdade, a integração européia e problemática e agora está enfrentado novamente um

problema que consiste em definir se forma, de fato, uma federação com estrutura de poder supranacional ou se mantém as estruturas nacionais e também as instâncias de negociações, para que os países possam continuar imaginando que são instituições nacionais. Os franceses continuam achando que são franceses, por exemplo.

É interessante refletir criticamente sobre isso e, inclusive, em relação ao Mercosul. Ao mesmo tempo, aqui há essa dimensão, que o Hector mencionava, de um pensamento comum principalmente em alguns setores da sociedade latino-americana. Isto é, havia em muitos de nós uma espécie de *bolivarismo* mítico que é bonito e que muitas vezes teve grande vigência, mas havia uma distância muito grande entre Brasil e Argentina, Brasil e Uruguai e Argentina e Paraguai.

Vejam que ironia da história: assina-se a ata de nascimento do Mercosul em Assunção, no Paraguai, pelas três nações que esmagaram, que quase apagaram o Paraguai do mapa. Até hoje o Brasil tem em seu território uma parte que era do Paraguai, incorporada como indenização de guerra. Vejam que ironia. Na verdade, existiu uma hostilidade alimentada internamente por certas elites e externamente pelo imperialismo britânico e pelo imperialismo norte-americano. Quer dizer, é tão séria essa história que o maior segmento do exército brasileiro é o terceiro exército, que está na fronteira da Argentina. Sem esquecer que, durante vários momentos do passado recente, o Brasil esteve em vias de invadir o Uruguai e eventualmente outras áreas por causa da Operação Condor, da Guerra Fria, etc.. Interessante é como de repente tudo isso acabou, apagou. Como se explica isso? É claro que esse assunto é para se especular um pouco, mas na verdade eu estou convencido que o Mercosul é,

fundamentalmente, uma conspiração das corporações transnacionais. Aliás, a primeira vez que eu ouvi falar na integração Argentina, Brasil e Uruguai foi quando Roberto Campos, no tempo da ditadura militar no Brasil e na Argentina, iniciou as negociações – Roberto Campos e Alceu Agras, uma figura da política Argentina, se não me engano – para uma operação nitidamente orquestrada segundo os interesses das corporações.

Agora, não deixa de ser um processo histórico que tem suas implicações. Então, também podemos considerar não só as complicações econômicas, como as políticas, sociais e culturais. Eu acho que é um horizonte que se abre para reflexões, pesquisas e debates, desde de que se tenha uma certa clareza sobre esse quadro. Portanto, nós podemos pensar em políticas, diretrizes, em algum tipo de norma, mas sem deixar de reconhecer que o Mercosul é uma operação de cima para baixo, inspirada pelas corporações e posta em prática pelos governos e pelas agências governamentais. Estas fazem de conta, ou melhor, os diplomatas fazem de conta que está tudo bem, que tudo irá muito bem. Isso me fez lembrar de uma frase do Carpentier[17] em que ele diz: "Ariel *(personagem do livro Recurso do Método)* nasceu para embaixador, para diplomata e sempre que a gente faz uma pergunta a ele, ele responde com outra pergunta, ele nunca diz o que pensa ou responde em idéias gerais."

Mas na verdade o Mercosul tem sido orquestrado pelas corporações e posto em prática pelos governos nacionais, algo com

[17] **N. do E.** Alejo Carpentier (Havana, 1904 - Paris, 1980) - Escritor e poeta cubano autor de, entre outros, *Os Passos Perdidos* (1954) e *O recurso do método* (1974).

conseqüências para as políticas culturais. Já há, de fato, um intercâmbio cultural evidente e, inclusive, as universidades estão caminhando para certos programas comuns. E é claro que os sindicatos e os movimentos sociais também entraram em um intercâmbio, o que é muito importante, ou seja, a despeito do que o Mercosul é, com o *globalismo*, uma operação de cima para baixo, os setores sociais, os diferentes setores sociais estão organizando-se e tratando de organizar uma aliança em âmbito multinacional, no caso, no âmbito do Mercosul. Eu tenho notícias de lideranças sindicais e de partidos que circulam entre Argentina, Paraguai, Uruguai, Brasil e assim por diante. Isso é uma reação, muito sintomática e positiva, do que seria a sociedade *lato sensu*, dos setores subalternos de modo a assumir esse tipo de *transnacionalização* e buscar definição de novas perspectivas.

Mas eu acho que vale a pena lembrar que o Mercosul vem acompanhado de um processo avassalador de destruição de todos os projetos nacionais na Argentina, no Brasil, no Uruguai e no Paraguai. Algo que também ocorreu no Chile e na Bolívia. A transnacionalização está implicando não simplesmente, como se diz, a reforma do Estado com descentralização, modernização e Estado mínimo, mas na verdade significa a destruição dos projetos nacionais que já tinham sido montados. Não eram projetos dos sonhos de muitos de nós, mas a verdade é que a instauração do Mercosul vem acompanhada da reforma do Estado, de uma redefinição do aparelho estatal, a rigor, de uma redução do princípio de soberania e de uma progressiva adequação dos aparatos estatais às exigências da transnacionalização, sendo que esse processo vem acompanhado

de um total desmonte dos projetos nacionais. O peronismo foi um poderoso projeto nacional, com muitos problemas, todos sabemos e os argentinos sabem melhor que nós. O getulismo, o trabalhismo e o populismo formaram um poderoso projeto nacional, limitado no âmbito de um capitalismo nacional, mas um projeto forte. Esses dois projetos, assim como no Uruguai ou no Paraguai, têm sido desmontados.

Então nós devemos reconhecer que, independentemente do êxito do Mercosul, o problema já está posto. Não há duvida que já se realizou uma mudança drástica no cenário nacional, tanto pelas injunções do FMI e do Banco Mundial quanto pelas exigências de agilização das políticas do Mercosul. Vale a pena reconhecer que essa realidade latino-americana, no caso do Cone Sul, é uma realidade nova, exigindo que os setores sociais subalternos assumam essa *transnacionalidade* e reconheçam que, nesse nível, há possibilidades de organização, de mobilização, inclusive de lutas sociais e também de produções culturais. Nesse sentido, acho que as universidades têm um potencial muito grande de desenvolvimento, tendo em conta essa realidade que é transnacional, não só porque vamos aprender melhor espanhol e português, mas porque identificaremos problemas semelhantes na Argentina, no Uruguai, no Paraguai, no Brasil, etc. E, nesse sentido, há que se tomar consciência dessa realidade como horizonte de reflexão sobre processos que estão ocorrendo, sendo possível definir diretrizes culturais, políticas e outras que couberem em âmbito transnacional, sem prejuízo das lutas sociais e nacionais.

"Mas não vamos nos iludir, pois eu acho que está acontecendo algo muito forte. Trata-se do processo de imposição da ALCA. Por enquanto, parece que é o governo americano que está impondo, mas na verdade são as corporações que estão jogando ativamente nesse processo, principalmente as corporações americanas. Então, nós estamos diante de um desafio que é incômodo mas, ao mesmo tempo, interessante".

Mas eu gostaria de enfatizar um aspecto que está me ocorrendo, o que talvez seja um pouco antipático, mas vale a pena mencionar: o Mercosul, a meu ver, está condenado. O Cavallo[18] decretou o fim do Mercosul. Os problemas da Argentina são sérios, e os argentinos perceberam que o Mercosul não vai resolver os problemas da Argentina; eles têm que resolver o problema em outro nível, e é nesse nível que eles estão atuando. E nesse nível significa o quê? Não só o FMI, o Banco Mundial, mas também a ALCA. E o voto da Argentina para a entrada na ALCA, parece-me, já foi dado.

Vocês podem não concordar, alguém pode dizer que o Brasil tem uma posição muito especial, ele está negociando. Mas o governo brasileiro não está negociando; na verdade, ele está jogando. O

[18] **N. do E.** Domingo Cavallo, ex-ministro da Fazenda da Argentina por duas vezes, nos governos de Carlos Menem (1991-1996) e de **Fernando de la Rúa** (1999-2002), foi o responsável pelos ajustes neoliberais produzidos na Argentina no início dos anos 90.

governo brasileiro e as elites econômicas, políticas e militares querem fazer o jogo em que o Brasil pode ser o aliado preferencial dos Estados Unidos na América do Sul. Essa é a jogada da diplomacia brasileira. Aquela conferência feita em Brasília no ano passado, com o presidente e os representantes da América Latina, foi uma jogada diplomática do Brasil para melhorar a posição do governo no sentido de negociar essa proposta, de ser aliado preferencial dos Estados Unidos, não no sentido de grandes negócios, mas de algumas vantagens associadas à sua entrada na ALCA de corpo e alma.

Eu estava participando, aqui na USP, de uma banca de doutorado, o candidato trouxe um amigo que era funcionário de Brasília. Ele me falou: "Realmente o governo mobilizou dezenas de comissões que estão analisando afoitamente os meios e modos para que o Brasil entre na ALCA." Os vários ministérios já possuem vários grupos trabalhando ativamente nesse sentido. Então, o Brasil está fazendo de conta que está no Mercosul, mas na verdade não está mais. A Argentina já decidiu que não, pelo menos é o que parece.

Assim sendo, estamos num quadro que é problemático. Do ponto de vista da universidade, da pesquisa, do estudo sobre problemas políticos, sociais e culturais, foi uma abertura que tem que se aproveitar; inclusive há centro de candomblés em Buenos Aires. Mas não vamos nos iludir, pois eu acho que está acontecendo algo muito forte. Trata-se do processo de imposição da ALCA. Por enquanto parece que é o governo americano que está impondo, mas na verdade são as corporações que estão jogando ativamente nesse processo, principalmente as corporações americanas.

Então, nós estamos diante de um desafio que é incômodo mas, ao mesmo tempo, interessante. Já que está em curso o esvaziamento do Mercosul e o fortalecimento do *monroísmo*[19] na sua nova versão, que é a atual política norte-americana na América em geral, vale a pena estudar o que realmente aconteceu, avaliar e acompanhar esse debate, entender a operação geopolítica norte-americana na América Latina. Trata-se de procurar entender o que está acontecendo nesse âmbito para, primeiro, encontrarmos explicações que sejam fundamentadas, que sejam convincentes; e, além disso, é claro, desvendar diretrizes possíveis para um trabalho que seria – conforme percebo nas entrelinhas das palavras do Hector – o de recuperar o bolivarismo, porém realista, numa condenação do que está acontecendo realmente na América Latina.

Eu não vou me estender mais porque se trata apenas de apresentar esses dois ou três problemas. O Mercosul foi proposto num quadro histórico e social extremamente problemático porque havia sérias tensões alimentadas, internamente e externamente, por interesses que implicavam a separação e a hostilidade entre países da América do Sul. Há esse fato, que é de uma ironia atroz, de a Ata de Fundação do Mercosul ser assinada em Assunção do Paraguai, o país que essas três nações, induzidas naturalmente por operações imperialistas, quase apagaram do mapa. Ao mesmo tempo, nós

[19] **N. do E.** Refere-se à Doutrina Monroe, conjunto de medidas políticas contidas em documento aprovado pelo Congresso norte-americano em 1823 e formuladas pelo então presidente dos Estados Unidos, James Monroe. De aparente inspiração progressista, passou a ser utilizada como justificativa para ações intervencionistas e como um disfarce para a subordinação de países da América Latina aos interesses econômicos e estratégicos dos EUA.

notamos que as forças internas, em cada país, não abandonam nunca a artimanha de *fazer de conta*, como faz o Cavallo e como, discretamente, o Brasil anda fazendo há muito tempo. Então, temos um quadro que é problemático, agravado pelo risco de que a ALCA se concretize nos próximos anos.

À primeira vista, é uma operação que implica novo ciclo do imperialismo norte-americano na América Latina, uma espécie de neo-imperialismo, uma espécie de neoliberalismo, uma operação de grande envergadura, contando inclusive com setores subalternos da sociedade norte-americana. Nós podemos imaginar algo perfeitamente possível, que algumas lutas sociais vão transformar-se em lutas continentais, incluindo a sociedade norte-americana; não é uma fantasia interessante? A idéia de que os *chicanos*, os porto-riquenhos e muitos latino-americanos, além de outros que estão nos Estados Unidos, podem fazer parte de um debate, de um movimento de reivindicações e – por que não? – de lutas sociais de caráter continental? Eu termino lembrando que, a meu ver, nós já estamos no novo palco da história. O palco nacional continua válido, mas perdeu muita importância, e vale a pena reconhecer que esse palco transnacional é, indiscutivelmente, o palco que já está constituído do ponto de vista das classes dominantes. Para essas, isso é um dado de fato: as classes descontentes é que estão demorando para assumir essa *transnacionalização* e reconhecer, nesse novo palco da história, o potencial de organização, de conscientização, de reivindicação de lutas sociais, que é excepcionalmente espetacular pela semelhança de reivindicações várias e pela gravidade dos problemas que estão multiplicando-se no âmbito desse *globalismo*. Muito obrigado.

"Então, eu vejo um campo de integração cultural que ultrapassa o limite latino-americano para chegar aos EUA. Trata-se, enfim, de obrigar a nossa imaginação a contribuir para desenvolver esse potencial, que é ao mesmo tempo político e cultural. Eu acho que nós temos que ajudar a América Latina a encontrar seus instrumentos de ação política comum; e a cultura parte desse processo, ela é mais que um instrumento porque é, inclusive, um fundamento para essa ação política comum".

Theotônio dos Santos

Theotônio dos Santos – Bom, é necessário começar elogiando esta iniciativa e a importância deste debate. Vamos tentar, dentro do que nós já discutimos, levantar algumas questões que, parece-me, ainda faltam para o debate. A primeira delas diz respeito à necessidade de clareza sobre a diferença entre mercado comum e uma integração regional, pois são duas coisas que estão distantes uma da outra. O Mercosul surge dentro de uma idéia de mercado comum. Trata-se simplesmente de abrir os mercados da região para facilitar o intercâmbio econômico. Inclusive, no caso Brasil e Argentina, cinco anos antes da criação do Mercosul, por iniciativa do José Sarney e do Celso Furtado, que teve um papel importante, já havia outro tipo de tentativa que era de comissões comuns em vários setores, na busca muito mais de integração do que propriamente de mercado. Agora,

o que é interessante é que pela primeira vez nós demonstramos que, no caso do Mercosul, é simplesmente uma mistura de mercado.

Mostrou-se que o potencial de intercâmbio entre os países do Mercosul é muito grande, o que também vale para o resto da América Latina. Na verdade, as economias latino-americanas foram formadas para o mercado mundial, apesar de que alguma integração houve entre partes, as partes voltadas diretamente para a exportação e as regiões que as atendiam. A nossa infra-estrutura de transporte, por exemplo, foi criada e basicamente dirigida ao mercado mundial, ao Atlântico e aos portos principais do Pacífico. O Caribe também teve essa função muito importante. Então, o que nós observamos hoje é que as escalas de produção contemporânea não permitem mais pensar o processo de produção nos limites de mercados que nós tínhamos; e mesmo quando se pensa no mercado mundial. E há que se considerar ainda que existe, no mundo de hoje, uma divisão de trabalho em que os centros do sistema econômico mundial estão transferindo a produção industrial para as zonas intermediárias, sobretudo a produção industrial que tem dificuldade com o meio ambiente e que utiliza mão-de-obra barata.

A política da boa vizinhança do Roosevelt acabou, não é mais essa a proposta. Talvez ela até pudesse se desdobrar no processo sob a liderança anterior do Clinton, mas com a liderança atual não creio nessa possibilidade. Há, nesse ponto, uma questão que me parece também fundamental, a saber, nós sempre temos que pensar que dentro dos Estados Unidos existem contradições e, neste momento, há uma oposição muito forte à ALCA. É provável, inclusive, que o presidente Bush não consiga realmente estabelecer a ALCA.

Essa oposição tem duas origens, o movimento operário americano e a direita americana, suas duas forças principais.

A direita norte-americana porque expressa os setores médios e pequenos, bem como os grandes proprietários norte-americanos que não são multinacionais, que estão basicamente ligados ao mercado interno e que, portanto, não são favoráveis à ALCA. Isso porque eles não têm um movimento de capital suficiente para alcançar o exterior. Disputam o mercado americano; eles estão fundados essencialmente no mercado americano. Esses setores são contra, opondo-se bastante sistematicamente. E, do outro lado, o movimento operário norte americano tem hoje, na AFL-CIO[20], o seu centro histórico modificado em composições políticas novas. É o grupo que participou do movimento de Seatle[21], movimento que ganhou dimensão porque os sindicatos americanos estavam à sua frente. Não foram só as ONGs que criaram aquele impacto todo; aquele impacto todo veio por causa da participação do movimento operário.

---

[20] **N. do E.** A AFL-CIO (Federação Americana do Trabalho-Congresso de Organizações Industriais) é a mais poderosa central sindical dos EUA. Foi criada para combater o sindicalismo de tendência socialista e sua atuação se estende para outros países, principalmente da América Latina. É o berço do chamado sindicalismo de resultados e de negócios.

[21] **N. do E.** Refere-se às manifestações da Ação Global dos Povos, movimento que promoveu vários "Dias Globais de Ação contra o Sistema Capitalista" com manifestações por todo o mundo, realizadas em 18 de Junho 1999 (Colônia, Alemanha), durante a reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI), e 30 de Novembro 1999 (Seattle, EUA), por ocasião da reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC). Em 30 de Novembro, houve manifestações em dezenas de países e em dezenas de cidades dos Estados Unidos. Esse dia ficou marcado pelas manifestações de Seattle, que atingiram proporções tais que impediram a chegada de muitos delegados ao local da reunião. É um dos marcos da luta antiglobalização.

Na AFL-CIO, hoje, é preciso ver o papel dos *chicanos*. Os *chicanos* têm a representação da vice-presidência que está ligada ao movimento da Califórnia, o velho movimento dos trabalhadores agrícolas da Califórnia, e os quadros políticos principais que estão agitando o movimento operário com várias ações de grandes dimensões, inclusive com greves expressivas como, por exemplo, no setor de transportes, entre outros. Esses quadros são predominantemente quadros latinos, são *chicanos*, são porto-riquenhos, são quadros da América Latina em geral que estão organizando a nova fase de ação da AFL-CIO e que são fundamentalmente contra a ALCA. Essa presença latina nos Estados Unidos tem motivações de integração com a América Latina porque existe também uma aproximação cultural que, hoje, está dimensionando-se na música popular, sendo que a musica popular latina está ganhando um espaço muito significativo nos Estados Unidos, inclusive na indústria musical. Está abrindo espaço para a presença, por exemplo, no Grammy.

Esse fato se dá devido ao peso que os latinos representam no mercado norte-americano. É um mercado tem que ser redimensionado e, portanto, considerar o imaginário latino-americano nesse contexto. Essa população hoje é maior nos Estados Unidos, etnicamente passando a população negra e a população branca. Esta ainda tem uma pequena minoria que está dividida entre vários setores brancos que não têm unidade, por exemplo, os italianos. Há um conflito muito antigo com os latinos, desde Nova York; mas são vistos como recuperáveis para um certo projeto latino dentro dos Estados Unidos. Então, eu vejo um campo de

integração cultural que ultrapassa o limite latino-americano para chegar aos EUA.

Trata-se, enfim, de obrigar a nossa imaginação a contribuir para desenvolver esse potencial, que é ao mesmo tempo político e cultural. Eu acho que nós temos que ajudar a América Latina a encontrar seus instrumentos de ação política comum; e a cultura parte desse processo, ela é mais que um instrumento porque é, inclusive, um fundamento para essa ação política comum. Portanto, acho que estamos em um campo de grande potencial e devemos ajudar a criar elementos teóricos para que esse potencial possa emergir e avançar. Obrigado.

"... acho que não há nada Importante no mundo que possa ser explicado hoje se nós fizermos a abstração da hegemonia norte-americana, hegemonia que se dá em todos os planos; econômico, tecnológico, comercial, cultural, militar, político. Nós estamos numa área que historicamente, desde o ultimo século e meio, mais ou menos, foi incorporada à hegemonia norte-americana. Então, com os Estados Unidos assumindo o papel de única superpotência mundial, é claro que a relação de força e inserção da América Latina no mundo foi muito prejudicada, muito debilitada.."

Emir Sader

Emir Sader – A vantagem de falar no final é que já foram devidamente abordados os aspectos da natureza, da evolução histórica, e eu vou deter-me mais nos aspectos políticos contemporâneos e em eventuais perspectivas da América Latina. Como já foi dito expressamente, o Mercosul faz parte de uma nova configuração da chamada ordem mundial. Acho que o Mercosul se foi, está dessangrando-se e desaparecendo. Ele foi a única tentativa de integração no sul do mundo, o que quer dizer bastante, porque o sul do mundo somos 85% da população mundial que concentramos, que dividimos pessimamente 15% da renda mundial e, no entanto, os mecanismos fundamentais de poder estão concentrados justamente nos 15 ou 20% da população do mundo que estão no hemisfério Norte e que concentram 85% da riqueza mundial. Mais do que isso, há os três megamercados mundiais. Portanto, como eles são os mais ricos, articulam-se entre eles. Então, têm extraordinária capacidade de intervenção. A América Latina é uma das vítimas fundamentais dessa virada da relação de força mundial nas duas últimas décadas do século passado.

O século passado foi o primeiro século em que a América Latina existiu para o mundo, em que ela foi agente de alguma medida para seu destino histórico, o que se dá desde o começo do século, com o massacre dos operários mineiros do norte do Chile em Iquique, com a Revolução Mexicana, com a reforma universitária em Córdoba, na Argentina, quer dizer, em todos os processos históricos do século XX, incluindo aquele que foi um fenômeno extraordinário, no qual alguns países da América Latina se industrializaram. Alcançaram uma industrialização dependente, insuficiente, deformada, mas rompendo

com aquela divisão histórica do trabalho pela qual somente o centro do capitalismo é sinônimo de industrialização e de urbanização.

Então, também há uma ruptura em relação a isso. A América Latina se tornou, de alguma maneira, uma referência que questionava hegemonias mundiais. Especialmente porque nós estamos na área de influência privilegiada dos Estados Unidos. Eu acho que a hegemonia norte-americana – se vocês quiserem, o imperialismo americano – é uma referência fundamental. Mais ainda, de maneira contemporânea, eu acho que não há nada importante no mundo que possa ser explicado hoje se nós fizermos a abstração da hegemonia norte-americana, hegemonia que se dá em todos os planos; econômico, tecnológico, comercial, cultural, militar, político. Nós estamos numa área que historicamente, desde o ultimo século e meio, mais ou menos, foi incorporada à hegemonia norte-americana. Então, com os Estados Unidos assumindo o papel de única superpotência mundial, é claro que a relação de força e inserção da América Latina no mundo foi muito prejudicada, muito debilitada.

O que caracteriza a Nova Ordem Mundial são alguns elementos. O primeiro deles foi exatamente a crise, o esgotamento do chamado Terceiro Mundo. Pode-se datar isso, no fundo, a partir da crise da dívida de 1980 e 81, em que os projetos do que se chamava então potências intermediárias e emergentes na América Latina, que incluíam especialmente México, Brasil e Argentina, foram profundamente golpeados e se dessangraram na crise ao longo dos anos 80. Aliás, não se recuperaram em relação a isso. Tanto assim que os projetos em desenvolvimento ficaram praticamente esgotados. E, de lá para cá, projetou-se a economia do capital financeiro, a que

conhecemos presentemente. A desaparição do Terceiro Mundo com todos os organismos, entidades que o articulam, foi um dos elementos constitutivos da Nova Ordem Mundial. Exceção feita à OPEP, por sua particularidade de basear-se na produção de petróleo, que continua sendo uma matéria-prima importante, todas as entidades praticamente desapareceram como agentes políticos diretos.

A segunda unidade a desaparecer foi a União Soviética, mudando completamente a relação de forças mundiais. É preciso considerar que os países do chamado Terceiro Mundo se valiam um pouco do equilíbrio mundial para conseguir ter uma área, uma forma relativamente autônoma de intervenção e também para não se enfraquecerem profundamente. E depois houve a passagem do capitalismo *keynesiano*, digamos, para o capitalismo financeiro neoliberal. Com a liberação comercial, a desregulamentação enfraqueceu ainda mais as periferias que se protegiam da competitividade, da capacidade de competição mais avançada dos países do centro do capitalismo, numa certa proteção de seus mercados. Enfraquecendo-se a periferia, essa hegemonia se consolidou fortemente.

Então, a América Latina baixou enormemente o seu perfil na escala mundial; nós advertimos em relação a isso; basta ver o Brasil, que tem a maior competitividade mundial. Em que consiste a pauta de exportação no Brasil? Além disso, éramos altamente superavitários e hoje somos deficitários. Mesmo sendo deficitários, estamos liderando pela exportação de café e soja. Quer dizer que o Brasil desarticulou sua capacidade, sua competitividade industrial. E, além do mais, se desarticular sua capacidade de exportação fosse a contrapartida de um aumento da capacidade de produção industrial... Mas isso não ocorreu. Os dois aspectos se enfraqueceram. Bom, eu

nem preciso falar da Argentina, onde já houve um capitalismo formidável, se é que é possível falar em capitalismo formidável na América Latina. Um país que tinha empregos, empregava todos os argentinos e empregava paraguaios, chilenos, brasileiros, uruguaios, peruanos; possuía uma capacidade de absorção de mão-de-obra num capitalismo relativamente equilibrado, com direitos sociais estendidos e consolidados.

A América Latina, no seu conjunto, debilitou-se, o que faz parte também de uma estratégia específica dos Estados Unidos, que elimina qualquer possibilidade de liderança regional que os ameace. A estratégia é impedir que os países tenham capacidade regional, já que em escala mundial sabidamente não têm. E acho que os episódios da Guerra da Iugoslávia demonstraram que a Europa se curvou diante dos Estados Unidos, do ponto de vista político, do ponto de vista militar, ou seja, os europeus não têm uma política externa própria e, sendo assim, não são um obstáculo. Obstáculo são aqueles que, mais ou menos, não estão sob controle. O fantasma norte-americano, hoje em dia, mais do que o enfrentamento do narcotráfico ou qualquer coisa assim, é a eventual aliança do Irã com a China. São dois países que escapam ao controle, não estão sobre o controle total dos Estados Unidos. É aquela loucura de aliança de dois países que têm uma explosão demográfica enorme – o que é sempre um susto para o capitalismo. É muita gente, é um susto do tamanho da China. São países que estão na periferia, mas não sob o controle direto dos Estados Unidos.

Os nossos países, na verdade, abaixaram a cabeça. A subordinação, na década de 90, à política norte-americana é brutal.

Aquela disputa para ver quem era aliado mais carnal dos Estados Unidos, entre Menem e Fernando Henrique, era uma vergonha. Na verdade era a Argentina, numa análise do próprio Menem, considerando que o Brasil foi privilegiado dos Estados Unidos porque a Argentina foi neutra nas duas Guerras Mundiais. Então, os argentinos precisaram demonstrar uma fidelidade carnal, muito maior do que a brasileira, a ponto de mandarem tropas não solicitadas para a guerra do Iraque. São demonstrações de subserviência, uma maior que a outra. Foi um período muito ruim para a América Latina.

O Mercosul entrou nesse espaço. Se eu me lembro bem, o antecedente ao Mercosul foi a aliança Ford e Wolkswagwen, Brasil e Argentina, decorrência da integração comercial. Era a primeira Autolatina. Na verdade era muito mais significativo, era uma integração de duas empresas que não eram latino-americanas, cuja efetivação não significou o barateamento do automóvel, não significou estender a força de trabalho, ao contrário, teve uma amplitude social muito negativa. Mas depois o Mercosul foi importante. Porque era uma exceção, era o único projeto de integração que estava no sul do mundo. Além do mais, a crise mexicana de 94 deu tempo e espaço ao Mercosul. Porque os Estados Unidos não puderam fazer o que queriam, que era captação individual que previa, depois da incorporação mexicana, a submissão chilena. O governo do Chile chegou a assinar um protocolo de incorporação, seria o próximo aluno bem comportado a fazer a lição de casa, essa expressão odiosa. A crise mexicana, contudo, dificultou a captação por unidades, surgindo então a idéia da ALCA.

"...um dos aspectos importantes que a gente conquistou a partir de Seatle foi o Fórum Social Mundial de Porto Alegre, que é um espaço para conseguir uma alternativa. Possibilita-nos, pelo menos, sair do marco de que a única globalização possível é a liberal e as únicas resistências são de Estados fundamentalistas islâmicos da periferia do capitalismo, o que é um prato cheio para seus defensores."

Veio a idéia da ALCA, que era um projeto que estava na gaveta; ocorreu uma reunião em Miami e não havia o que se propor, até que sugeriram ao Bush que falasse do assunto. Ele falou, esboçando-se por conseqüência um projeto que, inicialmente, ficou engavetado. O Mercosul ganhou tempo, porque não era possível a via rápida, e ganhou espaço. O Chile olhava de maneira muito superior, elitista em relação ao Mercosul, porque o considerava uma coisa menor, preferindo olhar para o Norte. Quando se fecharam as portas, ele se incorporou relativamente, o mesmo se dando com a Bolívia. Na reunião anterior à da ALCA, que se fez no Chile, o Mercosul conseguiu negociar coletivamente, adiar todos os acordos. Nenhum acordo entrou em prática antes que todos tivessem decidido e jogava-se para 2005 porque, no final da reunião, assinara-se um protocolo com os países andinos, e o mercado andino estava em desarticulação; estava incorporando-se. Chegou até a ocorrer uma reunião com os países da América Central, o que era muito mais difícil.

De qualquer forma, retomou-se a capacidade de iniciativa. Acontece que as políticas neoliberais não são integradoras. Elas são uma grande liberdade de comércio. Mas, na verdade, toda a idéia é de que vamos enfrentar os Estados Unidos e as relações internacionais, pedindo mais liberdade de comércio e não menor. Então é como se a OMC (Organização Mundial do Comércio) fosse uma instância neutra e devida para julgar os conflitos. O Brasil perdeu todas as disputas, inclusive recebendo a maior penalidade mundial na questão com o Canadá, relativa aos aviões. Na verdade, como sabemos historicamente, não há um juiz neutro. Sabemos das reportagens da imprensa de como é que se faz um julgamento, quem é que tem a capacidade de intervenção, como é que se nomeiam os juízes.

Na verdade, a profissão de fé do livre-comércio é incompatível com o Mercosul. E, na realidade, os países do Nafta ou da Europa, lembrando da Unificação Européia, têm uma dupla carga. Sabem o que é livre-comércio, mas quando se integra uma região, integrar é regulamentar, é privilegiar, é proteger. Quer dizer, a Bélgica está mais perto da Itália e de Portugal e está mais longe do Brasil e da Argentina. Isso significa que a integração é uma regulamentação, é um atentado ao livre-comércio. Mas eles fazem isso porque é uma maneira de integrar, senão não haveria integração regional.

Agora, no Mercosul não ocorreu isso, houve uma espécie de compensação da perda de competitividade, e o que aumentou enormemente foi o comércio intra-regional, porque o Brasil e a Argentina têm um recorde vergonhoso de serem os únicos países do mundo que tinham um déficit com os Estados Unidos. Os Estados Unidos têm um déficit comercial com todo o mundo e um superávit

com o Brasil e a Argentina. Quer dizer, pelas políticas monetárias, pela supervalorização da moeda, o que aumentou foi o mercado regional. A articulação do Brasil e da Argentina, dois países com peso relativo, não significou a conquista de mercados externos significativos. Como o mercado entre os dois países se debilitou com a desvalorização brasileira, foi à pique o Mercosul, quer dizer, o intercâmbio regional muito grande não potencializou a competitividade internacional; houve o aproveitamento de vantagens comparativas e, depois, o total desequilíbrio com a desvalorização da moeda brasileira.

Bom, como é que se apresenta hoje o aprofundamento dessas questões? Veio o processo do Mercosul, aproximavam-se os prazos: a idéia de jogar para 2005 era totalmente fantasiosa, porque quanto mais se passava o tempo, mais se privatizava e mais se desarticulava a capacidade competitiva do Brasil e da Argentina. O futuro, afinal, chega. Vai chegando e o Brasil na dependência da soja e do café. Então, tudo é suicídio, é fantasia jogar para o futuro. A desvalorização levou, de fato, ao desequilíbrio mais direto entre Brasil e Argentina, e houve uma administração absolutamente irresponsável dos conflitos setoriais. Se eles tivessem idéia estratégica da importância do Mercosul, tratariam de minimizar os conflitos, mas a forma administrativa usada foi corporativa e levou a essa situação natural, que é de liquidação do Mercosul.

Não há perspectivas de futuro no marco atual; poderia haver, se existisse horizonte de mudança nos governos. O Brasil tem um horizonte possível de mudanças. A Argentina aparentemente não tem. Na verdade, essa crise é uma situação muito difícil. O companheiro argentino sabe disso, que na Argentina há clareza absoluta que a

crise é brasileira, exportada para a Argentina. E no Brasil se tem clareza absoluta de que a crise é Argentina, exportada para o Brasil. Na verdade, é crise para os dois. Quando a gente passa a fronteira, fica olhando para ver se tem algum ponto no qual se possa ver exatamente a natureza da crise; porque quando se está num lugar, remete-se a origem para outro. E, hoje, governar é buscar bode expiatório, não se assumem as responsabilidades. Trata-se de uma crise de ambos os países. Uma crise de reajustes fiscais que chegaram ao limite e se esgotaram.

Bom, surge a ALCA, e eu acho que nós temos um horizonte de dúvidas. Eu acho que um dos aspectos importantes que a gente conquistou a partir de Seatle foi o Fórum Social Mundial de Porto Alegre, que é um espaço para conseguir uma alternativa. Possibilita-nos, pelo menos, sair do marco de que a única globalização possível é a liberal e as únicas resistências são as de Estados fundamentalistas islâmicos da periferia do capitalismo, o que é um prato cheio para seus defensores. É a idéia dominante: o horizonte superior da história qual é? Democracia liberal, democracia que é liberal na visão deles, e economia capitalista de mercado, todo o resto é pré-capitalista, de alguma maneira é. Só que eles acham que a história acaba aí. Mas na verdade o fato de criar o espaço de Porto Alegre, o Fórum Social, é criar um espaço para uma alternativa internacional, uma outra visão, uma visão internacional do mundo, lutar por algo que não existe e que, por isso mesmo, precisa ser construído.

Não por acaso, uma das iniciativas foi exatamente a idéia de um plebiscito sobre a ALCA. A idéia surgiu não só porque a Europa discutiu em vários plebiscitos nacionais sobre a moeda única, mas

porque hoje o destino de cada país está ligado diretamente à concretização ou não da ALCA. Provavelmente na campanha eleitoral brasileira do ano que vem (*2002*), pela primeira vez em nossa história, os projetos nacionais terão que discutir os temas da ALCA, os temas do Mercosul, os temas da inserção internacional. Não dá para pensar na possibilidade de o Brasil romper a crise atual sem mudar sua inserção internacional. E quem deixar de lado esse temas, na verdade, está pensando na inserção subordinada atual, que é a que tem levado à crise, ao esgotamento, à impossibilidade de projetos em desenvolvimento.

Então, nós vivemos um momento relativamente positivo, considerando o que foi mencionado, ou seja, com a mudança da relação de forças do congresso americano, está mais difícil para o Governo Bush conseguir a via rápida. E, sobretudo com a recessão internacional, é mais difícil também ter concessões das grandes corporações americanas em relação à abertura de setores no seu mercado para se criar contrapartida.

"Se dizem que o Brasil vai retomar o processo de desenvolvimento com esse grau de endividamento, com o fluxo de capitais financeiros 'carnavalesco' que existe no país, com a ALCA se consolidando, estão falando mentiras. Trata-se, na verdade, de consolidar a inserção subordinada do Brasil; nossa pauta passa a ser, definitivamente, uma pauta de país primário-exportador e assim por diante."

Eu acho que o tema do plebiscito é muito importante, vai nos obrigar a fazer o que fizemos com o plebiscito da dívida. Na Semana da Pátria, no ano passado, realizamos um plebiscito convocado pela CNBB, pelo MST, por vários organismos para discutir a dívida e fazer as pessoas perceberem que tem a ver com seu cotidiano. Então, o importante não é colocar o tema, é fazer a campanha, a propaganda do tema, e tentar fazer com que as pessoas se dêem conta de que aquilo afeta seu cotidiano e afeta o Brasil como um todo. Vocês sabem, com as dificuldades enormes que tivemos, como lugar para votar e tudo isso, mais de 6 milhões de pessoas votaram. Eu acho que podemos fazer isso em relação à ALCA. Existem projetos no Congresso; na Câmara dos Deputados, apresentados pelo Luis Mercadante e pelo Henrique Fontana, e no Senado, apresentado pelo Roberto Saturnino. A idéia é fazer um plebiscito nacional sobre a ALCA.

Podemos não apenas discutir a questão da ALCA, mas discutir questões relacionadas, como nós fizemos com a dívida. Podemos debater, por exemplo, dolarização ou moeda única regional. Há o tema do *dupping*, que é um tema conflitivo, que tem que ser enfrentado, essa idéia de que não é uma simples instrumentalização norte-americana dizer que deterioramos a natureza, usamos mão-de-obra infantil e mão-de-obra mal paga. Até porque quem faz isso, em grande parte, são empresas norte-americanas. Então, podemos fazer uma boa aliança, uma boa discussão com o movimento sindical americano e enfrentar essas questões.

Por isso, eu acho que é um tema importante. O Saturnino está pensando, inclusive, em inserir no projeto o tema do plebiscito

na eleição presidencial, na mesma data, o que eu considero uma boa idéia pois obrigaria todos a se manifestarem, elevando esse tema à condição de *tema nacional*. Coisa que tem razão de ser, eu acho. A inserção internacional do Brasil vai definir um pouco o nosso futuro. Se não for aprovado, nós podemos fazer uma convocação como fizemos com o plebiscito da dívida externa. Fazer um movimento popular que discuta a ALCA e a importância da inserção internacional, no Mercosul e na ALCA. E lutar por aquilo que é nosso objeto, uma outra integração, de uma outra ordem, que não seja apenas da região sul do continente, que não seja apenas comercial, que tenha todos os âmbitos de uma integração efetiva, que seja cultural, que seja social, que seja informativa, que seja tecnológica, que seja esportiva e tudo o mais, que seja, sobretudo, política.

Trata-se de um tema candente que tem a ver com o horizonte histórico da América Latina, mas que tem a ver com a luta política imediata. Projetos nossos, diferentes dos projetos que não tocaram na questão da América Latina, na reinserção do Brasil como um país que tem potencial de liderança internacional importante, na renegociação da dívida, pelo menos na renegociação da dívida. Se dizem que o Brasil vai retomar o processo de desenvolvimento com esse grau de endividamento, com o fluxo de capitais financeiros "carnavalesco" que existe no país, com a ALCA se consolidando, estão falando mentiras. Trata-se, na verdade, de consolidar a inserção subordinada do Brasil; nossa pauta passa a ser, definitivamente, uma pauta de país primário-exportador e assim por diante. O Chile, que foi sempre laboratório de experiências políticas da América Latina, tecendo as grandes experiências positivamente antes do que os outros

– o movimento operário supercombativo, frentes e governos populares –, passou a fornecer os exemplos negativos, Pinochet e coisas do tipo. Era um país medianamente industrializado e passou a ser uma país primário-exportador, dependendo basicamente da pauta exportadora e dos produtos agrícolas, coisa que não está fora do horizonte dos outros países do continente.

O horizonte, o futuro dos países do continente está jogando-se aqui. Nós temos um tema que é latino-americano, que tem a ver diretamente com os nossos destinos. Eu acho que podemos transformar isso num debate não apenas teórico, mas amplamente político. Obrigado.

Luiz Gonzaga Mota – Eu queria parabenizar os organizadores do evento e a mesa pelas palestras desta tarde. Eu acho que foram não só informativas, conforme o Roberto já disse, como, na verdade, foram esclarecedoras nessa questão que estamos discutindo aqui. Também, não é para menos, considerando que estão na mesa Ianni, Hector, Theotônio e Emir Sader, que são, na verdade, parte dos meus gurus. Porque eu leio na mídia o Ianni, o Hector, o Theotônio e o Emir e saio repetindo por aí. Eu entendo que todos eles, apesar de serem pessoas que hoje tomamos como luz, foram, de certa maneira, bastante pessimistas em suas intervenções. Talvez o Emir Sader tenha matizado um pouco o pessimismo, ressaltando as possibilidades de oposição a essa hegemonia americana no nosso continente, através do Fórum Social Mundial de Porto Alegre, bem como a possível articulação para um plebiscito que seria feito junto com as eleições.

E não é para menos porque, na verdade, o que observamos hoje, a partir desse processo de hegemonia das grandes corporações transnacionais, é uma desarticulação das oposições, especialmente nos países periféricos. Embora não seja só aqui mas também nos países centrais, sobremaneira nos países periféricos há uma desarticulação das oposições, especialmente pelas intervenções que esse processo faz no tocante ao trabalho, desarticulando os sindicatos – algo que eu mencionei de passagem ontem –, o que faz com que as pessoas fiquem com medo porque quem está trabalhando receia perder o emprego, quem está desempregado teme não voltar. Então, isso desarticula esses movimentos de resistência. É o que a gente nota inclusive nos partidos de oposição nos países latino-americanos, embora eu acredite que haja algumas exceções.

A minha pergunta para a mesa, para os quatro palestrantes, se quiserem comentar, refere-se a alguns movimentos, digamos, senão contra-hegemônicos, pelo menos com sinais ou com o simbolismo de uma contra-hegemonia, como, por exemplo, o governo do Chávez, na Venezuela, e o Movimento Zapatista, em Chiapas. Então, como é que os conferencistas entendem esses tipos de movimentos? Qual é o sentido deles como movimentos de contestação, de contra-hegemonia, enfim, de uma articulação limitada, regional ou localizada de resistência?

"Quem faz a opinião pública hoje? Quem traduz a inquietação e o desemprego, o medo em política? Precariamente, podemos dizer que há os movimentos sociais, os sindicatos, os partidos. Mas, substancialmente, é a mídia. E a mídia não tem nada a ver com o povo. A mídia não tem nada a ver com as inquietações e os medos das pessoas. A mídia são as grandes e poderosas corpora-ções. Quer dizer, o lugar por excelência da política hoje é a mídia. A mídia é o príncipe eletrônico".

Octávio Ianni

Octávio Ianni – É claro que já há movimentos, como você mesmo mencionou, contra-hegemônicos ou, como alguns dizem, anti-sistêmicos. São manifestações de vários tipos ou fóruns. O de Porto Alegre foi uma manifestação, mas há várias outras. Já houve, inclusive, greves européias. Há mobilizações de vários tipos no que se refere a movimentos étnicos, movimentos de gênero feminista, movimentos de trabalhadores, sem esquecer Chiapas e outros. Mas eu estou convencido que, independentemente da movimentação em marcha – o que é muito importante para a gente entender o que está acontecendo – e da validade de alguns desses movimentos, eles estão sendo realizados na base de uma total falta de análise. Total falta de análise.

Então são aventuras bonitas, heróicas e equivocadas. Eu acho que é fundamental entender que nós entramos num outro ciclo da

história. Que o palco da história é outro. E eu não sei qual é a realidade, de modo a dizer como se pode atuar, mas para mim é inegável que o palco da história mudou. É importante, então, analisar o que realmente está acontecendo; não só, de fato, explicar e reconhecer que muitas das idéias que nós tínhamos, hoje são de pouca eficácia, mas construir elementos objetivos para que se possa realmente organizar, conscientizar, reivindicar e lutar. Eu acho que uma batalha decisiva vai ser travada com os países dominantes. Sem a batalha nos países dominantes, a emancipação dos países do dito Terceiro Mundo é muito discutível.

Agora, tem outro capítulo que também é complicado. Quem faz a opinião pública hoje? Quem traduz a inquietação e o desemprego, o medo em política? Precariamente, podemos dizer que há os movimentos sociais, os sindicatos, os partidos. Mas, substancialmente, é a mídia. E a mídia não tem nada a ver com o povo. A mídia não tem nada a ver com as inquietações e os medos das pessoas. A mídia são as grandes e poderosas corporações. Quer dizer, o lugar por excelência da política hoje é a mídia. A mídia é o príncipe eletrônico. Quer dizer, é o lugar em que se equaciona metaforicamente aquilo que poderia ser pensado, como soberania, hegemonia, consciência, abstraindo-se o sentido de problemas.

Então, é uma batalha decisiva de como democratizar a mídia e abrir espaços para que realmente expresse problemas, possibilidades, fatos e ofereça elementos para que a opinião pública possa formar-se. Na medida em que há um monopólio extremamente forte, não total, mas significativo monopólio por parte

da mídia, formando e deformando a opinião pública, estamos sem saída.

Portanto, vejo dois problemas. Um de cunho propriamente científico, que é analisar o que está acontecendo e entender quais são os processos que se estão desenvolvendo na atualidade, quais são as estruturas de poder. Hoje nós estamos num quadro em que há estruturas mundiais de poder que são decisivas. Está no jornal de hoje que o funcionário do Malan[22] está correndo para o FMI, para o Banco Mundial, para dizer: "Olha, com a crise de energia e a falta de chuva, agora o plano precisa ser mudado; como é que vocês querem que nós mudemos o plano?" Essa é a realidade, ele foi lá para pedir. Quer dizer, há estruturas mundiais de poder que são realmente poderosas; as classes dominantes têm órgãos extremamente eficazes, os escritórios de classificação dos países. Imaginem o que é isso. As revistas, como a *Economics*, são decisivas na formação da opinião pública das classes dominantes. Então nós temos um quadro que, a meu ver, é novo, complicado, que é pouco conhecido, principalmente por aqueles que se colocam como alternativa.

E há esse desafio pois a mobilização das pessoas, dos grupos, das categorias sociais fica realmente difícil, com sérias limitações porque o lugar da política hoje é a mídia. E a mídia é um complexo, um conjunto de monopólios, de grandes corporações. Eu queria ler uma notícia sobre o Oriente Médio e queria saber qual é a agência noticiosa. Se é *France Press*, se é a *Ásia Press*, o que seja. Hoje os jornais não dão mais satisfação. E alguns jornais são tão, vamos dizer,

[22] **N. do E.** Refere-se a Pedro Malan, ministro da Fazenda do governo Fernando Henrique.

indiferentes à opinião pública que, por exemplo, colocam uma chamada que diz assim: "Notícia sobre um assunto grave no Oriente Médio – redator de plantão." Isso quer dizer, na linguagem do jornalismo, que é uma coisa da redação, feita às vezes por jornalista que não sabe onde está o Oriente Médio. Um jovem está começando a trabalhar e o chefe da redação diz: "Olhe, está lá um assunto no Oriente Médio, você pega o computador, a *Internet*, pega o que tem e faça uma matéria." Como é que se forma a opinião pública desse jeito? Impossível. Eu sou muito pessimista.

Hector Schmucler – Esse tema é pessimista ou otimista?
Octávio Ianni – É bem realista.

"W.Benjamim alertou, à sua maneira, que talvez a verdadeira revolução não seja seguir com a locomotiva, mas colocar um freio na locomotiva. Talvez a revolução seja colocar um freio nesse progresso que está fundamentado no nosso pensamento como o único caminho possível. O melhor talvez seja buscar as formas de darmos o exemplo, formas de coincidência de pensamento que não passam necessariamente por pactos comerciais, mas por pactos das aspirações comuns dos seres humanos".

Hector Schmucler

Hector Schmucler – Isso. Esta história é conhecida, de que um copo com metade de água para os pessimistas significa que está vazio e para os otimistas significa que está cheio. Mas eu creio que o problema não está em ser pessimista ou otimista. O otimismo – vou usar uma metáfora que já usei – é a linguagem dos embaixadores. Eu sou totalmente contra esse otimismo, pois é um otimismo que trabalha a favor do pessimismo. Trabalha enquanto vive a realidade de seus conceitos. Não queira dizer mais do que isso. Não sou contra que as coisas caminhem bem, mas sou contrário a dizerem que as coisas andam bem quando, na verdade, andam mal; e é nesse aspecto que coloco que o otimismo trabalha para o pessimismo.

Todos conhecem a sátira e esse paradigma de otimismo, um clássico da literatura mundial que se chama *Cândido ou o otimismo*, do Voltaire. Uma história maravilhosa, muito divertida. Por que cito? Porque depois de conhecer tudo daquele personagem, ele termina perguntando se ele é otimista e o que é otimismo? E ele responde: "Otimismo significa tudo que vai bem quando tudo vai mal." Eu creio que a pior atitude que podemos tomar é uma espécie de crença infundada em que tudo pode ir bem. Não concordo, pois creio que deve partir-se da base, que é pessimista. Eu preferiria dar outro nome, trágica. Trágica no sentido forte da palavra, em que a coisa pode ir mal. Creio que se tem construído um pensamento, uma história, – há mais ou menos uns dois séculos e meio – que é a idéia de progresso, que tem uma grande expressão na história e na ciência.

O progresso e a evolução não tem muita diferença; crê-se que sempre estamos melhorando. Caso algo falhe, necessariamente vamos procurar um remédio. Então, por que vamos nos inquietar?

Esperamos – pois o que poderemos fazer senão esperar? – que as coisas sigam seu caminho predestinado. Mas eu não acredito que tenhamos um caminho predestinado, nem a maior infelicidade nem a total felicidade. Acredito que tudo isso são vivências dos seres humanos. Nós, seres humanos, somos felizes e infelizes; temos alegrias e angústias e, na realidade, somos assim. Pretender ser inteiramente feliz é desejar algo inexistente, impossível, como também o é querer ser infeliz sempre, porque ninguém pode viver na pura infelicidade. É por isso que durante a pior das desgraças nós continuamos sorrindo, alegramo-nos, pois nós gostamos de algo, porque, caso contrário, seria impossível viver.

Parece-me que isto que acontece em cada indivíduo também acontece coletivamente; porém está traçado, acredito, um caminho. Eu acredito que as coisas podem andar mal, como vejo que as coisas estão pior agora do que há trinta anos, por mais que a mídia – a grande literatura do mundo, a publicidade – diga que nunca estivemos num momento melhor do que agora. E por que estaríamos melhor? Porque seguimos as idéias de alguns que acreditam num caminho. Por exemplo: estamos melhor porque agora tudo acontece mais rápido. Dei esse exemplo para mostrar que estão querendo incorporar tal rapidez como ideologia coletiva e, observando bem, é muito difícil que alguém diga que não seja positivo o fato de as coisas acontecerem mais rápido; mas não há nada, todavia, que demonstre que estamos mais felizes por isso.

A velocidade não tem mostrado como atua no bem-estar das pessoas. Questiono em que sentido a velocidade, verificada nos meios de comunicação, por exemplo, está contribuindo para o bem-

estar pessoal. A interrogação é legítima quando sabemos que a experiência pessoal autêntica, o grande prazer tanto estético como sexual, não está relacionada à velocidade; é muito mais uma questão de intensidade. É uma questão de se ter tempo *para*. Por exemplo: ao ler um poema, necessitamos apurá-lo; ao comer uma comida, necessitamos degustá-la. Bem, todos esses exemplos são simples, porém são situações fundamentais para o bem-estar dos seres humanos.

Para mim não interessa um mundo como uma máquina que funciona bem, onde os seres humanos têm que existir e depois vão deixar de existir, uns por que morrem e outros porque deixam de ser humanos, por exemplo, pelo projeto fantástico de gerar artificialmente seres iguais aos humanos. Não se trata de ficção, pois já estamos vivendo isso, já somos um pouco artificiais não só por questões biológicas. Ninguém mais sabe com quem se está falando. O rosto do outro, por exemplo, é um rosto fabricado que se oferece no catálogo. Com quem falamos? Sabemos que uma das grandes indústrias contemporâneas é a fábrica do corpo humano.

Quer dizer, essa é a cultura que estamos vivendo hoje, então não podemos ser otimistas. Por exemplo: eu vim de Córdoba para São Paulo em três horas; eu não sei, francamente, se sou mais feliz por isso ou se preferiria vir mais demoradamente, apreciando todo o território. Com isso, creio que não nos podemos deixar fascinar por um mundo que apresenta que tudo que avança é melhor para todos. Não sei, não estou convencido, mas tampouco digo o contrário; não estou tão convencido de que necessariamente tudo caminha para o bem do ser humano. Insisto que o mesmo se passa com a sociedade, ou melhor, também caminhamos para uma sociedade desumanizada,

na qual o que pensamos como características do ser humano pode ser induzido. E é nesse sentido que digo isto: não posso dizer que caminhamos bem, acredito que caminhamos muito mal.

Por outro lado, se podemos perceber que marchamos mal, podemos melhorar; pois o terrível é quando não nos damos conta de que marchamos mal. No último caso, vamos para o abismo sem saber disso. Isso é perceptível não só entre nós, Brasil e Argentina, como no mundo inteiro, e estamos indo para um abismo com a idéia de que estamos indo para uma festa. E creio que é a ironia maior da história, nós esperamos a luz e, na realidade, temos a catástrofe. W.Benjamim[23], esse grande pensador, num momento bastante trágico de sua vida – um ano depois veio a suicidar-se – alertou, à sua maneira, que talvez a verdadeira revolução não seja seguir com a locomotiva, mas colocar um freio na locomotiva. Talvez a revolução seja colocar um freio nesse progresso que está fundamentado no nosso pensamento como o único caminho possível. O melhor talvez seja buscar as formas de darmos o exemplo, formas de coincidência de pensamento que não passam necessariamente por pactos comerciais, mas por pactos das aspirações comuns dos seres humanos.

Para responder mais precisamente à pergunta do Gonzaga, parece-me que todo movimento de resistência é magnífico. E, como colocou Gonzaga, que não nos equivoquemos com os movimentos

[23] **N. do E.** Walter Benjamin (1892- 1940). Pensador judeu alemão. Filósofo e crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte, integra, ainda que de modo controverso, a chamada "Escola de Frankfurt". Autor de, entre outros, *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica* (1936).

de resistência que se exercem na virtualidade *midiática*. Eu acredito que possa ter a ver com inspiração, porém não creio; são movimentos que parecem resistir, mas não se efetivam na existência, tornam-se artificiais. E, insisto, gostaria muito que existissem, porém, temos sempre que questionar. Eu creio que a grande resistência está no ato de questionar, e talvez tenhamos que resistir para deter a marcha do mundo, deter esse ritmo pernicioso que nos impede de pensarmos em nós mesmos como seres humanos. Esse é meu maior otimismo. Não que creio que existam movimentos que vão dificultar os processos dominantes; creio que podemos pensar e criticar esses processos dominantes. E o melhor é que podemos enfrentá-lo com formas não apenas de resistência, mas com formas de construção positiva de outro mundo, de outra vida para nós, seres humanos.

Público – Tenho questões sobre a imprensa, sobre a mídia. A televisão, por exemplo, na cobertura dos problemas do Oriente Médio. Apesar de todo o filtro da CNN e das agências internacionais, ela mostra, ela tem texto dizendo uma coisa e uma imagem que desmente o texto. Eu acho que as pessoas não são bestas, elas vêem aquilo e percebem que tem alguma coisa estranha. Então, eu não acredito muito nesse poder tão grande assim da mídia. Por exemplo, ele não citou o MST, e eu acho que o MST é uma coisa muito importante para se considerar nessa discussão agora. No ano passado, um pouco antes e durante o segundo turno, quando o PT estava na disputa em várias capitais pelo país, a TV Globo fez uma campanha sistemática contra o MST, para interferir, lógico, nas eleições. Não deu em nada, o PT foi eleito em várias capitais. E

sobre essa coisa da mídia: hoje há grupos culturais apresentando uma certa resistência cultural, rejeitando a mídia, não dando entrevistas e, apesar disso, continuam existindo, além da mídia. São, por exemplo, os grupos *rappers*. Eu queria saber, neste contexto, como a gente explica isso?

> *"Antes a gente sabia como se organizava a acumulação de força: luta social, sindicatos, partidos, greve, eleição, insurreição, qualquer que fosse a via, sabia como é que se fazia. Hoje mudou isso. Até porque mudou a relação entre o político e o social. O social está relegado. Quer dizer, socialmente, há uma rejeição do neoliberalismo."*
>
> **Emir Sader**

Emir Sader – Eu acho que o essencial foi dito. Mas eu considero que o século XX mostrou para a gente que não há nenhuma lei inelutável da humanidade, nem é verdade o lema segundo o qual *o mundo caminha para o socialismo*. Também não está muito calcado ao capitalismo. Uma parte da humanidade rompeu com o capitalismo e uma parte dessa parte voltou ao capitalismo. Então, na verdade, a história é um processo aberto, não se pode fazer tudo o que se quer a qualquer momento mas, no fundo, é a chamada luta das classes que vai decidir o caminho dela.

Eu acho que o balanço de Porto Alegre, por exemplo, é uma fotografia do que se tem hoje. Desde Seatle, mudou muita coisa no

mundo. A OMC tentou fazer sua reunião em Seatle, que é a capital da pós-modernidade, não deu. Tentou todos os lugares. Você sabe aonde ela vai fazer? Numa cidade chamada Doha, da qual ninguém ouviu falar, capital do Catar, onde não há hotéis. Eles vão alojar-se em porta-aviões norte-americanos. O clima mundial mudou. Eles não podem fazer o que querem.

Agora, desde então, depois de Porto Alegre, não deixou de circular um tostão no mercado especulativo. Não mudou um governo com posições melhores. Nenhum governo mudou de posição. Então, se fizermos um balanço de Porto Alegre, na verdade temos uma certa força social, uma força moral, porque os grandes temas da humanidade são discutidos em Porto Alegre e não em Doha.Há uma certa força teórica de elaboração, mas quase nenhuma força econômica e força política. Isso nos falta. Antes a gente sabia como se organizava a acumulação de força: luta social, sindicatos, partidos, greve, eleição, insurreição, qualquer que fosse a via, sabia como é que se fazia. Hoje isso mudou. Até porque mudou a relação entre o político e o social. O social está relegado. Quer dizer, socialmente, há uma rejeição do neoliberalismo.

Agora, na verdade, é preciso considerar a política de manipulação, inclusive em relação ao que foi dito aqui, em termos de mídia e formação de opinião pública, com sua capacidade de chantagem que elege e reelege, com o fantasma da inflação e tudo mais. E isso dá uma certa força. Hoje é difícil se eleger alguém que não diga que vai incorporar a estabilidade monetária. Quem incorporar, fica com o maior desgaste, como é o caso do De La Rúa, na Argentina, e como pode ser do Ciro Gomes, no Brasil. Mas

quem não for, tem que ter um discurso que, na verdade, mude a forma de pensar, o imaginário da opinião pública.

Então, eu acho que hoje nós temos muitas coisas acumuladas. Eu acho que Porto Alegre (*o Fórum Social Mundial*) pode ser importante se tiver formulações estratégicas programáticas, porque tem duas verdades históricas no marxismo que estão um pouco esquecidas. Primeiro, sem teoria revolucionária não há prática revolucionária ou, como diz o Ianni, é preciso entender para onde se vai, senão pode-se estar indo para o caminho errado. Então a crise geral da esquerda também é uma crise teórica; não vai ser resolvida pelos intelectuais, senão estaria resolvida com a USP. Mas é a partir da reflexão sobre a prática intelectual e política que se reformulam os horizontes de luta. Em segundo lugar, numa sociedade de classes, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante. Quer dizer, precisa mudar a cabeça das pessoas, senão não muda a sociedade. Não basta juntar apenas votos, tudo isso. Se jogar um conceito passivo com relação às organizações municipais, a gente não ganha. São necessárias as transformações e rupturas, e essas têm que ser tão grandes que é preciso um apoio maciço e ativo em relação a isso. Então eu acho que tem que se pensar como se acumula, como é que se constrói uma hegemonia alternativa.

O Boaventura[24] tem coisa muito importante. Ele tem um projeto feito em seis países diferentes, em três continentes, sobre

[24] **N. do E.** Boaventura de Sousa Santos, nascido em Coimbra no ano de 1940, é doutor em soeiologia pela Universidade de Yale e professor na Universidade de Coimbra. Participou com entusiasmo das edições do Fórum Social Mundial de Porto Alegre, engajamento expresso em sua obra *Fórum social mundial: manual de uso* (2005). É autor ainda de vários livros que interpretam a realidade contemporânea, como *Pela mão de Alice* (1996) e *Introdução a uma ciência pós-moderna* (2000).

alternativas existentes, formas de produção alternativas, o que ele chama de novo internacionalismo operário, de articulação do movimento operário, de questões ecológicas e outras em que há aportes importantes. Nenhuma delas é hegemônica, nenhuma tem um projeto de rearticulação do mundo, mas são sintomas significativos. Eu acho que, de fato, é preciso ser pessimista em termos, nos termos de Gramsci, para quem a razão seria pessimista e a vontade seria otimista, porque há elementos que nos incentivam.

Quanto à questão do Oriente Médio, eu tive uma experiência de 4 anos de comentário internacional na *Globo News*. Interessa o Oriente Médio porque interessa, para a televisão, a imagem. E as imagens são acachapantes, como você diz. É a colonização do território palestino por Israel. No jornal, não. No jornal é assim: "Morta uma professora israelense de nome tal e oito palestinos." O palestino é reduzido a um animal, não tem identidade, não tem nada. A matéria escrita reduz tudo, como se fossem duas forças se enfrentando, e não são. É um massacre, como a Iugoslávia foi um massacre, o Iraque foi um massacre; não é uma guerra. Não estou dizendo que não há mortos do outro lado.

Então, essa vantagem a televisão tem, embora tenha o aspecto do impressionismo também. A África é massacre, massacre, massacre, conflitos, não tem jeito; quer dizer, há essa ambigüidade da imagem. No caso da Palestina, estou de acordo com você; aparece a imagem que desmente e, diante disso, o jornal pode ser o negócio mais achatado, sugerindo que *são duas forças igualmente em combate*. Basta dizer que a temática é a violência dos palestinos: "Parem com a violência que a gente volta às negociações." Na imprensa, então, o MST introduz uma violência no campo do Brasil.

Agora, se levarmos em conta que o MST perdeu o debate sobre a violência, nós da esquerda perdemos. Criminalizaram o MST, falando diariamente que é violento, que a reforma agrária tem que ser feita sem violência e sem ocupação. Depois fazem pesquisa de opinião pública e dá o resultado esperado, ou seja, é como divulgar ostensivamente que o OMO é o melhor sabão em pó e depois encomendar uma pesquisa de opinião. Claro que vai dar o OMO. Essa batalha foi perdida por ser muito desigual.

"Essa esquerda acha que vai ganhar com um bom marketing eleitoral, contratando não sei quem, o candidato mais potável, o Duda Mendonça, etc. e tal. Isso está errado. Toda vez que a esquerda teve um bom desempenho foi porque ela mudou a opinião pública, fez luta de massa, luta social, luta cultural, e mudou os valores. Se a esquerda ganhar no ano que vem (2002) com o clima de hoje, ela será derrotada. Porque ou ela capitula, ou ela vai colocar em prática uma política de rupturas necessárias no plano interna-cional e nacional no qual ela não vai ter apoio popular, porque o apoio passivo de ir, votar e volta para casa é um consenso passivo, não é a mobilização, não é o engajamento. Não é a massa o protagonista desse processo."

Eu acho que a mídia tem um enorme papel de formação de opinião pública. Agora, estou de acordo com você. Se eu aplicasse esquematicamente essa crítica, não trabalharia durante 4 anos no

Globo News com 3 minutos para comentar. Dá para dizer que a hegemonia norte-americana é fundamental no mundo contemporâneo. Fazer passar isso, ajuda. Devo dizer que fui mandado embora pelo chefe; não se faz tudo o que se quer. O único setor organizado, que pressiona a opinião o tempo todo, é esse. Mas eu acho que tem que ocupar esse espaço e disputá-lo, sabendo que a hegemonia é deles. Hoje temos uma esquerda que não tem sua imprensa própria, não tem nenhum semanário, semanário de banca, maciço.

Essa esquerda acha que vai ganhar com um bom *marketing* eleitoral, contratando não sei quem, o candidato mais potável, o Duda Mendonça, etc. e tal. Então, isso está errado. Toda vez que a esquerda teve um bom desempenho foi porque ela mudou a opinião pública, fez luta de massa, luta social, luta cultural, e mudou os valores. Se a esquerda ganhar no ano que vem *(2002)* com o clima de hoje, ela será derrotada. Porque ou ela capitula, ou ela vai colocar em prática uma política de rupturas necessárias no plano internacional e nacional no qual ela não vai ter apoio popular, porque o apoio passivo de ir, votar e voltar para casa é um consenso passivo, não é a mobilização, não é o engajamento. Não é a massa o protagonista desse processo.

Então, eu acho que a mídia tem papel importante, mas fica dependendo do que a Folha de São Paulo acha que deve publicar. Bobagem, a discussão sobre ética. Desculpe, Marilena Chauí, mas eu acho que discutir ética na política, naquele plano, é desmoralizar a discussão sobre a ética, é discussão uspiana, no pior sentido da palavra. A massa de leitores da Folha de S. Paulo não entende aquele debate. Parece que Gianotti e Marilena são duas teses; assim como eu achar uma coisa e o Theotônio achar outra. Eu posso ter razão e

ele pode ter razão. Não é isso. São interesses sociais, são *Brasis* diferentes. É uma luta de poder, luta de interesses socialmente criados. Não se trata de desqualificar a luta teórica, mas tem que remeter a isso, senão o Gianotti é tão coerente quanto a Marilena. Está errado discutir nesse plano. Desmoraliza o debate teórico, desmoraliza a filosofia, a Universidade de São Paulo e a intelectualidade brasileira. Uns ficam filósofos e outros, menos.

Octávio Ianni – Isso dá uma dignidade ao que é privatização do Estado, ao que é corrupção das elites tradicionais, com a utilização, porém, de categorias mais sofisticadas. Aí prefiro meu primo Zé Simão, que fala mais da realidade política. É um primo da família que deu certo.

"Não podemos permanecer na defesa de uma burguesia nacional e dos interesses de um desenvolvimento econômico que não é propriamente desenvolvimento econômico, que, inclusive, manteve-nos nessa situação até hoje. Porque, de fato, a essência da nossa política, que nos levou ao subdesenvolvimento, é que nossa classe dominante se apoiou sempre nas condições de trabalho mais precárias e competia na economia mundial a partir dessas condições de trabalho de exploração, ou seja, a sobrexploração da classe trabalhadora de nosso país é instrumento de negociação e de participação na economia mundial. Nós não podemos ficar nessa dimensão."

Theotônio dos Santos

Theotônio dos Santos – Eu queria fazer uma referência, porque eu acho que há momentos históricos em que o processo de desenvolvimento, o avanço da humanidade, é um processo de acomodação e é cíclico. É muito difícil sustentar um tipo de transformação mais radical. Em 1840-50, diríamos que a revolução democrática no mundo estava sem perspectivas, pois a restauração estabelecida na Europa tinha acabado com todos os regimes democráticos, eleitorais, etc. No entanto, era simplesmente um momento que anunciava a perspectiva da revolução de 1848, os movimentos posteriores, a Comuna de

Paris e, por fim, nós concluímos o século 20 com uma generalização dos princípios da Revolução Francesa.

Isso foi feito com avanços e retrocessos e eu acho que, sobretudo nos momentos de crise aguda do sistema econômico mundial, o capital tem que agir com muita violência para poder garantir a sua recuperação das condições de acumulação. Nós vivemos isso nos anos 20, no fim da Primeira e no início da Segunda Guerra Mundial. Nós vivemos retrocessos terríveis. Por exemplo, conseguiu-se ocultar da humanidade por muito tempo o papel do trabalho escravo no regime nazista. Na verdade, nós sabíamos disso e sabíamos da extensão do problema. Hoje, fala-se em 20 milhões de escravos durante o regime nazista. Um processo brutal, retomar-se a escravidão no centro da economia mundial.

Formas de escravidão brutais porque não davam às pessoas o mínimo para a sobrevivência. Nem com a recuperação da mão-de-obra estavam preocupados, porque tratava-se, inclusive, de deixar morrer para depois usar os ossos, o cabelo, os restos orgânicos como matéria-prima. Eu acho que, na década de 80, o triunfo do neoliberalismo e a ofensiva da Sra. Thatcher e do Reagan têm uma dimensão similar à ofensiva do nazismo. Não pôde ir tão longe porque avançamos muito nesses anos, o suficiente para não deixar ir tão longe como foi o nazismo. Eu acho que se eles pudessem, teriam ido mais longe, como de fato tentaram em muitos lugares do mundo e foram derrotados, inclusive na Europa.

Acho que o neoliberalismo já entrou muito seriamente em crise na Europa. Em 96-97, a greve na França, que levou o Partido

Socialista de volta ao governo, com mudança substantiva de política, foi uma derrota definitiva da direita. Na Alemanha, o Kohl tentou impor uma legislação que liquidava com grande parte das conquistas do movimento operário alemão e caiu com um movimento contrário às suas pretensões. Há, é verdade, a tentativa de retomar essa legislação, mas sem êxito. As bases do Partido Social Democrata resistiram e inibiram as tentativas de liqüidação das conquistas dos trabalhadores da Alemanha.

Então, eu acho que há uma resistência hoje no mundo e concordo muito com a afirmação do Ianni de que o centro é fundamental. Essas formações e as lutas que se estão travando no centro são muito fortes. São lutas muito duras que se estão travando, apesar de aparecerem para nós como se nada de significativo estivesse ocorrendo. É que, para nós, é muito difícil perceber as diferenças que estão em choque, e mesmo entre eles não há clareza sobre o grau de contradição que está desenvolvendo-se dentro das sociedades européias, bem como na norte-americana e na japonesa. Há uma situação de tensão social extremamente profunda. E, nessa perspectiva, há um movimento político com o qual é importante nos articularmos. De alguma maneira, o elemento de Seatle que se desenvolve com Porto Alegre é a descoberta disso, de que há um campo comum de ação, o qual devemos explorar ao máximo.

Nós temos, inclusive, problemas muito graves no caráter nacionalista de nossa esquerda, dificultando-nos a tomada de posições que são muito importantes. Quando os trabalhadores americanos defendem a equalização social no mundo, manifestando-se contrários aos salários baixos, às políticas de mão-de-obra

escrava, ao trabalho infantil – pontuando tais questões como condições para as negociações mundiais –, nossa esquerda tem vacilado, chegando a dizer que isto é uma forma de diminuir nossa competitividade na economia. Como se isso pudesse ser aceito como bandeira da esquerda, aceitar que nossa forma de competir na economia mundial é ter trabalho escravo, ter trabalho de criança e manter baixos os salários. Nós não podemos continuar com posições desse tipo. Temos que recuperar o conteúdo social e de identidade com setores do Primeiro Mundo com os quais partilhamos um campo de ação.

Não podemos permanecer na defesa de uma burguesia nacional e dos interesses de um desenvolvimento econômico que não é propriamente desenvolvimento econômico, que, inclusive, manteve-nos nessa situação até hoje. Porque, de fato, a essência da nossa política, que nos levou ao subdesenvolvimento, é que nossa classe dominante se apoiou sempre nas condições de trabalho mais precárias e competia na economia mundial a partir dessas condições de trabalho de exploração, ou seja, a sobrexploração da classe trabalhadora de nosso país é instrumento de negociação e de participação na economia mundial. Nós não podemos ficar nessa dimensão. Nós temos que encontrar as formas de atuar conjuntamente com os setores progressistas dos países do globo. Vejam que muitos movimentos como o MST, o de Hugo Chávez, os Zapatistas e os indígenas do Equador, bem como movimentos importantes na Ásia, são apoiados por setores dos países desenvolvidos.

Portanto, no momento em que encontrarmos esse caminho, encontraremos uma linguagem comum mundial e uma resposta

também global à globalização dominada pelos interesses do grande capital e pela visão neoliberal. Porque nós não podemos dar respostas com a perspectiva da nossa burguesia local. Não vejo como nós vamos conseguir abrir um caminho de transformação social se ficarmos nessa política, nessa visão estreita do nacionalismo burguês.

Público – Falando das possibilidades do Mercosul, mesmo sabendo que existe uma certa prestação de interesses, principalmente em relação ao capital internacional, há nele uma certa institucionalidade, regras que atrapalham os próprios interesses do capital, do capitalismo organizado, que não é tão organizado assim. Como exemplo concreto, temos a legislação de desembarque, as regras fronteiriças. Sob certo ponto de vista, essas rupturas que são intrínsecas ao próprio mercantilismo do Mercosul, por um lado, podem levar a um buraco mais fundo, como podem levar, ou poderia – aqui está a questão – levar à emergência de um novo modelo. Sairíamos, então, do modelo de regionalidade e talvez voltássemos para um projeto de integração que envolvesse mais do que abertura comercial. Então, a questão colocada é esta: até que ponto essas próprias fissuras dentro do sistema, no que o capitalismo considera mais caro, que é a conquista na abertura comercial, poderiam ser um momento de emergência de um novo padrão de desenvolvimento, menos dependente, menos frágil externamente, que comportasse, talvez, não um projeto nacional, mas um projeto de desenvolvimento em outras bases? Talvez a falência do próprio sistema seja um dado para um novo capitalismo financeiro?

"Agora, como vem ocorrendo simultaneamente o processo de universalização de forças produtivas - que significa também classes operárias, movimentos sociais, movimentos étnicos -, nós temos um horizonte novo de organização, de conscientização e de lutas sociais. Essas lutas jamais poderão ser na forma pretérita, calcadas naquilo que foi bonito no passado. Aquilo que foi bonito no passado, dançou; agora o problema é o seguinte: como criar a nova utopia ou como formular novas utopias? Essas novas utopias têm como matéria-prima este universo, este palco da história; ao mesmo tempo em que se criam inquietudes, aflições excepcionais, criam-se também horizontes".

Octávio Ianni

Octávio Ianni – Gostaria de lembrar algo que é, a meu ver, fundamental e que eu acrescentaria ao que disse o Emir, lembrando que na releitura dos clássicos identificamos contribuições que são muito importantes. O Emir mencionou duas situações importantes e uma contribuição fundamental, na qual eu penso muito, da economia clássica. Há dois processos muito presentes, fortes e decisivos na dinâmica do capital: concentração e centralização.

Então, o que nós estamos vivendo hoje? O Mercosul pode ser um exemplo do novo ciclo de expansão do capital em escala mundial que, traduzindo nos conceitos de Marx, seria de concentração, isto é, reinversão contínua e acentuada, acelerada,

dos lucros dos grandes e da mais-valia, e de centralização, isto é, absorção de capitais periféricos por outros, às vezes na forma de associações. Então, o que está acontecendo é esse processo de concentração e centralização que se desenvolve em escalas local, regional, nacional e mundial. Ganhou nos últimos tempos um dinamismo excepcional. O capitalismo é um modo de produção, mas é também um processo civilizatório que transforma os modos de vida, as instituições, os valores, os ideais. Combina com os locais, modifica os locais, adapta-se aos locais; nós assistimos a isso. O caso do *toyotismo*[25] é muito exemplar, muito ilustrativo, para darmos um exemplo forte. No Japão, o *fordismo* ganhou novos desenvolvimentos e a economia japonesa, o capital japonês desenvolveu novas possibilidades de dinamismo do capital.

Nesse processo, as sociedades locais e nacionais são obrigadas a se reajustar, a abandonar hábitos, convicções. Então, aquilo que se menciona acerca de certas fissuras, de certas resistências, de certos anacronismos que subsistem e que, de certo modo, desafiam o Mercosul e criam dificuldades para a sua constituição, como as idiossincrasias antigas dos brasileiros com relação aos argentinos e vice-versa, isso tudo faz parte de um ciclo civilizatório que está sendo superado, sendo que as sociedades latino-americanas estão entrando em outro ciclo.

[25] **N. do E.** *Toyotismo* foi o nome dado ao modo de organização da produção posterior ao *fordismo* e que foi desenvolvido inicialmente no Japão. Seus princípios e dispositivos estão voltados para adequar a produção de mercadorias às determinações do novo regime de acumulação de capital. Envolve coerção capitalista e consentimento do operário, além de estimular a competição entre equipes de trabalhadores e promover uma maior divisão entre categorias.

Agora, como vem ocorrendo simultaneamente o processo de universalização de forças produtivas – que significa também classes operárias, movimentos sociais, movimentos étnicos –, nós temos um horizonte novo de organização, de conscientização e de lutas sociais. Portanto, essas lutas jamais poderão ser na forma pretérita, calcadas naquilo que foi bonito no passado. Aquilo que foi bonito no passado, dançou; agora o problema é o seguinte: como criar a nova utopia ou como formular novas utopias. Essas novas utopias têm como matéria-prima este universo, este palco da história; ao mesmo tempo em que se criam inquietudes, aflições excepcionais, criam-se também horizontes. E o nosso desafio, enquanto intelectuais, é refletir, analisar e compreender o que realmente está acontecendo.

Imagino o que acontecia no mundo na época do Renascimento. Todos estavam atônitos, como nós. Thomas More escreve a *Utopia* nesse quadro. Em certo momento, na *Utopia*, ele diz que, devido às transformações do mundo agrário, "os carneiros estão devorando os homens." Sabe o que eu digo hoje? Os computadores estão devorando os homens. Não estão? Estão. É uma glória o computador, mas tem muita gente passando fome por aí em decorrência do tipo de tecnificação do processo de trabalho. Precisamos descobrir qual é o modo de *jogar areia* no computador, ou então de fazer o computador funcionar de outro jeito, não como uma técnica de dominação, mas como uma técnica de emancipação.

"E a grande tragédia de todos os partidos de esquerda desse país é terem deixado de ser revolucionários. Nós perdemos a perspectiva da revolução brasileira. Nós perdemos a perspectiva da ruptura. Os nossos partidos e nossos eventuais candidatos têm a perspectiva de governar um pouquinho melhor a administração neoliberal."

Roberto Amaral – Não havendo mais intervenção, cumpro o dever, a honra que me deu a professora Nazareth, de encerrar esta Mesa e encerrar também o Simpósio. Nós, durante dois dias, tivemos duas Mesas com dois grupos de trabalho que desenvolveram o tema geral *Cultura e Comunicação – O Desenvolvimento Sustentado no Mercosul*. Foram desenvolvidas discussões as mais amplas, que, de certa forma, marcaram um arco que possibilitou adquirir uma análise, uma avaliação do Mercosul, não só do que é e do que foi, mas principalmente do ponto de vista prospectivo.

Queria usar duas palavras para este encerramento, para que não fique apenas no elogio à iniciativa de sua promoção. Otimistas ou pessimistas, acho que esta Mesa nos dá uma lição que eu tentaria resumir, ou seja, a lição que estamos colhendo e pela qual, que me desculpem os argonautas, eu diria que resistir é preciso e que, mais que preciso, resistir é possível. Digo essas palavras para que a gente se liberte de certas lições que não sei se são maniqueístas, mas que são certamente pessimistas quando ficam puramente na análise da tragédia.

Como dizia Marx, já que essa é a primeira lição a tomar, o mundo já está cansado dos filósofos e da brutal realidade. Eu estou repetindo Marx por outras palavras. Acho que esse é o momento de parar um pouco, como a observação oportuna que o Emir Sader fez sobre a discussão artificial dos dois grandes filósofos desta casa. Eu acho que esse é um grande momento de os militantes mudarem a realidade. Certamente podemos recordar, em outras palavras, o que nos ensinou Octávio Ianni: "Se nós não sabemos bem para onde estamos indo, vamos para o caminho errado." O importante para conhecer a realidade é construir o caminho. E nesse ponto é que se colocam os esforços das nossas instituições em promover este debate.

Mas eu não poderia concluir sem fazer uma referência a uma fixação minha, a uma obsessão minha que foi levantada aqui por quase toda a Mesa. Nós, da esquerda, ou tomamos consciência, principalmente a partir da queda do Muro de Berlim, que nós perdemos a guerra ideológica e fazemos a discussão da forma e do mecanismo dessa derrota, ou dificilmente nós construiremos uma alternativa para nossos países e para nossos povos. É preciso lembrar inumeráveis vezes, repetir cem vezes que não adianta juntar votos. A grande batalha de 2002 não é a que supomos estar começando, não é uma batalha puramente eleitoral. Nós seremos profundamente derrotados em 2002 se, ganhando as eleições, não tivermos vencido o debate político.

E nós estamos nesse momento também no debate político. Há numerosas razões pelas quais não queremos esgotar nem esta intervenção, nem num seminário como este. Quando se chega à minha

idade, já se pode falar da minha geração. A minha geração, praticamente a mesma de todos os componentes da Mesa, foi construída na grande esquerda. A de hoje pretende ganhar eleições, mudar o governo e fazer alterações no mecanismo de poder sem travar a luta ideológica, sem ter um centro de reflexão como a minha geração tinha no velho e saudoso ISEB, que tentou e ousou construir um projeto nacional que hoje nos faz tanta falta.

A esquerda dessa geração conheceu a imprensa. Primeiro, uma transformação do monopólio da comunicação no mundo e no Brasil. Não apenas um monopólio empresarial, mas o pior dos monopólios que nós estamos enfrentando hoje, que esmaga a esquerda brasileira, é o monopólio ideológico; o que o Muniz Sodré falou sobre o monopólio da fala, o monopólio do discurso, da vontade, da evolução. Eu não diria mais nada além do que foi dito aqui, principalmente pelo Ianni e pelo Emir Sader, sobre o que é essa manipulação. Nós ontem discutimos e parece que não é manipulação, porque a idéia de manipulação supõe intervenção no processo e, na verdade, é a própria construção da realidade. Mas nós tiramos disso tudo o grande desafio da construção, da militância e da reflexão.

E a grande tragédia de todos os partidos de esquerda deste país é terem deixado de ser revolucionários. Nós perdemos a perspectiva da revolução brasileira. Nós perdemos a perspectiva da ruptura. Os nossos partidos e nossos eventuais candidatos têm a perspectiva de governar um pouquinho melhor a administração neoliberal. E aqueles que tentarem, mantidas as condições do debate de hoje, fazer uma modificação, que tentarem operar a ruptura, serão

derrotados porque não fizeram a discussão na sociedade e não têm amparo para tanto.

Sem ser otimista e nem pessimista, nós temos de romper com a tragédia de hoje que consiste em fazer um governo, como o de Allende, que ousou para além da correlação de forças, ou como o governo do De La Rúa, que começa recuando para o governo Menem. O povo argentino renova com De La Rúa e é governado com o que sobrou de Menem. Não pensemos que dessa tragédia argentina estamos longe. Precisamos envolver a universidade e a sociedade brasileira num grande debate. Obrigado a todos.

gráfica e editora
São Paulo

EDITORA OFFSET SÃO PAULO LTDA.
Rua Cel. João de Barros, 360 - Centro
CEP 37900-010 - Passos - MG
Telefax: (35) 3521-6153